

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DOS SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

ROCHELE CRISTINE BAGATINI

**ENTRE OUTRAS MIL**

Porto Alegre  
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

ROCHELE CRISTINE BAGATINI

**ENTRE OUTRAS MIL**

Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Escrita Criativa, para obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno  
Orientador

PORTO ALEGRE  
2019

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Bernardo, pela generosidade e leveza com que tornou possível seguir em frente.

Ao professor Guto Leite, minha referência, o mestre que ilumina os motivos pelos quais me dedico à literatura.

À família GPELE, muito mais do que um grupo de estudos, por me darem confiança e por construirmos livremente – e desavergonhadamente – ideias sobre a literatura e a vida.

À Caroline Ravasio, por me lembrar de onde eu venho e por ter criado comigo o primeiro argumento desta novela.

Ao Gustavo Czekster, pela amizade, paciência, disponibilidade, sabedoria literária e entusiasmo com as minhas histórias.

À Gabriela Silva, pela gentileza e desprendimento em compartilhar seus conhecimentos na preparação para a prova.

Às amigas e aos amigos que fui arrecadando pela vida e estão comigo até hoje, sempre presentes, me aguentando falar sobre minhas personagens ou, simplesmente, me aguentando.

Aos professores e aos colegas que se tornaram amigos e me ajudaram a fazer esta experiência mais profunda. Sobretudo a turma de 2017: Bibiana, Frederico (e Renata), Gabriela, Andrezza, Fernando, Gisela, Sara e Stefanie, que não me deixaram desamparada.

À minha família, especialmente meus pais e meu irmão, por estarem sempre comigo e aceitarem com amor as minhas escolhas.

Ao meu cão, Pudim, pelos passeios que deixei de fazer e pela atenção que não pude dar, por estar sempre ao meu lado, ser meu guardião.

Ao Christian, que na reta final trabalhou comigo incansavelmente na preparação para a defesa, na revisão, e, sobretudo, na discussão de todas as questões que envolveram essa dissertação.

E à PUCRS, agradeço imensamente, por ter me escolhido na seleção para que eu tivesse a honra de viver e aprender tanto nesta morada.

Obrigada demais, foi uma louca experiência!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	03
RESUMO.....	05
ABSTRACT.....	06
ENTRE OUTRAS MIL: A novela.....	07
ENSAIO TRAMADO.....	88
Introdução.....	89
Primeira parte: escolhendo modelo, materiais, cenário	
1.1. Um modelo que aqueça.....	90
1.2. Moldes, novelos e agulhas.....	92
1.3. O afeto: as mãos que tricotam.....	97
1.4. A poltrona na sala: cenário social.....	101
1.5. Arremate: O título.....	104
Segunda parte: em busca da subjetividade	
2.1. História Oculta, Cadafalso e Centro Secreto.....	104
2.2. Centro e desdobramento do tempo.....	112
REFERÊNCIAS.....	116

## RESUMO

Este trabalho é composto por duas partes. A primeira é constituída da novela *Entre outras mil* que conta a história de Raquel, casada com Carlos e filha de Sueli. Uma interiorana remediada que luta na capital para conseguir passar no concurso de juíza. Leva uma vida corrida e apática ao lado do marido, quando a mãe, que sumiu do interior sem deixar rastro, na época em que Raquel era adolescente, reaparece depois de vinte anos. A mãe quer levá-la para contar a história da separação ao vivo, na televisão, num Especial de Dia das Mães. A trama conta com uma personagem que é revelada apenas pela memória das protagonistas, a mística tia Neusa, fio condutor do afeto entre elas. Ambientada em Porto Alegre, mas com passagens da infância de Raquel no interior, a trama rememora o auge da televisão, sobretudo das telenovelas, e como isso atravessa as personagens. A segunda parte é o *Ensaio tramado*, ensaio sobre a feitura da novela, intimamente entrelaçado a ela. Nele exponho acertos e erros no processo criativo, e os caminhos tensivos pelos quais passei para desenvolver a forma e o conteúdo. O ensaio também é composto de duas partes. A primeira tenta estabelecer o processo sobre os elementos da novela: enredo, tempo, narrador, tom, cenário social, e, também, as pesquisas sobre a relação mãe e filha para construção das personagens. A segunda, trata da desconstrução do processo criativo numa tentativa de buscar pelo centro secreto do texto, a intenção fixa subjetiva que suporta a trama.

Palavras-chave: Novela. Literatura brasileira. Telenovela Brasileira. Relação mãe e filha na ficção.

## ABSTRACT

This work is composed by two pieces. The first one is constituted by the novel *Entre outras mil* that reports the story of Raquel, married to Carlos and daughter of Sueli. A country girl, from a lower-class, that struggles to win the approval of a judge competition. She lives a rushed and apathetic life besides her husband, when her mother, that disappeared without trace, when Raquel was a teenager, reappears after twenty years. The mother wants to take her to tell their separation story live, on TV, in a Mother's Day special. The plot shows a character that is revealed only by the memory of the protagonists, the mystical aunt Neusa, common thread of the affection between them. Set in Porto Alegre, but with passages of Raquel's childhood in the countryside, the plot recalls the peak of television, above all the soap operas (telenovelas), and how that goes through the characters. The second piece is the *Ensaio tramado*, essay about the making of the novel, intimately interlaced with it. In it I expose my rights and wrongs in the creative process, and the tension paths by which I passed to develop the form and the substance. The essay is also composed by two pieces. The first one tries to establish the process onto the elements of the novel: plot, time, narration, tone, social scene, and, also, the research of the relationship mother and daughter for the construction of the characters. The second piece, treats of the deconstruction of the creative process in an attempt to search for the secret center of the text, the subjective and fixed intention that supports the plot.

Keywords: Short novel. Brazilian literature. Brazilian soap opera. Relationship mother and daughter in fiction.

**ENTRE OUTRAS MIL**  
**A novela**

*Irmão, é preciso coragem.*

*Irmão, é preciso coragem.*

*Irmão, é preciso coragem.*

*Irmãos Coragem*, Nonato Buzar e Paulinho Tapajós (1970). Canção homônima da novela de Janete Clair inspirada em *Os Irmãos Karamazov*, de Fiodor Dostoievski e *Mãe Coragem*, de Bertold Brecht

*Grande pátria desimportante, em nenhum instante eu vou te trair.*

*Brasil, Cazuzá. Trilha de abertura da novela Vale Tudo (1988)*

*“Entre outras mil*

*És tu, Brasil,*

*Ó Pátria amada!”*

Letra do *Hino Nacional Brasileiro* de Joaquim Osório Duque-Estrada (1909)

Uma boca, dois olhos, um nariz, uma testa, um queixo, duas bochechas e está feito meu rosto. Aos pedaços, refletido no espelhinho oval da frásqueira do mostruário, o rosto que eu nunca verei. Assim como todo mundo, nunca vi meu próprio rosto em pele e osso. Só o reflexo no espelho, numa vitrine, uma foto ou um vídeo. Uma imagem chapada estourando na minha mente confusa. Mosaicos coloridos, como as histórias de vida, um caleidoscópio de memórias, pedaços de acontecimentos costurados por sentimentos. Imagens sobrepostas, desfocadas.

Abro os olhos e vejo o rosto inteirinho do Carlos, a realidade nítida e completa na minha frente, sem cortes ou edição. A sobrancelha entrelaça uns pelos mais grossos com outros mais finos acavalados uns nos outros. Os pelos dele mudaram de cor e de espessura nesses oito anos. A boca semiaberta cai um pouco na direção do travesseiro, e os olhos movem-se serelepes por detrás das pálpebras. Ressona. Sonha. Sonha? Acho que ele sente que eu o observo, acorda. Finjo que durmo, não quero levantar, não estou a fim de me agarrar na moto dele hoje. Quando pego carona na garupa, costumo colocar fones de ouvido, fecho os olhos, e vou escutando música até o centro da cidade, sentindo o movimento. Às vezes desperto do transe numa sinaleira e percebo olhos medrosos atrás dos vidros dos carros. Será porque a máscara só deixa os olhos à mostra? O medo do que não se vê. O ronco brutal da motinho. Medo de mim? De mim!

Acompanho todo o ruído que ele faz pela casa antes de sair para o trabalho. Há tempo estamos parados numa casa, sem avançar, sem recuar. A gente cansa de ficar parado tanto quanto cansa de correr. E corre muito para chegar todo dia ao mesmo lugar. Canso de mim e também canso dele. Vivemos em círculos. Não sei se estamos dentro, fora ou fazemos parte dele. Talvez a gente viva numa reta, como quem nada numa piscina. Como um puma solitário que vimos no zoológico. Vai-e-volta. Vai-e-volta.

Ouçõ o Carlos puxar a porta, parece que eu vejo o cuidado dele para não me acordar, e só ouçõ o estalido da língua da fechadura no trinco. Depois de um tempo é a moto que range. Ele dispara primeiro em direção ao dia. Eu o alcanço, quase sempre chego depois. Tenho mais trinta minutos para dormir. Agora que sacrifiquei a carona tenho que pegar o ônibus. No fim,

custa bem mais que os trinta minutos que eu me dei de presente. Às vezes, a vida do sonho é mais alegre e faz diferença num dia ruim. Eu sonho muito.

Sonho que sou juíza. De repente entra no tribunal uma mulher cujo rosto não consigo ver. Eu quero que ela pare de se mexer para eu olhar na cara dela. Ela não para, está agitada. Eu pergunto se ela está drogada e ela me olha bem no fundo dos olhos, eu sei que é minha mãe. O rosto não é dela, mas eu sei que é ela. Eu pergunto: qual é o crime, qual é o crime, alguém pode me dizer qual é o crime? Eu não acho os papéis, não enxergo nada. Mas eu sei que é a troca dos bebês. Que troca dos bebês? De *Por Amor*? A minha mãe foi viver com o filho que sobreviveu. Mas eu também sobrevivi, eu digo a ela. Não faz sentido, mas eu acordo pensando que sei a explicação, ela foi viver com um irmão que eu nunca soube que existia. Eu devo ter um irmão no mundo.

Quando eu tinha quinze anos fui na velha cega da casa de taipa, uma mística conhecida em Ferreira do Meio, onde eu nasci. Fui levada pela minha tia, logo depois do sumiço da minha mãe. Não tenho mais contato com a tia Neusa, mas eu lembro, como estilhaços, as experiências místicas e religiosas em que ela me levou toda infância. Queria me curar de uma doença de pele e saber do futuro. Charlatões, terreiros, paranormais, capelas, pais-de-santo, santos, curandeiros, médiuns, mesas-brancas, tendas, simpatias. Minha tia mapeava todas as cidades ao redor na esperança da graça. Mas foi na casa de taipa que veio a premonição oficial, e definiu um rumo: Atena, deusa da justiça, grandes ideais, carreira no Direito, predestinada; Imperatriz, o retorno da mãe. É mais ou menos o que eu lembro dessa consulta, além dos olhos de lua cheia da vidente. E lembro também que nesse dia, na volta para casa, começou o mantra da tia Neusa: para chegar à universidade, Raquel, tem que ler, ler muito, ler tudo, ler muito de tudo. Ela sempre sonhou com a universidade, mas acho que ainda não conheceu nenhuma. Contudo, a profecia se arrasta há quase vinte anos sem definição. Atena: provisoriamente suspensa. Minha mãe: se retornou algum dia para Ferreira, por sorte, eu já não estava mais lá.

Eu tinha oito anos quando a tia Neusa me levou pela primeira vez em um dos muitos lugares misteriosos onde nos aventurávamos. Não lembro dela me explicando nada, ela mesma não sabia direito as coisas que aconteciam, acabávamos descobrindo juntas, e, a maioria delas, me dava um pouco de medo. Pavor, na verdade. Mas ela fazia tudo parecer uma grande aventura. Eu tinha vitiligo, apareceu de uma hora para outra. O médico disse que não era para a gente se preocupar porque não era grave, nem era uma doença contagiosa. Mas não tinha cura certa, e o remédio algumas vezes não fazia diferença. Era o meu caso. Manchas brancas espalhadas pelos joelhos, pés e mãos, como se tivesse uma tinta branca derramada no chão e eu estivesse de quatro, ajoelhada e apoiada com as mãos. Eu odiava aquilo, não podia usar saias, nem sandálias, não queria que ninguém visse, era muito feio. Eu jamais arranjaría um namorado com aquelas manchas. Por isso eu adorava o inverno, podia usar luvas, e assim eu parecia uma pessoa normal.

A tia Neusa nunca me contou o que pedia nesses lugares, nem se pedia algo, mas ela gostava de ir, se empolgava, se arrumava toda, e tinha fé que eu iria me curar. Eu não lembro dela com nenhum homem depois que meu tio morreu de enfisema. Ele era motorista de ônibus de uma rede intermunicipal e deixou uma pequena pensão. Isso aconteceu tão cedo, que nem deu tempo de terem filhos. Não lembro muito dele, e nem ela falava a respeito. Não era lá grande coisa, ela dizia. Foi surpresa que não precisou dividir a pensão com algum filho. A minha mãe contou que ela teve uma grande paixão, um malabarista que passou pela cidade no Circo da Rússia, que de russo só tinha o nome. A mãe dizia que ela sonhava em ir embora com ele. Nunca soubemos o que aconteceu entre eles. Eu, pelo menos, nunca soube.

De parecidas, as duas irmãs tinham certa pungência pela vida, agora eu noto. A tia sempre gostou de visitar mundos místicos, espirituais, outras dimensões. A dimensão que a minha mãe frequentava era de um tubo grande que transformava sinais eletromagnéticos em imagens visuais e histórias de amor. Sobre os místicos que a Neusa gostava, a mãe dizia: Tudo *Roque Santeiro*, farsa para explorar o povo. Mas a tia também gostava do tubo, assistia ao *Telecurso Segundo Grau*.

O Grande Circo da Rússia parecia mais um dos lugares místicos que frequentamos juntas, eu e a tia. Eu lembro do malabarista. Ele me impressionou por andar com uma pequena

bicicleta em um barbante, preso bem no alto, quase rente à lona. Segurava uma vara imensa para se equilibrar. A tia usava um colar e uns brincos de bolas grandes e vermelhas nesse dia. Eu lembro dela agarrar o colar quando a vara desequilibrou chegando muito perto de nós. Ficou impressionadíssima com ele, um homem moreno, cabelos lisos e leves, meio compridos, magro, alto e vincado.

As duas irmãs eram bem diferentes fisicamente, a tia com cabelos mais claros e ondulados que a mãe, mas as duas eram bonitas, talvez as moças mais bonitas da cidade. Eu ouvi isso alguma vez. Tia Neusa era mais clara que a mãe, tranquila e firme, parecia que nunca olhava para trás, que não se arrependia. Mas ela queria muito ter estudado. Era alta e levemente curvada, e nem um pouco vulgar.

Quase sempre íamos só eu e a tia quando se tratava de locais esotéricos. Precisava usar roupas claras nesse dia de estreia, não no circo, mas nesse lugar misterioso em que ela me levava e que prometia me curar. Minha mãe me vestiu com calças de abrigo cor de creme e um blusão de tricô amarelo, a roupa ficou larga e minha cabeça pequena. Sempre fui magrela como meu pai. Fazia frio, e eu estava de luvas e toca brancas. Esses eventos tinham duas coisas que me motivavam: a possibilidade de me curar e ser igual às minhas colegas; e a presença de outras meninas iguais a mim, com problemas quase sempre piores que o meu. Eu não morreria de vitiligo.

Pegamos um ônibus às cinco da madrugada. Pelas seis horas da manhã, chegamos naquele lugar mais interior que a própria Ferreira. Quase todas as pessoas do ônibus também estavam indo para lá. Quando chegamos, outros já estavam estacionados. Dava para ver de longe um galpão mal pintado, ao lado de uma capela. A gente nem conseguiu chegar à porta de entrada porque tinha uma fila gigante, e só estava amanhecendo. Ficamos em pé umas três horas até chegar a nossa vez. Nos aproximamos da porta de entrada do galpão com teto de zinco, havia bancos longos de madeira, como esses de igreja. Sentávamos aos poucos, lado a lado, bem grudadas com as outras pessoas da fila, e cada adulto recebia uma senha. Nos bancos, ficamos mais algumas horas. Tia Neusa estava com a cabeça baixa, de olhos fechados, em silêncio. Quando eu cheguei nas primeiras fileiras, consegui enxergar algumas coisas que aconteciam atrás de um pequeno biombo que escondia uma maca e uma cadeira.

Um homem de roupa branca conversava com uma senhora de cabelos grisalhos, ele segurou o olho dela aberto e com uma lâmina, começou a raspar. Não sei como isso terminou, eu fechei meus olhos. Fiquei assustada, cutuquei a tia e mostrei, ela disse para não me preocupar, pois nosso caso não era de cirurgia. Como ela sabia disso? Que história era aquela de cirurgia? Em um senhor, o homem com jeito de doutor enfiou uma tesoura fina e comprida

com algodão pelo nariz e torceu várias vezes, eu senti falta de ar, e o algodão saiu sangrando. Havia umas pessoas de branco que ajudavam, como se fossem enfermeiros. Em seguida, foi a vez de um homem jovem de cabeça raspada, sentou em uma cadeira de metal, o doutor em pé meteu na cabeça dele, com uma seringa, uma agulha grossa inteira. Essa cena me impressionou tanto que a sequência dela foi: o moço me olhou e congelou, como uma foto em preto e branco de um condenado. Eu tenho a sensação de que junto coisas que vivi em momentos diferentes e guardo na mente como se fossem uma coisa só, sentimentos parecidos que uno com imagens e faço uma colagem, uma falsa memória de acontecimentos reais.

Fomos chamadas pelo número. Minha tia disse para tirar as luvas e mostrar a ele. Ele me perguntou onde eu tinha mais manchas, falei dos pés e dos joelhos. Pediu que me deixassem sozinha com ele. Mandou as ajudantes e minha tia saírem, e ficamos bem escondidos por detrás do biombo. Segurou minhas mãos, falou algumas coisas com os olhos fechados e a cabeça alta. Depois, tapou meus olhos com suas mãos grandes e segurou por trás a minha cabeça. Eu só pensei que, se tivesse que levar uma agulhada para não ter mais aquelas manchas, eu estava disposta. Eu estava cheia de coragem nas mãos de um homem santo. Então, pediu que eu tirasse as calças e os sapatos. Eu obedeci. Ele se ajoelhou na minha frente e colocou primeiros as mãos nos meus joelhos, depois passou nas minhas pernas até chegar aos pés. Não precisou de seringa, me mandou vestir as calças e os sapatos e ir embora. Minha tia me perguntou como havia sido, mas eu não contei sobre tirar a calça, me senti envergonhada, não queria que ninguém soubesse que eu tinha ficado na frente de um homem velho só de calcinha. Eu disse que tinha sido tudo bem.

No dia seguinte, quando acordei fui tirando lentamente as mãos por debaixo do cobertor, mas as manchas continuavam lá. Alguns milagres demoram ou só acontecem na hora? Chorei muito naquela manhã. Ainda bem que fazia frio. Vesti as luvas ainda na cama.

Olho as minhas mãos e percebo como as manchas pigmentaram desde a infância. Quando isso deixou de ser importante? Eu não sei quando foi que eu deixei de acreditar nessas coisas de milagre, de adivinhação, mas mantive o foco na cega, porque é uma premonição auspiciosa.

Fiz o curso todo de Direito, levei oito anos para terminar conciliando com o trabalho. Desde que terminei, estudo para o concurso de juíza. A tia ficaria orgulhosa de saber disso, mas eu nunca consegui voltar a Ferreira. Nos primeiros anos, nós nos correspondíamos por carta ou falávamos por telefone, depois me envolvi com tantas coisas. Ela também se mudou para a casa de uma amiga, o que me deixou contente de saber que ela teria companhia. Disse que ligaria. Eu me mudei, casei. Talvez ela tenha escrito para mim, mas nunca fui ver se tinha alguma carta dela no endereço onde eu morava. Passou um ano, talvez dois, e escrevi para o endereço antigo, na tentativa de que entregassem a ela, mas as cartas voltaram: destinatário não encontrado. Penso sempre nela, um dia espero contar que cheguei à universidade, ela vai enlouquecer de felicidade.

No momento, ajudo no orçamento atuando como consultora de beleza, vendendo produtos das revistinhas, todas as marcas que eu posso carregar. O Carlos é gerente de pessoal em um call center. Eu tenho a impressão de que ele sai de manhã uma pessoa corada, e volta com a pele cinza e mais magro. Ele não reclama, mas o aparente cansaço e as olheiras cavernosas denunciam que ele está pedindo para sair daquela vida. O caso é que não temos outra. Ele vem a vida toda numa certa estabilidade de renda baixa. Empregado de carteira assinada, como gosta de frisar. Ele acha que ser estável é a melhor coisa que alguém pode almejar, está sempre preocupado pela possibilidade de perder o emprego. Acha que vai descansar quando se aposentar. Acredita em aposentadoria, assim como eu acredito na cega. Somos o que é possível dentro da cena.

A primeira aula é de direito administrativo, coisa que eu conheço bem da faculdade, se calhar até mais que o professor do cursinho. Vou aproveitar e trabalhar antes da aula. Pela minha agenda hoje é o dia da Bete, minha vizinha, e minha amiga mais chegada. O esquema dois-dois-dois. Dois dias para perguntar se o creme antirrugas deu alergia, duas semanas para descobrir se ficou satisfeita com o produto, e dois meses para oferecer a reposição. Um quarto da vida é feito de números. Hoje é dia da reposição, eu não posso perder. Aliás, quando se perde

o dia, uma hora que seja, as coisas na agenda começam a aglutinar, chocar umas nas outras, e a ansiedade aumenta, uma leve aceleração cardíaca. Esquema quatro-seis-oito, respiro pelo nariz quatro segundos, prendo seis, solto em oito pela boca.

O Carlos, como de costume, deixou café na térmica para mim, junto com um pão recheado. Em pé mesmo, bebo o café sem açúcar e como o pão meio borrachudo com gosto metálico do patê de fígado. Logo que viemos para cá, para o Conjunto Vila Nova, eu disse para ele que gostava da marca e do sabor e ele sempre compra o mesmo, até hoje. Faz um furinho no patê com a ponta da faca de serra e aperta fazendo linhas sobre o pão, todos os dias, um xadrez de patê.

Vou para banho ainda mastigando. Calço os chinelos porque tenho medo de choque, entro no box e puxo a cortina. Tenho que lembrar de esticar na saída, já aparecem umas pintinhas de mofo no plástico. Fico encolhida num canto, pinçando os cabelos encaracolados dele no sabonete enquanto espero a água esquentar.

Eu tenho várias formas de interromper pensamentos negativos que me atravessam durante o dia, uma delas é fechar os olhos e lembrar a sensação que tenho no banho, eu sozinha, quieta, pelada, abraçada pela água. Se o dia está frio penso em banho quente, se está quente, em banho frio, e alguns pensamentos vão para o ralo. Algumas vez, é verdade, eles sobem de volta, como um bafo.

É o início do outono em Porto Alegre. O calor insistia até uma semana atrás, mas o mormaço foi embora, e a queda de temperatura trouxe um certo tipo de esperança, como sempre quando muda a estação e vem um cheiro bondoso, um pressentimento. É possível terminar um banho e não começar a suar logo em seguida. Me enrolo na toalha e sento na cama, acomodo a valise de mostruário com as maquiagens que revendo sobre as coxas, e no meio daquele emaranhado de amostras escolho, sem nenhum critério, alguns itens para o dia. Só uso maquiagem porque sou minha própria garota propaganda. O Carlos diz que eu fico bonita até de cara lavada. Diziam que eu era parecida com a minha mãe. O sonho dela era ser miss, mas o pai a proibia de participar dos concursos. Eu não lembro se era parecida com meus pais, o rosto deles foi se apagando da minha memória. Até mesmo a saudade foi apagando.

Costumo apoiar meu cotovelo sobre a coxa para pegar bem firme o pincel do delineador. Desenho sobre a pálpebra um risco tão preciso que me faz acreditar que posso me tornar desenhista, arquiteta, pintora, artista. Quando era bem jovem acreditava num leque imenso de possibilidades. Eu costumava ver na televisão pessoas sendo muitas coisas diferentes, e eu devo ter ouvido em alguma história de programa de auditório que poderia sonhar em ser qualquer coisa. Bastava querer. Eu não sei se o que me fazia acreditar nisso era uma ideia de que aprender

coisas seria mais rápido do que eu imaginava, se olhando para meu futuro eu via muitos anos com os quais eu poderia contar para estudar, ou se fui enganada de forma cruel: com a ideia de esperança. Fato é que, e não sei como, já passei dos trinta e sequer consegui chegar no que a cega previu. O atraso se deu, sobretudo, porque o tempo que eu achei que tivesse foi ocupado para conseguir dinheiro e pagar a faculdade. Ainda levaria quanto tempo para conseguir passar no concurso para juíza? Desta forma, eu precisaria de quantas vidas mais para viver todas as coisas que imaginei? Eu precisaria congelar meus óvulos se quisesse ter filhos, mas nunca teria dinheiro para isso. A cara lavada da vida. O jeito é maquiagem a realidade: um pouco de cor, um pouco de brilho, um iluminador.

O espelho na tampa da valise é pequeno, mas ainda cabe um sorriso.

Bato cinco vezes rapidinho, intervalo, mais duas vezes, a última bato pesado. Assim a Bete sabe que sou eu, e se não quiser, não precisa abrir. Ela abre só uma fresta por onde enxergo um grande olho castanho que avança, movimenta para os dois lados. Mais abaixo, ainda na fresta, vejo dois focinhos pretos farejando, que se revezam com olhinhos e latidos estridentes.

“Bom dia, Bete, desculpa o horário, tô incomodando? Tenho umas novidades aqui da revista. Tá na promoção o refil do teu creme, quer aproveitar?”

“Tem alguém no corredor?”, ela me diz colocando a boca por entre a fresta.

Olho bem para os dois lados e não vejo ninguém.

“Não.”

“Então vem, entra!”

Abre a porta vestida com uma calcinha grande na cintura, mas bem pequena atrás, deixando a bunda livre para balançar. Um rosa que fica mais forte em contraste com a cor da pele dela. Tem a cor de um grão de café antes de ser torrado, uma mistura bem-sucedida de marrom, vermelho e dourado. O sutiã é rendado. Sai pela casa prendendo o cabelo volumoso no alto da cabeça como se fosse um abacaxi.

Eu conheço a Bete desde que me mudei para cá, logo na mudança, quando as coisas ainda estavam atravancando o corredor. Ela foi perguntando se a gente achava que aquilo tudo ia caber dentro daquele apartamentinho. Por conta própria, e para liberar mais rápido a passagem, ela pôs a mão na massa, e me ajudou a carregar as coisas para dentro. Desde aquele momento, eu senti a alegria de ter mais alguém com quem contar na vida. Acho que não conseguiria deixar a Vila Nova se a Bete não fosse comigo.

Os cachorrinhos começam a circular ao meu redor, dando pequenas mordiscadas nos cadarços do meu tênis. Não consigo identificar se eu os agrado. Ouço o ronco da cafeteira. O perfume do café passado na hora é como uma mão fazendo carinho na minha alma dura, me acordando para a vida.

“Senta aí, tô passando um pretinho, minha flor”, diz a Bete no volume um decibel acima do normal, me apontando a cadeira de metal com assento redondo que faz parte do conjunto da sala. “Nem acabou ainda o outro creme, uso só um tiquinho.”

“Nem vou sentar, tenho que ir para aula”, digo isso porque estou um pouco desconfiada dos cachorrinhos. Não consigo ver seus olhos porque os pelos se sobrepõem. Como eles fazem para enxergar? “Vai que acaba e ele não tá mais na promoção, melhor não arriscar, né? Perder o embalo, olha como tua pele tá boa, cuidada.”

“Tu acha mesmo?”

“Pele bem cuidada a gente vê de longe. É a pele que diz a idade da pessoa. Mas claro que a tua tá melhor, tem mais viço, não nota?”

É verdade, eu não gosto de mentir para a Bete, mas eu minto muito sobre isso, não está no meu contrato de revendedora o compromisso com a verdade. Eu digo que sou consultora de beleza porque é verdade também. Minhas clientes me consultam para saber o que fica mais bonito ou o que eu acho que vai funcionar para elas, e eu quase sempre acerto. Quase. Tem umas que não têm jeito.

A Bete dá um passo atrás para se olhar de longe no espelho embutido na porta do guarda-roupas que fica dentro do quarto, passa a mão no rosto, a boca faz um grande bico para esquerda esticando bem a bochecha.

“É, acho que tá sim... Não repara a bagunça, estou de babá por uns dias desses cachorrinhos para ganhar um extra, vou me trocar para sair com eles, entra aqui no quarto. Ah, senta um pouquinho, vai”, diz a Bete dessa vez me apontando a cama toda desarrumada. Eu me sento bem num cantinho onde a cobertura ainda está intacta. Os cachorrinhos pulam em cima de mim. Percebo pelas lambidas que os agrado. No criado-mudo um livro que eu dei para ela há mais de um ano, com o marcador ainda bem no início.

“Por que tu não passa a tesoura nesses pelos nos olhos deles?”

“Claro que não, tá louca! Se eu dou uma tremida e furo o olho deles sou capaz de ser presa. Essa gente tem dinheiro.”

“Verdade. Se tu te apertar de dinheiro sabe que sempre tão precisando de gente lá no call center. Nem precisa de experiência.”

“O Carlos ia me demitir no primeiro dia, não sou boa de falar com gente estranha para oferecer coisas que elas não querem, a primeira que me falasse enviesado eu saía xingando. Cachorrinhos costumam ser menos agressivos que gente. Olha ali, tem metade do pote ainda!”

“Não vai deixar vencer, tua pele é boa, olha a minha, já passei da idade de ter espinhas, preciso parar de comer tanta porcaria.”

“Pega leve com o torresmo, mulher. Mas tu é magrinha, eu é que nem posso ver torresmo na prateleira do supermercado que engordo. Aliás, desde que eu mandei aquele demônio

embora, já engordei quatro quilos. Melhor uma barriguinha do que uns chifres, né?”, diz ela alisando a barriga como se tivesse grávida.

A Bete veste um shortinho jeans desfiado bem apertado na cintura por baixo da barriga, e uma camiseta justinha com o umbigo chupando o tecido.

“E teus concursos? Alguma coisa em vista?”

“Dizem que vai abrir edital até o final do ano, mas talvez eu precise parar de estudar e pegar um emprego firme, tem meses que eu vendo bem, mas tem meses que a coisa fica apertada. Bete, se eu parar, adeus! Meus concorrentes se dedicam em tempo integral. Concurso para juíza tem que estudar no esquema mínimo de doze-vinge-quatro.”

“Mas tu é tão inteligente, mulher, vai passar, sim. Vou te colocar lá na lista de orações do Centro Espírita. Vamos lá tomar uns passes, abrir teus caminhos.”

“Não sei, tu sabe que eu nem acredito muito nessas coisas. E vai que gruda um encosto em mim. Se bem que pelo menos alguma coisa diferente ia acontecer na minha vida.”

“Um passe em conjunto não faz mal. Nem precisa acreditar muito. E como tá o Carlos? Faz tempo que não esbarro com ele.”

“Por falar em Carlos, acabou de me mandar mensagem que chegou no trabalho, tinha bastante trânsito. Vou responder”. *Tô na Bete, daqui a pouco vou para aula.*

“Cês passam o dia todo nessa lengalenga de mensagem, né? Tô-aqui-cheguei-tô-lá-já-fui. Não aguento essas coisas, vai ver é por isso que eu não tenho namorado, me falta paciência para tanta satisfação.”

A Bete me olhou com uma cara enojada. Mas é assim mesmo, a gente vai falando tudo que está fazendo, mesmo que a gente não esteja fazendo nada, só de costume. E sou eu quem faz isso, eu tento manter um fluxo de mensagens, eu estou sempre com medo de que o Carlos suma sem dar explicação.

“Ele tá daquele jeito, trabalhando um monte, mas não reclama, faz tudo o que pode pela gente, e volta e meia dá alguma indireta sobre ter filhos e tals. Mas eu não sei, não tem onde colocar um bebê na minha agenda. Eu com filho teria que deixar os concursos. Olha aqui que lindo esse pó novo, com brilho!”

“Passa em mim esse pó... Na pracinha costuma ir um bonitão, já descobri que é daqui do Conjunto, do bloco F ou E, praqueles lados.”

“Um que tem um poodle branco?”

“Isso mesmo, simpático, gato!”

“Simpático demais... mas com o Carlos. Tu vai ficar com o pó? Não tenho amostra desse, só comprando.”

“Deixa pra lá, parece que o rapaz do bloco E não quer saber dos meus brilhos. Vamos tomar o café antes que esfrie.”

Vendi um batom violeta para a Bete. Ela é ousada, fica bem de cores fortes. Voltei para casa e peguei as coisas para o dia. Carrego no ombro uma sacola pesada de pano com as encomendas que chegam para as colegas de curso, e outros produtos em promoção para ver se empurro como brinde, além da bolsa transpassada na diagonal. No braço, as apostilas do curso e um outro livro, porque sempre tenho uma vida extra para me amparar. Dessa vez sou Fiona, a juíza de *A Balada de Adam Henry*, daquele McEwan. Preciso de uma história de juíza para me incentivar. Sobreponho sonho e realidade, eu tento manter um certo equilíbrio, porque se sonho sem direção me sinto culpada, mas essa coisa de utilidade às vezes me sufoca.

Sempre atravesso a avenida rapidinho, desviando os carros, temendo que o ônibus chegue antes de alcançar a parada. Odeio essa parada, ficar de pé, em frente a uma barbearia de um velho sem clientes, que disfarça lendo um jornal enquanto olha, por sobre os óculos, a bunda das mulheres que passam. Eu imagino arrancar aquele jornal das mãos dele e dar várias vezes na cara do velho, óculos voando para o meio da rua, e um carro passando em cima. No carro, estou eu mesma dirigindo, dou um aceno elegante para o velho, como se fosse chique. Esse pensamento alivia a raiva que sinto da situação. Imaginação salva os nervos.

Não é bem uma parada isso aqui, é só uma placa azul meio torta com o desenho desbotado de um ônibus, presa à barra por dois parafusos gordos. Toda vez que fico esperando, penso que quando virar juíza vou tirar a habilitação para dirigir, trocar a carteira de pano por uma de couro legítimo e o cartão do ônibus pela carteira de motorista. Vou tirar o passaporte e vou para Londres, que é onde eu moro, eu, Fiona. Não estou gostando tanto dela, na verdade. Histórias de juíza não são as que mais me arrebatam como leitora. Vou subir a montanha mágica então. Vou para os Alpes Suíços respirar melhor, o ar empestado de poeira que levanta nessa parada, com todos esses carros tirando fino da calçada, intoxica.

O único ônibus que passa aqui perto do conjunto Vila Nova, na zona sul, é óbvio que não tem luxo, e vem de Campo Novo, mas me deixa a três quadras do cursinho, ou seja, é uma boa alternativa quando não quero ir ao centro na motinho do Carlos, logo cedo, e ainda posso ler. Embarco no quatro-cinco-um.

Depois de quase cinquenta minutos consigo chegar um pouco antes de começar a segunda aula, vou tirando logo as encomendas da bolsa para entregar às colegas. Sentadas em filas uma passa à outra, como formigas, cremes, xampus, maquiagem e mais produtos, de mão em mão, para que cheguem nas colegas das filas mais à frente. Da mesma forma, retorna meu dinheiro ou gritos de que me pagam depois. O fiado é o grande parceiro da consultora de beleza. Mando uma mensagem para o Carlos avisando que cheguei na aula, e lembro da cara enjoada da Bete. A mensagem e a cara da Bete me fazem lembrar o sonho que tive hoje. Amanhã não vou perder a carona, há sonhos que realmente não valem a pena, têm efeito rebote.

Costumo juntar a mulherada na hora do intervalo e começo a falar como para uma plateia. Sento em cima de uma mesa. Olho no caderninho e berro quem ainda falta pagar, o valor e o prazo. Tenho jeito para vendedora, mas tenho mesmo jeito é para me virar. Uma marca de produtos que eu revendo dá às boas vendedoras prêmios em dinheiro, e, para as melhores, um carro. Não sei se sou das melhores, mas sou boa. Embora não conheça nenhuma que tenha conseguido, me imagino exatamente no carro do prêmio quando estou na parada da placa azul, mas em seguida penso em vendê-lo.

Chega o horário do almoço e estou morta de fome. Sinto na boca a comida do Tchê Bar. O buffet econômico dá direito a uma carne e uma sobremesa. Espero sentada, acomodo a bolsa no colo para poder largar os braços e não ter que me apoiar na toalha grudenta. Enquanto minhas colegas se servem, guardo a mesa e aproveito para olhar o celular. Tem mensagem do Carlos, uma foto do almoço dele. Não consigo reconhecer o que tem no prato, só vejo um monte de repolho refogado, cortado tão fininho que parece uma peruca. Tem também um número de telefone diferente que bem pode ser de alguma operadora de telefonia oferecendo serviços, de alguma cliente ou de qualquer coisa que eu não retornaria. A curiosidade não me impele a gastar os créditos que tenho no celular. Mando uma foto do meu prato de comida bem servido e ajeitado para o Carlos. Como demais, aproveito o livre e me esbaldo no feijão com arroz, na batata frita e na coxa de frango bem gordurosa, descendo tudo com um copo de guaraná, que é brinde também, assim como o café, um pouco aguado para o meu gosto. E ainda tem sagu com creme. Melhor custo-benefício. Aprecio muito o tempero do Tchê.

Volto tão sonolenta para o segundo turno de aula que mal posso juntar as ideias sobre as coisas que ainda preciso fazer hoje. Ter aula à tarde, logo depois do almoço, é penoso, o cérebro foca na tarefa da digestão, a mente boceja constantemente, não havendo nenhuma possibilidade de conexão inteligente. Uma sensação de que as ideias dançam embaladas numa melodia lenta de fim de baile. Encosto na parede e cochilo um instante. Acordo com os gritos

do professor entrando na sala, rasgando a ansiedade que naquele momento tinha aplacado. Abro a agenda e aproveito para riscar as encomendas entregues.

No ônibus, voltando para casa, percebo novamente duas ligações daquele mesmo número de antes. Confiro a hora: são recentes. Não costumo retornar ligação, combino meus esquemas por mensagem.

Tem outra mensagem do Carlos, a foto de um cachorro na rua, de barba branca. Cachorros de rua são mais felizes mesmo? Se por um lado eles estão livres, por outro lado eles não têm dono. Não têm a quem amar. Não ter a quem amar também é uma vantagem, porque não sofre em caso de abandono. Na foto, o cachorro olha para o Carlos. Agora olha para mim. Pescoço torcido como se tivesse parado de fazer algo mais importante para me olhar. Aí está você então, sentada num assento de ônibus, chacoalhando dentro de uma caixa de ferro que te leva de cá para lá. Uma cidade suja, um país sujo. Vivemos neste mesmo país, e se eu não tivesse quem me amasse, nem saberia que você, cãozinho de gambitos, divide comigo essa mesma vida. Eu já pisei nesta mesma calçada, devo ter em mim alguma parte de ti, em alguma célula. Amplio bem a foto para ver se consigo gravar na memória alguma coisa do cachorro que eu possa reconhecer depois. Dois retalhos na orelha esquerda. Se te encontrar, te prometo perguntar se quer uma mãe. Te agradeço por ter parado para me olhar, agora vai, eu fico aqui.

O número de telefone insiste, intrometido. Se sobrepõe a foto do cão. Treme junto com o balanço do ônibus. Sobe desavisado um arrepio na coluna. Sentada no assento da janela, atendo com um friozinho no fundo do estômago como se tivessem pingado água fria, como se eu fosse mesmo sensível. Já estou de novo bem dentro de mim, tanto que nem vejo mais as imagens que me cercam. Um silêncio precede o primeiro timbre da voz, espero para saber se é uma atendente de vendas falando sobre ofertas, aquele instante em que a vendedora percebe que alguém está na linha depois de centenas de tentativas de contato. Sinto em seguida um calor vindo do peito. Por uma fenda, por puro instinto, na primeira sílaba reconheço aquela voz antiga que não ouço há vinte anos.

“Raquel?... Raquel? É tu, minha filha? Aqui é a tua mãe, Sueli. Raquel?”

Uma vertigem. Como se o telefone fosse contagioso, desligo a chamada. Desligo também o aparelho, e atiro na bolsa, para me livrar. Talvez seja a trepidação do ônibus, mas sinto um enjoo e uma vontade de mijar, e ainda tenho quase uma hora para chegar na Vila Nova. Não consigo me fixar em nenhuma imagem que vejo através do vidro sujo do quatro-cinco-um.

É tudo um grande borrão, o lusco-fusco do fim de tarde desenha imagens coloridas que só aumentam o enjoo. Aviso que vou vomitar, mando saírem da frente. Passo correndo por um clarão que se abre.

Deço no meio do caminho, bairro Tristeza, e com o recato que é peculiar a essa situação, vomito no meio-fio. As pessoas me olham com repugnância, alguém me pergunta se eu estou bem. Balanço a cabeça num sinal positivo. Horror que ela apareça na minha vida e se espalhe, depois me deixe. Nunca vou deixar ela entrar. Foi ela quem fechou a porta, mas eu girei a chave. Busco um papel higiênico na bolsa, me limpo e aproveito para enxugar as lágrimas que correm.

Toda a cidade passa por mim nessa esquina, frenética, luzes coloridas cambiantes. Esse mundo acelerado, à beira da catástrofe. É como se eu tivesse quinze anos de novo e pudesse sentir meu corpo se desmanchando, ficando transparente. Vou me esvaziando de mim, inexistente. O cachorro da foto me vira o rosto. Vem cá, volta aqui! Você quer uma mãe? Você não vai querer uma mãe como ela. Quando tu menos esperar ela vai ficar de saco cheio e simplesmente vai virar as costas, e você vai se achar um vira-latas o resto da vida. Só que você que é um vira-latas mesmo, se tiver uma boa mãe, vai se sentir muito amado, nem vai perceber que é um. Entende?

As pessoas nos ônibus olham para mim com suas caras cansadas, ausentes, ninguém me vê. Eu sinto o cheiro redondo da sálvia que ela usava para temperar tudo. Nunca mais comi nada que tivesse sálvia. Fico ali, em pé, embaixo de uma marquise. Sem coragem de ir em frente, surda da rua. Uma mulher passa por mim, e eu acho que é ela, me assusto, o fantasma da minha mãe aparece de uma forma estranha. O cheiro do creme rinse. Uma voz doce e ecoada vem de alguma direção imprecisa. Sussurros maternos. Aquele timbre é único, capaz de fazer desabar o atleta mais frívolo e mover a estátua de Atena.

Vinheta da novela *Sol de Verão*: Este ano o verão chega mais cedo e vai mudar a vida de todo mundo.

Como uma maldição nasci no dia 19 de fevereiro de 1983, justo no dia em que morreu Jardel Filho, atrapalhando a transmissão da novela, a preferida, entre tantas outras, da minha mãe. É por isso que me chamo Raquel: uma homenagem ao par romântico protagonizado por Jardel e Irene Ravache, a Raquel original. Maldição dupla: a personagem de Ravache deixava o marido com quem tinha casado sem amor, o que causou grande espanto ao público e críticas à emissora. O homem na ficção por quem se apaixonou, morreu, durante a trama, na vida real.

A data da sua morte sempre me traz certa melancolia, não pela comoção nacional que causou, mas porque toda vez que minha mãe falava no assunto do meu nascimento, recordava, com embargo na voz, esse fato. Nunca gostei de comemorar aniversário. Notava-se que ela não superava a tristeza da data, ao que tudo indica em função da morte do ator, ou talvez pela não conclusão do desejado romance da trama. Meu nascimento também marcava a morte dos sonhos e das fantasias frente à dura realidade de cuidar de um bebê. Se ela pensava em sumir desde essa época, comigo as coisas mudaram.

Sobre a infância com a minha mãe, tento encontrar imagens ruins que justifiquem o sumiço, mas eu tenho boas lembranças dos momentos em que fazíamos as tarefas domésticas juntas, e que, depois da casa toda arrumada, nos sentávamos lado a lado no sofá da sala para experimentar, por meio das novelas, uma vida diferente. Talvez ela desse indícios de que era infeliz em alguns desses momentos, talvez a própria intimidade que eu imaginava que tínhamos não passasse de conveniência para ela. Quiçá minha mãe gritasse por socorro cada vez que abaixasse os olhos, mas eu estava cega de pequenas alegrias infantis que vivia aqui e ali. Eu voltei muitas vezes a essas cenas de infância procurando respostas, mas talvez a infância seja só um balaio de mentiras.

Minha mãe sempre foi calada dentro de casa, mas com as pessoas na rua era simpática, falante. Eu tinha ciúmes quando se abria com outras pessoas e contava coisas que eu não sabia sobre ela. Mas era carinhosa comigo, embora distante. Nunca falava o que pensava sobre a vida.

Algumas pistas eu identificava em comentários sobre as novelas, pistas essas que bem podiam ser fruto na minha imaginação infantil.

“Ela devia ficar com os dois”, concluía e me piscava. “Eu queria ter a finesse da Rafaela, mas eu sei que sou a Rosemere”, dizia cabisbaixa, lavando louça. E não raro eu a via olhando pela janela, para os morros da Serra, com um olhar selvagem e a boca apertada, tipo Juma.

Quando eu tinha dez anos, morreu outro ator antes de terminar a novela. “Esse trabalho é dedicado à memória de (um dos) Gabus Mendes, com quem aprendemos a arte de rir de nós mesmos”, dizia a frase de encerramento do autor, aquela que aparece fixada no frame final. Minha mãe caiu numa gargalhada infinita, incompreensível. Ela chorava de rir; quando percebeu que eu a olhava sem compreender, parou sem dizer nada. Eu achava que me conectava com ela por meio desse universo, mas agora percebo que não era bem assim. Eu não entendia sequer que ela desejava ser outra, ser qualquer que fosse daquelas personagens, desde que não fosse ela mesma.

Veza ou outra eu até sentia que a mãe desejava do pai um amor de novela, um amor impossível para um homem matuto, vindo da colônia, da lavoura, sem escolaridade, sem trato algum para a intimidade, sem nenhum traço de Francisco Cuoco ou Antônio Fagundes. Eu não sei por que ela casou com ele. Talvez fosse porque meus avós, que morreram com meses de diferença, faleceram no ano anterior. Eles estavam de namoro na época. Meu pai era um gringo baixinho que apostou todas as economias da família na mercearia, e fez do lugar mais que o sustento, era sua vida. À noite, quando os outros pais já estavam em casa, o meu continuava na venda, às voltas com os clientes que não tiravam os cotovelos do balcão, bebendo cerveja e fazendo jogo do bicho. Somente quando o último homem saía, ele abaixava a porta de ferro e ainda se dava a limpar tudo sozinho. Não sei se tinha gosto por estar sozinho, se desgostava de estar com a gente, ou simplesmente não sabia como adentrar o mundo oculto e feminino da esposa e da filha e se excluía. Quando ele chegava em casa nós já estávamos dormindo. Na época, nem me ocorreu que ele pudesse ter problemas com a mãe. Se escondiam um do outro e, por isso, se escondiam de mim. Cada qual tinha suas tarefas definidas naquela vida, e nada de novo acontecia.

Ele também não falava muito em casa quando nos reuníamos, além dos talheres, da mastigação e da água correndo da louça, o principal ruído era o da televisão. A tevê era o centro de tudo o que acontecia, o ente mais presente. Fazíamos todas as refeições com ela ligada, nós três comendo: arroz com galinha, massa com salsicha, pizza de sardinha na sexta-feira santa, pão caseiro com o presunto fantasia e queijo de colônia.

“Que porcaria. Quanta bobagem!”, dizia meu pai numa cena da novela, depois continuávamos comendo. Aquele silêncio todo para mim era normal, eu não sabia que podia ser diferente, que os pais das outras crianças conversavam entre si. Não era silêncio, eram as ondas do ruído da televisão preenchendo todos os cantos da casa.

O dia do sumiço da mãe foi um dia muito triste. Era final da primavera, mas estava quente. Quando eu cheguei do colégio meu pai estava bêbado no chão da cozinha e me disse que ela tinha nos deixado. Algumas pessoas viram ela indo de mala e cuia para a rodoviária. Eu não acreditei, fui correndo para o quarto deles e ela tinha levado algumas roupas. Nenhum bilhete. Eu tentava lembrar todas as frases que eu tinha dito para ela, se em alguma eu pudesse ter dado motivo. Nessa época, a gente brigava muito, por qualquer coisa, eu era adolescente. A última briga tinha sido por causa de um namorado de cabelos compridos que ela não gostava. Eu achava normal nossos desentendimentos, minha mãe tinha perdido recentemente a filha para a rua. Eu tinha uma turma que se encontrava no final da tarde e ficava dando voltas até a noite. Ela ficava sozinha vendo as novelas.

Meu pai nunca mais tocou no assunto, o orgulho deve ter engolido seu coração. Ela esperou para fugir no dia seguinte ao que os clientes do bar acertavam as contas do caderninho, ou seja, ela levou todo o dinheiro da mercearia daquele mês, antes que ele tivesse tempo de levar ao banco: foi uma fuga programada.

No início, eu achei que ela voltaria, eu tinha certeza disso, mas o tempo foi passando e ela não voltou. O primeiro ano foi terrível, eu sentia muita vergonha por ela ter ido embora. Fiquei agressiva, sempre achando que os outros estavam falando de mim. Briguei com meus amigos, me isolei. Sentindo-me culpada, eu me punia, ficava sozinha o máximo que conseguia na penumbra do meu quarto. Eu lembrava do mantra da tia: para chegar à universidade, Raquel, tem que ler, ler muito, ler tudo, ler muito de tudo. E eu lia compulsivamente. Minha tia era a única pessoa com quem eu falava, ela gostava de ouvir sobre as histórias que eu contava dos livros que eu lia. Graças a isso, acabei me tornando uma boa leitora. Depois de quatro anos eu entendi que ela não voltaria, também fui embora e nunca mais voltei. Mas eu sinto saudade da tia. É a única pessoa de quem sinto saudade na vida.

Eu conheci o Carlos não muito tempo depois que cheguei em Porto Alegre. Na época, ele era office boy da empresa que controla hoje vários call centers. De certa forma, pode-se dizer que ele evoluiu no trabalho. Nos conhecemos no ônibus, os dois trabalhavam no centro da cidade e moravam na zona norte. Eu era caixa de um minimercado, sempre fui boa em matemática. Dei muita sorte de trabalhar ali porque ficava na esquina de uma ladeira com vários sebos nas proximidades, onde eu comprava livros por uma barbada. Ao final da ladeira também tinha a Biblioteca Pública. Era perfeito para mim.

Eu achava o Carlos bonitinho. Usava sempre uma camisa branca com um blusão azul escuro por cima, e o colarinho ficava para fora. Não variava muito o estilo, mas estava sempre arrumadinho. Tinha o cabelo todo preto, encaracolado, era alguns bons centímetros mais alto que eu. Nem magro nem gordo. Nessa época eu morava numa pensão, e ainda dividia o quarto com outra guria. Tinha um medo terrível de amar alguém, de me apegar. Eu notava que o Carlos sempre sorria para mim, mas eu não dava nenhuma brecha, estava sempre com um livro na mão. E foi esse o pulo do gato. Um dia ele percebeu qual era o livro que eu tinha acabado de começar a ler. Era *Lúcia McCartney* do Rubem Fonseca. Nessa época, eu já era boa leitora, porque naqueles quatro anos em Ferreira eu me recusava a ver televisão porque qualquer programa lembrava a minha mãe. Lá, eu também usava a Biblioteca Pública, e no início eu queria ler tudo que tinha de terror, de mistério e assassinato, tudo o que era obscuro e sombrio como eu me tornara. Depois acabaram esses livros e eu dei abertura para outros gêneros.

O Carlos conseguiu o *Lúcia McCartney* e, até hoje, eu não sei como, ele leu antes de mim. Puxou papo sobre o livro. Eu não conhecia ninguém que lia. É verdade que eu não conhecia quase ninguém em Porto Alegre, mas na minha vida toda, eu não conheci ninguém que lia por prazer. No início, lia só por causa do mantra... ler muito, ler tudo, ler muito de tudo..., e isso dava certo ânimo de vingança: me dar bem e jogar na cara da minha mãe um dia. Depois foi mesmo para manter a minha cabeça longe de pensar o quanto eu era uma pessoa miserável porque ela tinha me roubado e me deixado para trás. Foi muito impressionante ouvir do Carlos “eu já li esse livro”. Quê? Esse cara lê? Sério? Ele é mesmo muito bonitinho. Ele sentou o mais rápido que pode do meu lado e começou a falar sobre o livro. Mas ele não tinha entendido a história, e eu nem me importei com isso na hora. Ele era um leitor, entender o que

lia nem parecia tão necessário. Se o Carlos lia, ele também poderia chegar na universidade. Eu tive um dia essa ilusão. Não nego que eu gostaria que o Carlos tivesse seguido o sonho de estudar pedagogia, mas é algo que exige muito mais que sonhar, nas nossas condições. Ainda que quando jovens nós dois, e acredito que tantos outros, tivéssemos o sonho de estudar, quem vive como nós sabe que ganhar o dia suga toda a força humana. Mas ele é meu maior incentivador, meu fã, e segura as contas da casa quando eu não chego na meta das vendas. Ele também tem meta, mas tem fixo, eu não. Minha meta é o tribunal!

Desde a época que nos conhecemos algumas coisas mudaram, mas não o meio de transporte. Chego em casa depois de pegar o segundo ônibus, ainda enjoada, vou direto para o banheiro, mal olho para o Carlos, que está no sofá tentando consertar meu abajur de cabeceira. Ele vem atrás de mim.

“Tu tá bem, pequena? Posso entrar?”

“Espera, só um pouco, tá tudo bem, fiquei enjoada no ônibus, já saio.”

Quando saio, o Carlos está com um sorriso de quem foi promovido.

“Será nossa guria. Ou nosso guri?”

“Não seja nem louco, Carlos, tudo que a gente não pode ter agora é gasto, eu já disse que filho só depois que eu passar no concurso.”

“Todo mundo tem filho sem dinheiro, a gente dá um jeito.”

“Ah não, de novo isso, esquema cinquenta-cinquenta, empata, e quem desempata é quem gesta. É assim, Carlos.”

Às vezes eu fico pensando se não seria mais justo eu deixar o Carlos para que ele possa ter filhos com outra mulher, já que não é minha prioridade: eu só quero ser juíza, eu só quero ser alguém. Tenho medo de ser mãe e ter que abrir mão disso. Eu fico confusa se não deixo ele porque gosto muito; se tenho medo de ficar sozinha; se estou com ele porque sem ele não teria renda para viver sozinha e estudar; ou se, porque vi meu pai naquele estado, tenho receio que o Carlos fique também mal com a minha partida. Que partida? Eu nem tenho para onde ir. Acho que é vinte e cinco por cento de cada coisa.

“Aconteceu algo? Tentei ligar várias vezes e o telefone tava desligado.”

“Acabou a bateria, só isso. Vou fazer um chá de boldo.”

“Tem batata e caldo de galinha, posso fazer uma canja, quer?”

“Não.”

“Uma nota, maestro?”

“Sol...”

“Chuva de Prata, Gal Costa. Ah, Carlos, me deixa, só quero me deitar, não quero conversar, me deixa um pouco sozinha.”

Fico parada em frente ao fogão, analisando o rejunte do azulejo bege para não ter que pensar em nada, enquanto espero a chaleira me chamar. Tem pequenos relevos, parece aquelas tiras que eu vi num livro do colégio, desenhos com símbolos que contavam cenas cotidianas. Dos egípcios? Mulher, chá, mãe, dor de barriga. Pensei em comentar com o Carlos sobre a ligação, mas não hoje. Ela não tem certeza se é mesmo meu número.

Levo o chá para o quarto, me enfio embaixo das cobertas, nem acendo a luz. Como ela descobriu meu telefone? Troco de número? Será que adianta? Será que ela tem dinheiro para me ajudar a ficar mais tempo estudando sem tanta pressão? Será que ela ainda é bonita? Se ela não estiver acabada vou ficar ofendida. O que eu sinto por ela? Por que eu chorei e vomitei? Será que ela teve um bom motivo, pelo menos? Cinquenta e nove anos, é jovem ainda. Vou me afundando na cama como uma tatuíra na areia.

Carlos entra no quarto, estou acordada, e ele me abraça por trás. Ele é a única pessoa que eu levaria para meu esconderijo na areia. Mais dia, menos dia, ela apareceria nesta praia, como numa prainha no litoral, a única que eu conheci, quando a gente ia para passar o dia. Saia levantada com uma das mãos, as pernas morenas, os pés afundados, um balde do lado, catando tatuíras para a janta. Eu lembro dela olhando o mar, e os cabelos voando com os pensamentos. O rosto escapa, mas lembro o gosto delicioso da sopa que ela fazia com as bichinhas.

Relaxo, olho bem de perto o rosto do Carlos e beijo, o beijo bem quente que a gente merece há tempos. Arrebato o quadril e me encaixo nele de tal forma que quase de imediato posso sentir que ele se excita. Ah, Carlos. Rapidinho a gente tira a roupa. Eu o sinto inteirinho, os pelos do peito roçando nas minhas costas, as pernas enroscadas. Ele mordisca e lambe o meu pescoço. Sova meus peitos. Torço o pescoço porque minha boca quer sentir a boca dele, o hálito docinho. Ele me respira e eu o respiro. Mergulha devagar a língua, e todo o resto mergulha em seguida. O Carlos tem um jeito de caber que é único. Ele é toda a minha família agora. Deixamos a cama desarrumada e lambuzada, e puxamos a cobertura como se fosse uma onda estourando no nosso corpo cansado.

Ainda que eu tente pensar pouco sobre o dia em que a minha mãe saiu de casa, algumas coisas que me arrebatam têm a ver com o sentimento de abandono, espécie de vazio que não pode ser preenchido com nada, por melhores que sejam as coisas que aconteçam. Nesse vazio, ainda sou uma adolescente num canto escuro, com os braços abraçando as pernas e as costas encostadas onde as paredes se encontram. É claustrofóbico e frio esse canto. Tenho a sensação de que vou ficar ali toda a minha vida, sem que ninguém venha me buscar. Isso não é um sonho, é uma imagem mental involuntária, mas constante. Com o passar dos anos eu aprendi a tirar a cabeça de entre as pernas, erguê-la, e pensar que as paredes se transformam em grandes asas que batem e me libertam por uma janela.

Do meu pai eu não sinto nenhum tipo de falta. Eu sinto pena. Talvez tenha sido vítima dele mesmo, por ter escolhido para vida uma mulher acima do que ele poderia suportar, ou que poderia suportá-lo. Não sei por que coloco ambos em níveis diferentes. E sequer sei dizer de que substância é feita essa diferença. Talvez ele seja superior a ela, porque não fugiu da vida que lhe foi dada, porque não quis ser um outro. No caso dele, não querer ser outro deu errado. Será que no caso dela deu certo?

Se eu pensar em mim, que sou feita da substância dos dois, eu também não consigo entender exatamente o que vem de quem, e no que dá essa mistura. Minha mãe tinha uma pele puxada para o moreno, mas um moreno meio avermelhado. Meu avô era paraguaio, bugre, e minha avó, italiana de cabelo ralo quase branco, pele transparente. Meu avô por parte de pai era de origem italiana, se engraçou com minha avó, uma morena, chamavam-na de mulatinha do olho claro. Todos agricultores. Italiano, índio, negro. Tenho sotaque do Sul, mas tenho gingado e malícia como qualquer brasileira.

Meu avô morreu tão cedo que deixou minha avó viúva aos dezenove anos com um único filho, meu pai, que precisou ajuda-la desde muito menino no pedaço de terra herdado. Com algumas galinhas e uma horta, mais um mínimo pomar, ele deu conta de crescer, e ela de morrer ainda jovem de AVC no meio da plantação de milho, deixando-o com aquele pedaço de terra. Acabou comprando mais um pedaço. Do excedente foi juntando, até conseguir guardar um pouquinho. Conheceu minha mãe num bailão.

Ela me contou que era muito cobiçada, e nesse dia estava de vestido verde-água com um bordado de flores feito por ela mesma na gola. Usava um coque-banana. E para dar volume uma esponja de aço por dentro, dessas de arear panela. Passava o cabelo a ferro, para ficar bem liso. O cabelo muito preto. Sapatos brancos. Ela disse que meu pai chegou muito galanteador. Ele já tinha dançado com uma amiga dela que havia ficado interessadíssima, palavras dela, nele. Acho que esse foi o motivo dela ter aceito o convite para dançar. A amiga estava interessada e ela, muito mais pobre que a amiga, precisava mostrar que pelo menos era mais bonita e que podia conquistar o homem que a rica queria. Bailão, naquela época e naquele lugar, dava rico e dava pobre.

Não teve nada a ver com amor o que os uniu, talvez fosse mais uma vingança pelo fato de se sentir inferior. Nessa época, meu pai já tinha conseguido melhorar de vida, não era tão juvenzinho, e tinha até alguns ajudantes na lavoura. Os ajudantes dele eram mais jovens e o acompanhavam no baile, fazendo com que parecesse que tinha escudeiros, capangas, qualquer coisa que o deixava parecendo maior. Porque era pequeno. Mas seus cabelos loiros encaracolados e grandes, penteados com um pequeno pente de plástico de cerdas grossas e Gumex, faziam com que se formasse uma onda no alto da cabeça que o deixava maior. Usava calças jeans dobradas nos calcanhares.

Dessa primeira dança para o namoro não demorou muito. O drama da amiga que estava tão apaixonada por ele foi um empurrão para que começassem a namorar. Como eu sei de tudo isso? Não, ela nunca me disse que sentia inveja da amiga. O que ela me disse foi que a menina mais rica de Ferreira era apaixonada pelo pai e que ela, mesmo não tendo nem roupas decentes, conseguiu conquista-lo. O objetivo era roubar o amor da amiga rica.

Acabou que meu pai parecia mais interessante e mais endinheirado do que era de fato. Ou do que ela pensou que era, ou da fantasia que fez sobre o casamento. Talvez isso indique que ela não imaginou que a amiga sentia pelo meu pai um amor verdadeiro, talvez ela nem soubesse o que era amor, e inventou depois, à moda das novelas. Na casa dos meus avós não tinha televisão. Acontece que, quando as novelas entraram na vida da minha mãe, ela já estava casada com meu pai. E tudo já tinha começado muito mal. Era visível o orgulho que ele tinha de andar com ela, e a vergonha que ela sentia dele. A amiga acabou casando com um farmacêutico, e eles formaram uma família grande e moravam numa casa imensa, de esquina. Tinham um filho com Síndrome de Down, e, apesar disso ou por causa disso, eram um casal muito unido e respeitado. Eu tinha medo do filho deles.

Afora a missa, meus pais nunca faziam nada juntos. Minha mãe parecia esperar que alguma coisa acontecesse magicamente, e cada vez mais e mais era abduzida pelo universo da

televisão. Quanto do fato dela viver dentro das histórias das novelas teve peso na sua fuga ou desistência ou tentativa de ser outra, eu não saberia dizer. Talvez nem ela. Duas décadas fazem com que tudo mude de perspectiva e nunca se possa alcançar uma verdade. Isso sem contar o fato de que o passado que vivemos juntas é um passado muito diferente para nós duas.

Hoje em dia eu nem sei se importa o que aconteceu a ela, os motivos que a levaram a tomar a atitude que tomou. Eu mesma nem sei se é caso de perdoar ou não, porque o que teria sido de mim se ela não tivesse ido embora é fato desconhecido. Tenho certeza de que a cega da casa de taipa seria incapaz de imaginar isso, mesmo com toda sua forte tendência imaginativa e profissional. Perdoar não significa que eu a queira de novo na minha vida.

Por uma imensa coincidência, que não tem nada a ver com inveja da amiga ou ter conhecido alguém afetivamente importante para mim, um dos primeiros lugares que eu conheci quando cheguei a Porto Alegre foi o Clube da Saudade. Um baile diurno para pessoas da terceira idade, mas tinha crianças e até gente de meia idade. Tinha até gente jovem, já que eu era juvenzinha naquela época. Mas não fui lá com o mesmo propósito que a minha mãe foi no baile onde conheceu meu pai.

Na verdade, eu detesto bailões em geral. E eu juro que isso nada tem a ver com ela. Quando eu vim para Porto Alegre eu fui direto procurar uma pensão, pois era a coisa mais barata que eu podia pagar, e queria economizar tudo o que tinha trazido. Tinha uma pensão só para mulheres na Avenida Assis Brasil, uma casa velha, azul e úmida. Era perfeita, barata, e razoavelmente limpa. Não muito longe dos corredores de ônibus que iam para qualquer lugar da cidade. Caso é: a pensão estava lotada, havia uma menina que ia embora, mas tinha outra na fila.

Quando eu estava saindo de lá, a dona da pensão me chamou de volta e perguntou se eu gostava de bailes. Eu achei que ela queria saber se eu era o tipo festeira e isso seria ruim. Prontamente eu disse que detestava, e ela disse algo como “que pena” e me mandou embora. Mas aquela pensão era perfeita demais para meu orçamento, então se para conseguir ficar lá eu precisasse gostar de baile, eu daria um jeito.

Voltei. Bati na porta de madeira marrom escura, e, quando ela abriu, saí me atirando.

“E se eu gostar de baile? Tem vaga para mim?”

“Se tu me acompanhar no Clube da Saudade toda quarta e domingo e disser que é minha sobrinha, tem vaga. Eu digo praquela menina que estava na fila que a outra decidiu ficar.”

“Mas por que ela mesmo não pode ir com a senhora?”

“Porque eu disse que tinha uma sobrinha bonita, e olhando para você parece até que lembra um pouco eu quando tinha a tua idade.”

Não sei como era a outra garota e achei melhor nem perguntar. Fui com ela no Clube da Saudade algumas vezes antes de conhecer o Carlos. Foi lá que conheci outros homens, entre o cabeludo e o Carlos. Eu sabia que não me entregaria jamais a um homem que conhecesse num baile, ainda mais no Clube da Saudade. Tinha de todo tipo, e eu não tinha muito critério, eu não levava nada a sério. Então, eu aproveitei para namorar bastante e para entender algumas coisas sobre a vida, os homens, os casais, as fantasias, os fracassos. Pelos três anos que passei na pensão da Avenida Assis Brasil, fui a sobrinha da dona para o senhor de bigodes. Mas eles nunca emplacaram um romance como ela desejava. Ir àqueles bailes e ver as pessoas se conhecendo sempre foi algo melancólico para mim. Passo várias vezes de ônibus na frente do Clube, sem saudade, e em quase todas sinto um incômodo, um constrangimento, ao olhar a fila do lado de fora, a esperança de batom vermelho ou de camisa aberta. A penumbra, o cheiro de mofo e naftalina, do salão e da pensão.

Agora, depois do cursinho, estou levando umas encomendas para uma cliente. Está escuro e eu esbaforida estou na parada de ônibus, quero chegar logo em casa. Ela liga de novo. Tenho arritmia cardíaca desde que foi embora: do nada o coração dispara, uma dor no peito, a sensação de que o órgão está correndo uma maratona e que se não me encontro rápido com a linha de chegada, todo o corpo vai desabar. Desligo. Neste estado não consigo falar. Não quero que perceba meu abalo por causa dela. Não demora muito e a ligação retorna. Insistente. A arritmia ainda não cessa, e as mãos tremem. Respiro fundo três vezes. Atendo assim mesmo.

“Oi meu amor, eu sei que isso não é fácil para ti, mas também não é para mim, por Deus acredita, tu é minha única filha, mas tudo tem um motivo... Raquel, tu tá me ouvindo bem?”

“Sueli, só um minutinho, eu já retorno.”

Respiro quatro, solto oito, respiro, solto. As batidas continuam apressadas, a sensação é que o mundo para, há uma suspensão do meu direito de viver, os anjos estão confabulando se vai acontecer o enfarte, depois de muito burburinho, todos gritando, de repente para. Hum, então continuo filha única. As batidas começam a diminuir, sinto o sangue voltar a circular. Os anjos decidiram dar mais uma chance. Obrigada. É sempre assim, mas hoje tem outro tipo de angústia. O corpo não para de tremer, mas ligo para ela com certo alívio de quem sobrevive. Finjo a tranquilidade de quem tem ar condicionado.

“Minha filha, quero tanto te ver, te dar um abraço.”

Nada prepara alguém para essas horas improváveis. A voz dela me desagrada muito, mais do que qualquer outra no mundo. Ela começa a chorar, e eu deixo, penso se vão acabar os créditos do celular. Prefiro o choro que a fala, deixo ela chorar, todo mundo merece. Eu não lembro nunca de tê-la visto assim, lembro que ela chorava muito nos finais das novelas quando os autores deixavam mensagens na tela para reflexão. Ela parecia que refletia e eu queria tanto saber sobre o que ela refletia. Refletia? Nunca tive coragem de perguntar. Ou de saber a resposta.

*Sinhá Moça*: E de tudo que plantaram, nada lhes restou... Nem terra, nem frutos. Apenas a liberdade. Eu tinha sete anos e eu lembro da última frase de *A Viagem*: Tudo isso, só para você saber que a vida continua e a morte é uma viagem. Acho que alimentei com isso um desejo

de morte. Ou uma ideia amena, pelo menos. A morte como uma grande viagem, talvez guiada. Dante e Virgílio. *A Caverna do Dragão* e o Mestre dos Magos.

“Como tu me achou?”

“Pois é, filha, não fui eu quem te achou.”

“Quem foi então?”

“Filha, quem te achou foi um programa de tevê.”

“Como assim? Que absurdo é esse?”

“Tu mudou o sobrenome, saiu de Ferreira, estou tentando te achar faz um tempo. Eu não sabia mais o que fazer, eu tenho uma amiga que é produtora de um desses programas, e ela sabia que eu tava te procurando. O programa busca uma história de mãe e filha para mostrar no dia das mães. Foi o desespero que me fez fazer isso.”

“Mas eu jamais vou aceitar essa palhaçada, eu sempre achei ridículo esse tipo de programa!”

“Eu sei. Eu lembro que tu ficou furiosa quando eu te inscrevi naquele programa de perguntas, lembra? Era tão envergonhada. Mas tu sempre foi tão inteligente.”

“Se sabe, por que quer me fazer passar por isso?”

“Foi a única forma, e não me arrependo porque olha aonde cheguei. Estou aqui falando contigo, bem contente.”

“O programa deu o meu telefone? Que programa é esse?”

“Não, eu descobri que tinham te achado, essa amiga me contou, é um desses programas de auditório que acham famílias com histórias que dão audiência. Só que depois, fiquei pensando que tu me odiaria por isso, e acabei conseguindo as informações com ela.... Enfim, não foi fácil, Raquel, e se ela for descoberta vai perder o emprego por ter me ajudado.”

“Então cancela o programa, diz que não vai, faz qualquer coisa assim.”

“Sim, eu posso fazer isso, mas antes eu queria te dizer que eles podem te ligar antes disso, dizendo que tu ganhou um prêmio como revendedora de produtos de beleza, de uma marca que tu vende, parece que a empresa quer te premiar, algo desse tipo, essa seria a desculpa para te levar até São Paulo e te fazer a surpresa de me encontrar no palco.”

“Ah, que baita surpresa!”

“Eu entendo tu não querer me ver.”

Peraí, será que tem um prêmio mesmo? Dependendo de quanto for posso ficar alguns meses, talvez até um ano, sem trabalhar, só estudando. Imagina ficar só estudando...

“Esse prêmio existe? Tem algum valor que eu iria receber realmente? Alô, Sueli?”

Terminou a bateria. Acho que foi um sinal, a conversa já estava ficando longa, e eu não queria que desse tempo de criar alguma intimidade, que ela acreditasse que eu vou vê-la, ainda que seja só pelo dinheiro. Com dinheiro ou sem eu nem posso ouvir a voz dela, quanto mais olhar a cara, para que lembrar de um rosto que é vantagem ter esquecido? Demorei tanto para esquecê-la, e agora ela me aparece assim. Ah, por favor, tudo como ela quer?! Acho que ela só quer se mostrar no programa!

Na parada, o segundo ônibus, o quatro-cinco-um, passa direto, lotado. O motorista faz aquele sinal com a mão como de um pisca-pisca, e traz um leve sorriso para demonstrar prazer em não precisar parar. Estou muito ansiosa. Pego o linha quarenta-e-nove que me deixa três quadras longe de casa, duas delas bastante longas e desertas. É a forma mais rápida de chegar, e eu nem penso nos perigos do caminho na noite fechada. Eu e o Carlos estamos quase empatados, eu tenho nove e ele oito assaltos. Mas os dele foram mais perigosos, cinco com arma de verdade. Eu só tive um com arma de fogo, outros seis com faca, e dois foram sem nada mesmo, me encurralaram, eram numerosos e eu nem reagi. Neste último eu levei uns sopapos, nada grave. O Carlos já teve o nariz e uma perna quebrada. A Bete teve dezoito, porque sempre morou em bairros perigosos e na capital. Quando era criança precisava se esconder embaixo da cama quando começava o tiroteio, mas nunca se machucou. Ela acha que tem santo forte, sei lá o que é isso, mas deve ter mesmo. Santo Forte era uma novela da Manchete? Não, acho que era *Corpo Santo*, e a filha do Chico Buarque era casta e paranormal.

Deço do ônibus e logo dobro no beco medonho a caminho de casa, com toda aquela história da minha mãe girando pela cabeça, fragmentos da conversa pelo telefone com imagens da infância e adolescência. Eu, num passo apertado, querendo apressar a lógica e chegar em outro pensamento. Ando por alguns metros e ouço passos atrás mim. Passos rápidos. Não quero virar, acelero ainda mais. Há um certo alívio em tirar o pensamento do passado e colocar no presente, ainda que isso traga medo. O medo é melhor que a angústia. Agarro bem a bolsa, pressionno a axila com toda força. Suo muito. Eu ouço que uma pessoa se aproxima. Começo a correr andando. Quando já estou quase na esquina, tropeço e desequilíbrio. Com o susto, automaticamente viro para trás. É uma mulher, que alívio! Uma mulher de fones de ouvido e mochila nas costas. Escapo mais uma vez: continuo com nove.

Quando minha mãe partiu, fazia uns dois meses que meus pais tinham feito uma viagem a Porto Alegre. Quando voltaram, ela não era mais a mesma. No início, achei bom, trazia uma alegria, não era de rir, era no canto da boca. Lembro de ter estranhado ela cantarolando no tanque. Achei que fosse provocação, já que vivíamos brigando. Pensei que meus pais haviam se aproximado na viagem, embora nele não tivesse visto nada de diferente. Desde o início eu achei que aquela viagem era algo inusitado, mas eu nem quis perguntar porque achei maravilhoso ficar em casa sozinha, levar meu namorado cabeludo para lá e transar com ele na cama dos meus pais. Depois passar aspirador de pó para minha mãe não achar nenhum cabelo comprido diferente. Nessa época, eu estava distante dela, o que tornou tudo mais difícil de ser compreendido.

Se meu pai tivesse sumido eu não sentiria culpa, mas foi a minha mãe, era como se fosse algo nosso. Se não fosse, ela teria me deixado um bilhete. Alguns culparam meu pai. Na cidade diziam que ele tinha feito algo a ela. Outros achavam que ela tinha enlouquecido. Corria à língua miúda que a mãe tivera outros homens na cidade antes de partir, que ela frequentemente recebia convites. Nunca acreditei nisso, nunca vi nada que lembrasse isso, e eu ficava muito com ela, antes daqueles últimos meses. Houve quem dissesse que muitos homens pararam de ir à missa aos domingos, pois só iam para vê-la. Eu achei um exagero daquela gente de interior que não tinha nada para fazer. Não acho que a minha mãe era uma santa imaculada, mas a rotina dela era sempre a mesma, nada acontecia de novo. Acordava, fazia o café da manhã. Lavava a louça, arrumava a casa, passava um pano no chão, fazia o almoço. Lavava a louça, lavava roupas, passava, costurava. Fazia compras, limpava a casa, preparava a janta. Lavava louça, tricotava. Assistia às novelas, dormia.

Depois do sumiço, a cidade se convenceu de que um homem feio e sem estudo como meu pai seria incapaz de segurar uma “morena bonitona” como a Sueli. Bonita e jovem, quinze anos mais moça do que ele. Depois de um tempo, no entanto, a impressão era de que todos haviam esquecido a minha mãe, não falavam mais nada sobre ela. Era como se nunca tivesse existido. A tia Neusa fez isso, nunca mais falou dela.

No dia da partida, meu pai começou a beber. Logo em seguida juntou seus cotovelos aos dos clientes do bar e passou a beber todas as noites, também alguns dias; e depois todos os dias e todas as noites: soldou a alma.

Eu continuei estudando e arranjei um emprego meio período para guardar dinheiro e vir para Porto Alegre. Pensava que se ela tinha largado o pai não seria eu a ter que cuidar dele. Quando o pai chegava em casa bêbado, caía na cama e chorava, chorava como se fosse uma criança, uma criança velha, feia e suja. Era pior que o pior drama. Parecia que era ele que assistia às novelas. Não tardou muito para que as coisas se resolvessem: o pai morreu de bêbado, como se diz no interior. Não achei ruim. Não deu trabalho.

Será que a gente vê o próprio rosto em carne e osso quando morre? Será a última coisa que a gente vê antes de começar a viagem? Meu pai morreu sem dizer nada, nada sobre ele, nada sobre ela. “Às vezes eu fico pensando... Para onde vai tudo que uma pessoa sabe quando ela morre?”, disse o personagem do Jardel Filho, que não lembro o nome, um pouco antes do ator morrer de verdade. Não sei se sabia algo sobre mim, mas eu sentia que me amava. Do jeito que viveu, meu pai levou para viagem o silêncio de um andarilho.

Eu estava com dezenove anos, vendi o ponto da mercearia, paguei umas dívidas de fornecedores, e finalmente vim para capital. Nossa história teria ficado lá, onde deveria, para sempre, se ela não tivesse aparecido para desenterrar os corpos.

“Coceira na mão é dinheiro.”

“O que tu falou, amiga?”, grita a Bete com a cara enfiada na montoeira de tomates na barraca da feira.

“Coceira na mão é dinheiro”, eu grito mais alto, “essa frase a minha mãe sempre dizia quando eu era pequena. E eu tô com coceira na mão. Como é bom coçar quando a gente sente coceira.”

Imagina o quanto deve ser difícil para alguém sentir coceira e não poder coçar. Eu tive um colega que quebrou os dois braços num jogo de futebol e precisou ficar meses com eles engessados. Às vezes ficava constrangido de pedir à professora que coçasse para ele, mas ela fazia, enfiava uma agulha de tricô por dentro do gesso. Depois do alívio vinha a cara corada da vergonha.

“Que história é essa? Coceira na mão é sujeira, Raquel. O troco desses feirantes aqui passam por tantas mãos e sabe-se lá no que mais, a gente ficar agarrada nesse papel sebooso, mão fechada, suando, bactérias se reproduzindo até a próxima banca.”

“Que nojo, Bete!”, guardo rápido na pochete o dinheiro que tinha na mão.

“Mas que fato raro falar assim na mãe, do nada. Quem sabe tu tem notícia dela porque a véia morreu e te deixou uma herança, daí eu vou acreditar que coceira na mão é dinheiro. Prometo acender uma vela de sete dias pra ela. Chamar pra baixar e agradecer lá no Centro Espírita.”

“Não seja nem besta falar isso, ela deve estar viva, senão já tinha notícia. Eu acho que eu teria notícia se ela tivesse morrido, né?”

Eu sempre pensava nisso, se ela morresse eu saberia, e não mexeria uma palha para ir ao enterro. Mas agora eu sei que ela está viva, é a única chance de saber o que aconteceu. Achar que uma história está morta e de repente ela está vivinha da silva, e agora cabe a ti matar ou não. Mas ao mesmo tempo meus pais estarem mortos me dava certo alívio, o alívio de quem sabe que não vai precisar mais lidar com isso. Eu imagino que quem tem os pais ainda vivos, no fundo, sempre sente certa aflição porque sabe que um dia terá que lidar com a morte deles. Se tudo der certo, eles morrerão. E quanto mais o tempo se vai, mais cresce a angústia, que passa pela ideia de uma morte agonizante, será necessário lidar com a iminência, com os

cuidados até que ela aconteça, com o desenrolar que ela exige, com o velório, o enterro, o primeiro vazio, com a iluminação sobre o que ficou.

Minha mãe me libertou disso, me libertou da preocupação que eu deveria ter com o peso da sua morte. Esse é um bem que ela me fez. Eu nem tive tempo de sentir a morte com meu pai, porque foi um alívio para mim, e tudo o que estava relacionado a ela também. Voltar a encontrá-la e colocá-la em minha vida de novo seria trazer a possibilidade de uma nova perda que já foi sofrida. Trazer a moribunda novamente para minha vida seria uma atitude muito mais de compaixão com ela do que de amor a mim mesma, já que isso me colocaria numa situação de fragilidade. Mas o que eu estaria perdendo com a presença dela na minha vida? Se eu tivesse coragem de encontrá-la e pudesse perceber o que de fato ela poderia me acrescentar. Se eu percebesse que haveria mais mágica do que dor nessa relação, eu poderia decidir melhor. Preciso encontrá-la, saber quem é essa mulher hoje e o que ela sente em relação a mim, e eu em relação a ela? Pode ser que eu não sinta nada, nem vontade de saber o que passou com ela, e, então, está tudo resolvido.

“Não sei, vai que ela morreu em outro país. E por que tu nunca procurou por ela? Quem sabe ela tá milionária e tu aí nessa pindaíba tendo que pegar a xepa, pegando três por dez.”

“Quatro por dez, tá muito mixuruca esse abacaxi. Jura que ela estaria rica, Bete, capaz é de estar pior do que eu, ainda ter que ajudar. Nem pensar!”

“Isso é verdade, capaz de ficar com pena, ela te contar uma história triste, que passou fome, tem mais dez filhos pra criar, tu ter que pagar os remédios... Ela deve tomar muitos remédios pela idade, que idade ela tinha quando te deixou?”

“Ela tava com 40, está com quase sessenta agora. Eu não tinha pensado sobre pagar remédios...”

“Isso se tiver viva, né? Mas pela idade, pelo menos dez filhos ela não teve.”

“Pro meu azar ela deve estar viva, sim.”

O carrinho de feira da Bete é cheio de gatinhos com óculos de sol, bem parecido com os que ela está usando. Ela desfila no cimento, sandália de salto, queixo erguido, chapéu de pano amarrado debaixo do queixo. Chama muita atenção dos homens em qualquer lugar que ela passa.

“Gostosa que tu tá nesse shortinho hoje, Rainha Elizabete!”

“Gostosa deve estar essa abóbora que eu vou jogar na tua cara junto com um processo por assédio, Dorivaldo, ou tu esqueceu que a Raquel aqui é adevogada? Adevogada e testemunha. A gente não é mais besta, não. E pode diminuir esse preço da cebola que xepa é xepa, e isso é preço de início de feira que tu não me engana, seu safado!”

“Bete, tu conhece alguma cartomante, alguém que joga búzios, essas coisas? Tem que ser honesta.”

“Eu sei da Cigana, lá pros lados do Lami. Diz que incorpora. Hoje tu tá realmente esquisita, acreditando nessas coisas que jura de pé junto que não acredita.”

“Não acredito mesmo. Trato um pouco como se fosse uma terapia, mas como eu não posso pagar por uma... e conselho nunca é demais.”

“Joga tarô na internet que a gente nem gasta com passagem.”

“Não exagera, esses tarôs de internet nunca respondem o que a gente pergunta. Ela cobra?”

“Parece que não pode cobrar, mas não é sempre que baixa. Já ouvi falar de gente que teve que ir umas três vezes até baixar. Anda falhando. Posso ir no sábado contigo, dona Marlene vai para praia.”

“Combinado sábado.”

“Amiga, tu ainda tem aquele pó com brilho?”

“Hum... Não, mas eu posso encomendar.”

“Sabe aquela guria do G, que tem um salsicha preto?”

“Sei. É mais simpática comigo do que com o Carlos.”

“Oba. Então pode encomendar.”

Almoço com a Bete ali mesmo na feira, na barraca Quitutes da Delícia, e tomamos um copão de caldo de cana com limão. Mando uma foto do copo para o Carlos. Me despeço da Bete e vou para o cursinho. Eu fico o tempo todo pensando sobre a possibilidade de saber o que houve, sobre essa coisa de não ter e de repente ter uma mãe de novo, porque a voz dela era a mesma, mas o jeito estava diferente. Parece um vírus no pensamento, ocupando múltiplos lugares, como quando estamos acometidos de uma paixão ou uma desilusão. Somos duas pessoas diferentes, mas a única coisa que não muda é o fato de sermos mãe e filha. Nunca mudará, nem quando a gente morrer. Esse é o ponto fixo de onde tudo ao redor gira. E enquanto eu penso nisso o telefone começa a tremer em cima da mesa. É ela, não tenho dúvida de que não vai desistir até dizer o que quer.

Uma mensagem do Carlos, foto do prato, sem peruca dessa vez. Ela manda uma mensagem: Vão te ligar do programa de televisão, me dá uma chance de te explicar antes de recusar. Será que vão desistir de me dar o prêmio se eu desistir do programa? Claro que sim, eles só vão me premiar para aparecerem de legais na televisão. Me liga às 15:30, respondi. Hora do intervalo.

“Alô, pode falar, Sueli, quando vão me ligar?”

“Oi filha, eu não sei, a qualquer momento, por isso quero ter a chance de te explicar as coisas antes que tu recuse por minha causa e perca a oportunidade.”

“Então tem esse prêmio em dinheiro para a revendedora? E de quanto é?”

“Tem, sim, mas não sei de quanto é, é um prêmio da tua empresa, deve ser bom, mas tem nosso cachê também. Se tu topa me encontrar, eu te dou o meu. Eu só quero te ver, te dar um abraço. E tem outro motivo, que talvez seja mais importante ainda, mas sobre isso eu só posso falar pessoalmente.”

“Ih. Tem certeza de que eles não sabem que tu tem meu telefone?”

“Eles não sabem, filha, te garanto, vamos ser a atração principal do Especial de Dia das Mães. Nossa história é triste, mas é gozada, diferente, é perfeita para o programa de televisão. Mas tu não pode contar para ninguém que a gente se falou, pelo menos para os outros ao teu redor tem que ser surpresa, se não os caras do programa vão desconfiar. Tu precisa fingir que não sabe de nada. Consegue? Faça pela tia Neusa.”

“A tia Neusa tá envolvida nisso? Eu tô achando muito estranho, a história que tu contou é verdadeira? Por que eu acreditaria em ti?”

“Por que a gente não faz o seguinte: venha me encontrar, ninguém vai saber que a gente se viu e eu te conto. Eu moro no bairro Rubem Berta, sabe onde é?”

“Sei onde é, eu moro do outro lado da cidade.”

“Que bom, assim não vai ter nenhum conhecido teu por perto, daí eu te explico tudo, e tu vai ver que é tudo verdade. Pensa essa noite. De qualquer forma quando te ligarem tu pode recusar, eu vou entender, eu só queria que tu soubesse que estou te procurando faz tempo, e tu terá o tempo que quiser para falar comigo. Porém, se recusa a oferta do programa, eu não sei se vai ganhar o prêmio, e talvez tu te arrependa por outras razões, mas essas eu te conto no almoço.”

“Ok, Sueli, entendi.”

“Se tu vier, te preparo aquela massa com coração de galinha. Lembra do dia que sonhou com os números e teu pai jogou no bicho e ganhou? Foi nesse dia que tu pediu massa com coração de frango, queijo ralado e refrigerante, nunca esqueço esse dia.”

“Lembro. Tá bem, então, vou pensar e te mando mensagem.”

“Um beijo, querida. Te amo. Só preciso que tu saiba isso. Estou tão feliz que eu pude te dizer isso.”

Desligo sem dizer nada. Estou com raiva desse mistério, cada vez tenho mais raiva disso tudo. Não posso falar com ninguém, mais isso ainda. Tem um negócio fechando a minha garganta, parece que estou sufocando. Melhor pensar que isso nunca aconteceu. Se eu trocar o número do telefone é como se isso nunca tivesse acontecido. Mas ela falou da tia, e aí meu coração derreteu todinho. Um dia eu sonhei que minha mãe me fez aparecer num programa de televisão.

Era uma possibilidade iminente. Ela tinha mandado, na realidade, uma carta para o programa *Porta da Esperança*. Tinha visto em algum lugar que existia um tratamento para o vitiligo em Cuba, e decidi mandar uma carta para o programa, sem me consultar, contando sobre meus traumas, que eram muitos, e pedindo uma passagem para lá e o pagamento pelo tratamento. Quando eu fiquei sabendo disso ela já tinha mandado. Surpresa. Foi então que começaram meus pesadelos. Dia sim dia não eu sonhava que estava lá. Às vezes sonhava que estava pelada e só percebia quando já tinha entrado no palco, a plateia ficava horrorizada com as minhas manchas. As assistentes de palco vinham me cobrir com um manto vermelho de pele, e eu saía sem saber o que existia atrás da porta. Outras vezes aconteciam várias coisas que

impediam que a porta se abrisse. Eu não lembro nunca de ter conseguido ver se havia algo atrás das portas, se existia esperança.

Minha mãe sempre recebeu o carteiro. Nesse período eu ficava esperando ele na frente para tentar interceptar uma carta do programa e me dar tempo para ver se eu queria encarar a vergonha de ter que mostrar minhas manchas em rede nacional. Talvez meus ataques de ansiedade tenham começado com essa maldita carta. Quatro anos depois, a programação saiu da grade e eu pude dormir aliviada. Nunca mais ouvi, tampouco esqueci o timbre grave daquela voz que vinha do além, e abria o programa com uma ameaça: você tem certeza que já fez tudo o que podia pelo seu semelhante, pois um dia vamos nos encontrar, e eu gostaria muito de chamá-lo de meu filho. Acho que era o mesmo cara que anunciava a transformação da forma decadente de Mum Rá em *Thundercats*.

Chego em casa morta de cansaço, eu e a Bete fazemos a feira de quarta no centro, então levei as sacolas para aula e depois trouxe tudo no ônibus, além das tralhas que eu carrego, e das duas casas que eu tive que passar aqui no bairro para entregar encomendas. Mas isso é bom, estou quase na meta deste mês. O Carlos está em casa, na cozinha, e só vejo ele esticar a cabeça para fora da porta.

“Com fome?”

“Sim. Acho que eu tô precisando beber alguma coisa.”

“Vou colocar uma gelada no congelador pra gente, que tal? Em quinze minutos fica estúpida!”

“Tô fedorenta, fiz feira no sol. Comprei umas frutas lindas, depois sente o cheiro dessa manga, é de salivar. Vou tomar um banho e já volto.”

Visto um camiseta e nem seco o cabelo, sinto a umidade passar para as minhas costas através do tecido. Quando eu saio do banheiro percebo pela casa o cheiro de cravo e canela. O Carlos descascou o abacaxi e está fervendo as cascas com as especiarias, para fazer um tipo de chá gelado que eu adoro. Quando volto para a cozinha, está preparando umas torradas de queijo e mortadela. Agarro pelas costas, fico na ponta dos pés e o encho de beijinhos na nuca. Terminei de guardar as frutas e pego uma banana.

“Como foi teu dia?”, ele diz, gingando entre a pia e o fogão.

“Nunca tinha reparado que banana é cintilante, olha, é só essa ou são todas? Meu dia foi normal. Feira, aula, encomendas, ônibus.” Eu não sei como eu tenho coragem de mentir para ele. De bobo, Corcoran não tem nada.

“Acho que elas cintilam todos os dias. Aconteceu algo diferente essa semana?”

“Como assim diferente? Melhor, pior?”

“Não consigo decifrar, tá pensativa, vendo brilho em banana. E aquela transa foi tão especial... Lembra quando a gente viu aquele filme estranho, da ninfomaníaca, que ela dizia no ouvido da amiga que o segredo do sexo é o amor?”

“Hã?”

“É isso, é bom sentir amor, sei lá. Já pode tirar a cerveja do congelador, tô terminado as torradinhas aqui.”

“Vamos comer aqui na cozinha pra não bagunçar a sala.”

“Tem outra coisa estranha: as mensagens...”

“O que tem as mensagens, as de celular?”

“Sim. Tu não me encheu de mensagens. Hoje foi só um copinho de caldo de cana. Parecia gostoso.”

“Ah, foi a Bete, ela disse que achava estranho que a gente se trocasse mensagem o tempo todo sobre tudo. Eu pensei e concordei com ela.”

“Que bom! Parece que está se sentindo bem, não acha mais que eu vou fugir.”

“Achou bom? Não gostava das minhas mensagens?”

“Gostava, gosto. Mas acho um pouco exagerado de vez em quando, e no trabalho às vezes atrapalha, me deixa nervoso não conseguir te responder na hora, porque eu sei que precisa delas para se sentir segura, por causa da tua mãe.”

“Uau, virou terapeuta. Eu nunca disse isso. E nunca nem penso nela. Não tô nem aí.”

“Tem muita coisa que tu não me diz, mas eu sei. Posso parecer muito simplinho e não ter estudado muito, mas eu sou um grande observador da vida, um grande observador de ti. Um conhecedor e apreciador de vossa linda e deliciosa pessoa.”

“Eu não imaginava que isso te incomodasse, e eu confesso que não reparei que tinha parado de mandar também. Tu tem razão, é um bom sinal.”

Nossa cozinha tem uma pequena mesa com dois bancos de madeira embaixo, a gente fica espremido mas fica pertinho. Sirvo a cerveja nos dois copos, o Carlos coloca cada torrada em um prato. Sentamos ao mesmo tempo. É um balé.

“Essa torrada tá especial.”

“Agora tudo é especial?”

“Tudo que é feito com amor.”

“Meio brega isso, parece comercial de açúcar. Mas tá uma delícia. Tá especial.”

O Carlos é ótimo dono de casa, muito melhor do que eu. Cozinha, lava e até sabe passar roupa. Vou repetir: sabe passar roupa. Algum homem no mundo sabe passar roupa além dele? Ele fica feliz quando faz essas coisas. Quero falar da mãe, mas ainda não decidi nada sobre o programa. É, Carlos, aconteceram várias coisas diferentes essa semana, mas eu quero te poupar da confusão que está a minha cabeça. Provavelmente eu nem conseguiria colocar em palavras as coisas que estão acontecendo aqui dentro de mim. Deveria existir um fio com um plugue de cada lado encaixado em cada um de nós, assim eu poderia passar o que sinto sem ter que articular em palavras. Nunca consigo fazer isso sem que se perca algo, sem que pareça falso. Sem que tenha qualquer coisa de fora contaminando o sentido.

“Viu que tem uns fios brancos na tua barba?”

“Onde?”

“No queixo, aqui ó. Um, dois, três, quatro... cinco.”

“Opa, em breve posso fazer um bico de Papai Noel para reforçar o orçamento”.

Eu e a Bete estamos no Centro Espírita para tomar o tal passe e abrir meus caminhos e os dela. Acontece que precisa assistir a uma palestra antes, e a sala está cheia e abafada. O tectec dos ventiladores de madeira velhos me dão sono. O Centro fica aqui mesmo na Vila Nova e está sempre lotado. Em bairro assim, qualquer puxadinho que ofereça ajuda está sempre lotado. Do postinho de saúde a qualquer religião, sem preconceito. É grátis e pode ajudar? Entramos na fila. Está no DNA. Começo a me abanar com o folheto que tem um trecho do *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Me deram na entrada. Sem olhar do que se trata, nem noto o assunto, até que ouço a palavra “mãe”, resolvo acompanhar a papeleta no trecho:

*O mandamento: “Honrai a vosso pai e a vossa mãe” é um corolário da lei geral de caridade e de amor ao próximo, visto que não pode amar o seu próximo aquele que não ama a seu pai e a sua mãe; mas, o termo honrai encerra um dever a mais para com eles: o da piedade filial. Quis Deus mostrar por essa forma que ao amor se devem juntar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que envolve a obrigação de cumprir-se para com eles, de modo ainda mais rigoroso, tudo o que a caridade ordena relativamente ao próximo em geral. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que fazem as vezes de pai e de mãe, as quais tanto maior mérito têm, quanto menos obrigatório é para elas o devotamento. Deus pune sempre com rigor toda violação desse mandamento.*

Cai uma culpa pesada no estômago. Será que é um sinal? Eu intuo que não devia ter vindo. A Bete se abana com a senha para a chamada do passe, que é grande e de plástico firme, e fica girando a cabeça como se procurasse alguém.

“Tem um ruivo baixinho que sempre vem, mas não tô vendo ele hoje.”

“Talvez ele esteja lá fora, tá tão quente aqui dentro. Quem sabe a gente vai tomar um ar?”

“Vamos, vai indo que eu vou deixar as garrafas para as irmãs colocarem a água benzida.”

Fora tem realmente uma brisa fresca e várias pessoas, procuro um ruivo baixinho e não encontro. A Bete demora a chegar, começo a ficar ansiosa.

“Consegui pra gente participar de uma mesa mediúnica em vez do passe”, ela disse com animação infantil. “Eles nos convidaram, tipo premonição.”

“O que se faz nisso? Eu tenho que ir? Mas... e o passe?”

“O passe a gente pode fazer qualquer dia. Os médiuns ficam todos de mãos dadas, e os espíritos falam através deles. É isso que acontece. É demais!”

“Nem pensar, eu tenho medo.”

“Medo do quê? Eles não fazem nada.”

“Ah Bete, não sei não, se eles falam alguma coisa ruim que vai acontecer. Eu sou muito sugestionável.”

“Tu tem que ir, amiga, eles pediram teu nome e eu dei, vai que é a tua mãe e tu descobre que ela morreu, talvez ela tenha algum recado para ti, ou o teu pai, sei lá”, diz e solta uma risada diabólica. “Mas a gente não vai participar, deixa de ser besta, é só quem quer, não te preocupa com isso.”

A ansiedade só aumenta e eu já sinto que estou cheirando mal, faz horas que eu passei o desodorante. Fico preocupada de ver ou sentir alguma coisa. Uma mão no meu ombro, uma criança no canto da sala de camisola branca e olhar triste. Lembro de ter visto um trecho de *Sétimo Sentido*, da Janete Clair, no *Vale a pena ver de novo*. A paranormal Luana Cambará se transformava na Priscila Capricce durante um julgamento, a outra dela mesma. Mais uma lembrança de paranormal. Por quê? Lembro que fiquei anos com essa cena da Regina Duarte na cabeça. Ela falava endiabrada um trecho de um poema que, descobri muito tempo depois, é do João Cabral de Melo Neto. Decorei porque dizem que é bom para a memória saber um poema de cor, e escolhi este:

*Há gente que se infiltra  
dentro de outra, e aí mora,  
vivendo do que filtra,  
sem voltar pra fora.*

*E passa uma outra gente  
que se infiltra e retorna,  
vivendo com o de dentro  
que subtraiu, na volta.*

*Mas se o primeiro tipo  
se satisfaz com a sombra  
e no corpo que o abriga  
vegeta mudo, em coma,*

*O outro mais cedo ou tarde,  
retorna e desabrocha:  
na flor da delação,  
a única em que flora.*

Eu era uma criança e fiquei apavorada com a possibilidade de uma gente entrar em mim e em mim morar. Eu não sabia que isso era possível, e naquele momento acreditei piamente. Mas o poema é tão bonito, até hoje sinto calafrio quando rememoro. Meus pelos estão todos arrepiados.

Entramos na sala e os participantes da mesa já estão sentados ao redor de uma mesa redonda, todos de branco. Sentamos em cadeiras de plástico próximas a eles, há outras pessoas sentadas. Uma mulher é convidada a se juntar à mesa com os médiuns. Eles se dão as mãos, e começa a sessão. Estão com os olhos fechados. Depois de uns instantes um deles começa a falar com a senhora que tinha sido convidada. Ela chora quando o médium diz a ela qualquer coisa que eu não entendo sobre o marido morto, ou é o próprio marido morto que fala, acho que é isso. Dou uma relaxada, e me imagino no auditório de um programa de televisão.

“Raquel. Tem alguma Raquel aqui?”, diz um dos médiuns.

Afrouxam as minhas pernas. Eu fico muda e ele repete.

“Tem alguma Raquel aqui, alguém está querendo falar com ela.”

“Tem sim”, diz a Bete, eu dou uma cotovelada nela.

“É você?”, pergunta uma mulher de branco que está em pé olhando para a Bete.

“Diz que é tu”, eu digo.

“Eu não posso mentir, eles estão vendo tudo.”, diz ela meio chocada também, “é a minha amiga aqui.”

“Raquel, tu pode se juntar a nós aqui na mesa?”

Nem sinto mais as pernas, é meu pai me cobrando que eu não fiquei triste com a morte dele, todos vão saber que eu não sou uma pessoa boa. A Bete vai ficar decepcionada comigo. Mas é a chance dele me perdoar. Pode ser um recado dele sobre a minha mãe, claro. Sento ao lado do médium que me chamou. Ele me dá a mão, a mulher do outro lado também, e eu penso no mau cheiro ao abrir os braços. Todos fecham os olhos.

“Raquel, você conhece alguma Neiva?”

“Não conheço, não deve ser para mim, desculpa”, digo e vou levantando.

“Espera, espera. Ela diz que é tu mesma. Ela diz que está bem e que é para ti encontrar a mãe, talvez a mãe dela? Tu lê muito? Ler tudo, ler muito de tudo, isso faz algum sentido?”

“Não, não me diz nada, posso sair?”, me levanto e saio da sala. Depois eu saio correndo pelo corredor, as lágrimas descem pelo pescoço. Só paro quando chego na parada de ônibus. Me agacho com a bolsa entre as pernas e as mãos no rosto. Não acredito, não acredito! A Bete me alcança logo em seguida, sem entender nada, ela me abraça e me deixa chorar em silêncio.

Todo ano, no final do mês de maio, minha mãe e tia Neusa me forçavam a uma longa caminhada até a cidade de Ernestina, na procissão de Nossa Senhora do Caravaggio. A romaria era um dos eventos mais importantes do ano, um dos momentos que eu esperava ansiosa. Cerca de quinze quilômetros até o Santuário. Umhas três horas de caminhada, nem tão lenta quanto as procissões na cidade, que me faziam sentir o bafo concentrado das pessoas próximas, pois toda Ferreira participava, e nem rápida demais, como as corridas quando se vê um ônibus e ainda não se está na parada. Saíamos pela manhã, bem cedo, quando o sol estreava o dia.

Desde essa época, percebi que o exercício da caminhada fazia girar a engrenagem da minha imaginação. Ficava excitada de caminhar junto com tantas pessoas numa estrada. Entrava numa espécie de transe. Ver muita gente indo na mesma direção dava uma sensação de estar fazendo a coisa certa. Hoje eu nunca sei, coisas opostas parecem certas, e também erradas. Sempre fui mais simpática à dor das pessoas do que a suas alegrias. Alegrias me deixavam um pouco triste. Cheiro de macela, terra batida, mato, poeira, terra, perfume doce, suor. Zumbido de oração.

Procurava espaços vazios para me infiltrar, e às vezes bastava que firmasse o pé direito em algum vago, já tratava de colocar o esquerdo na outra direção. Este bailado me distanciava da tia e da mãe o suficiente para que pudesse sair pelo acostamento e olhar os afetos movidos pela Santa. Parada à margem, percebia o rosto de quem passava. Como se vestiam, o que traziam nas mãos, se estavam silenciosos, se vinham em família ou com amigos, como se estivessem numa excursão de colégio. Pessoas que carregavam cruces eram mais respeitadas, devotos abriam espaço. Alguns vinham de joelhos, usando joelheiras de vôlei, as mesmas que eu queria usar para esconder as minhas manchas de vitiligo. Eu queria fazer vôlei só para usar joelheiras e poder mostrar uma parte das minhas pernas. Eu ainda voltaria ao Santuário de joelheiras, era uma das minhas promessas.

Além de gravar na memória as roupas da mãe e da tia, para não as perder de vista, eu pegava algumas pessoas ao redor delas como referência, sobretudo quem vinha antes. Ziguezagueava com leveza e saía da corrente de gente várias vezes antes de chegar na aglomeração que acontecia ao redor da estátua. Imagino que olhando de cima seja como ver formigas trilhando um caminho, e quando chegam ao destino se aglomeram ao redor de alguma

coisa. Não sei muito sobre o comportamento das formigas, mas eu penso em formigas quando me distancio das coisas. E quanto mais me distancio das coisas mais tenho empatia por elas, pelas formigas.

Nossa aglomeração logo se dissipava, a fila imensa para passar a mão no pé da santa de gesso, de um metro de altura, colocada embaixo de uma espécie de toldo de praia. A maior parte das pessoas ficava no sol, mas a estátua de gesso ficava coberta. Na fila eu repassava todos os agradecimentos do ano, e, quando chegava mais perto, caprichava nos pedidos. Na hora que se aproximava a minha vez de passar a mão pelo pé, meu cérebro se dividia entre fazer rapidamente os pedidos que tinha decorado e pensar o quanto estava sujo aquele pé. Não que eu fosse um primor na limpeza, o Carlos sabe que até hoje não sou, mas minha mãe era, e, nesse quesito, naquele momento eu pegava o nojo que ela sentia, ou que eu achava que ela sentia, porque sacava da bolsa um lenço branco de pano e nos fazia esfregar bem as mãos.

Depois de coçar o pé de Caravaggio era como se tivéssemos pago a promessa anual, então podíamos escolher entre as atrações da festa. Uma delas era a missa, celebrada de hora em hora. Especialmente cansativa, pois ficar parada cansa. Além disso, as pessoas ficavam grudadas demais em mim. Não enxergava nada, era mais baixa que todos. Nesse momento, eu sentia mais o cheiro dos tecidos: sabão dos blusões de tricô, cheiro de calça jeans e abrigo de moletom surrado, cheiro de tergal de velho, cheiro de gente debaixo do sol depois de caminhar, sovaco. Roçavam, sem dó, no meu nariz, para se esticar e ver o padre de roupas pesadas e chapéu de carnaval. Eu só ouvia vagamente a fala do padre entre meus pensamentos. Em tempo, conseguia acompanhar a multidão no coro de Graças a Deus, Amém, Louvado seja Deus, Sentado a direita de Deus Pai Todo-Poderoso. Acho que foi nessa época que eu queria ser padre quando crescesse.

A minha memória tem clareza para algumas partes que eu acredito que sejam a soma das repetições de todas as vezes que fiz esse trajeto. A mente me trai nos detalhes de eventos mais espaçados e com impressões mais fortes e profundas. Entre elas, a mais impactante foi a de adentrar a Capela dos Ex-Votos. Acho que não entrava com frequência lá, porque me escapa como eu chegava naquela capela sombria, parecia descolada de todo o resto ensolarado, parecia uma fenda no tempo. Ignoro também como depois encontrava com a mãe e a tia, porque elas nunca estiveram comigo lá. E essa falta de lógica coloca a Capela em um lugar mágico na minha mente, algo como o episódio “A Sala dos Ossos” da *Caverna do Dragão*. Esse desenho constituiu minha personalidade de uma forma que ainda não sei explicar, além do arqueiro ter sido responsável pelo que considereei minha primeira excitação sexual.

A Capela dos Ex-Votos tinha uma luz verde, como se as paredes fossem pintadas de verde e uma luz fria as iluminasse. Dentro não se podia saber se era dia ou noite. Ao mesmo tempo eu não enxergava as paredes, pois elas estavam cobertas por objetos de cera ou madeira, fotos, mensagens, cartas. Pendurados no teto estavam pernas, braços, mãos, pés. Como uma sala de tentáculos por todos os lados tentando me agarrar. O chão era de ladrilho decorado, bastante gasto e frio, servia de apoio para as cruzes pesadas de madeira. No alto, prateleiras expunham cabeças de crianças, de adultos, assombrosas, sorrindo. Um banquete de cabeças, como um jantar no inferno. Eram os ex-votos, as oferendas para fazer ou pagar as promessas. Tinha um cheiro frio e doce ao mesmo tempo, cheiro de papel velho e madeira úmida. Me impressionava, mas trazia alguma paz. Se aquelas coisas estavam ali era porque milagres existiam. Era uma garantia que eu tinha para a vida, caso alguma coisa me acontecesse de ruim, como ir muito mal na escola ou ter o corpo queimado.

Eu ficava fascinada: fotografias de pessoas operadas, de crianças com tumores, ecografias, raio-x, prontuários médicos, fotos 3x4, documentos, fotos em preto e branco, fotos tão antigas que o ex-voto daquelas pessoas já pouco importava, mortas há muito tempo. Grande quantidade de objetos curiosos, imagens de santos, quadros, luvas, bonés, roupas, placas de mármore com dedicatória, sapatos e coletes ortopédicos, bengalas, muletas, aparelhos de correção, capacetes, bicos, pulseiras, escapulários, terços, placas de automóvel. Toneladas de ex-votos na minha cabeça e ao redor, eu poderia ser soterrada se houvesse um pequeno abalo sísmico. Mas eu não tinha nada para deixar lá que representasse a minha pele. Que objeto eu deveria deixar ali? O que representava uma pele? Meias. Deixei uma de minhas meias. Como a capela ostentava um altar quase escondido em meio aos ex-votos, lembro de uma conversa simpática com a Santa, algo como: se no próximo ano eu não tivesse mais as manchas brancas levaria o outro par.

Minha tia e minha mãe não notaram a falta, nem de mim nem da meia, quando nos encontramos. Não foi uma grande ideia, porque me fez muita falta na caminhada de retorno. Eu fiz bolhas e não podia falar nada para elas, pois eu não podia contar que tinha deixado a meia na capela. Meu pai ficaria nervoso por ter que comprar outro par.

Foi uma das primeiras vezes na minha vida que lembro de ser capaz de suportar uma dor física sozinha. Por acaso eu não me considerava sozinha, tinha a cumplicidade da Nossa Senhora de Caravaggio, uma senhora de respeito. Eu acreditei que aquela dor era sinal de que a promessa se cumpriria. Se eu estava pagando com todo aquele sofrimento, a cura estava próxima.

Na metade do caminho, a tia Neusa se aproximou de mim com o pulso fechado e me passou disfarçadamente um meia de nylon que ela estava usando e que, por ser transparente, ninguém notaria que estava sem. Não pude aceitar, trato era trato. Então ela tirou os sapatos e começou a andar com os pés no chão. Me convidou a fazer o mesmo. Que mulher inteligente. Sem os sapatos, eu não sentia mais a bolhas que me massacravam. E apesar de eu achar que minha mãe iria me mandar calçá-los de novo, ela também tirou os dela, e fomos as três sentindo o calor do asfalto e as pedras do caminho.

Quando eu saí de Ferreira eu só tinha uma relação mais íntima com a tia Neusa, em toda cidade, mais ninguém. Todo o resto parecia que se transformara em sombras, depois do que aconteceu em casa. Se fui eu quem se afastou ou eles que se afastaram não importa, porque é provável que sejam as duas coisas. Nos quatro anos em que meu pai foi definhando, minha tia se manteve firme, ainda que um pouco abalada. Não falava da mãe e seguia, ela sempre seguia, não se amarrava pelo passado. Pipocava de cá e de lá, fazendo coisas para os outros, improvisando campanhas para ajudar quem quer que fosse.

Na última carta que eu recebi ela falava que estava indo morar na casa da dona Matilde, uma senhora de uns sessenta anos, que fazia bordados para uma pequena confecção. Dizia que estava cansada de ficar sozinha e que se sentiria melhor em ter uma companhia. Matilde era solteira, e seria mais econômico morarem juntas. Disse que, como ela, adorava jogar bisco, e que às vezes passavam tantas horas que o dia amanhecia. Parecia empolgada com a mudança de endereço. Matilde, além disso, tinha iniciado a faculdade de educação física numa universidade de interior, e isso a tornava muito especial para tia Neusa. Ela tinha conhecido a universidade, e eu já posso imaginar o sorriso de admiração que ela fazia quando a bordadeira contava dessa época.

Na carta, ela falava que logo que estivesse instalada me ligaria para dar o telefone. Nunca me ligou. Fui morar com o Carlos, e então ela mesma não tinha mais meu número ou endereço. Deste tempo até hoje se passaram, na velocidade da luz, quase dez anos. Quando eu me formei, cheguei a ligar para alguns lugares em Ferreira e perguntar sobre ela, mas ninguém quis me falar nada, diziam que não sabiam. Achei estranho. Muitas vezes pensei em voltar e procurá-la, mas não aconteceu. Como não pude fazer festa, deixei de lado a ideia. Todos os dias eu lembro dela, imaginava que um dia, quando ela estivesse bem velhinha e cega, eu a cuidaria, seria sua ledora particular. Quando olho que minhas manchas pigmentaram quase totalmente, desejo mostrar a ela. E agora eu sinto esse coração apertado, de quem não sabe se acredita mesmo que era ela lá no Centro Espírita falando comigo.

O Rubem Berta fica a mais de trinta quilômetros da minha casa, o extremo oposto da Vila Nova. Tenho que pegar além do quatro-cinco-um, o dois-meia-dois, numa viagem de quase duas horas, além de sacrificar as aulas da manhã. Mas estou aqui na parada, pronta para

encontrar com a minha mãe, bem maquiada para impressionar, e nervosa. Preciso saber se ela sabe algo sobre a tia Neusa, e se não souber eu vou ter que contar o que ouvi. De repente tudo ficou menor diante disso. Eu me formei por causa dela, e imaginei mil vezes o orgulho com que ela me olharia.

O dia está tão bonito pela janela do ônibus que dá até pena de ler. *Quando seu táxi parou devido ao trânsito pesado da ponte de Waterloo...* Ela estava toda falante comigo no telefone. Parecia ela mesma quando saracoteava pelas ruas em Ferreira, mas não a que era dentro de casa. Se mora no Rubem Berta e procurou o programa, ela deve ser dura, como eu. Acho até bom, porque se ela tivesse enriquecido e só me achado agora eu ia ficar puta. Se ela não tivesse saído de Ferreira será que eu teria saído? Talvez eu estivesse lá, limpando o balcão da mercearia. *Quando seu táxi parou devido ao trânsito pesado da ponte de Waterloo, Fiona decidiu que aquela excursão...* E se descobrisse alguma coisa monstruosa sobre meu pai? Nem mudaria nada agora que ele está morto mesmo. Melhor saber a verdade. *Fiona decidiu que aquela excursão tinha a ver ou com uma mulher à beira de um colapso nervoso.* Tem uma mulher saindo do ônibus arrastando um menino que grita. Uma outra mulher entra e passa na roleta com uma garotinha no colo. Senta do meu lado, tem uma remela no olho meio esverdeada, mas é simpática, tenta puxar o meu livro, a mãe no celular nem percebe nada.

“Pode deixar comigo, eu leio para ti.”

“Pa-pa-pa-pa-pa.”, ela dá uns pulinhos, acho que gosta da ideia.

“Então o Piu-piu tomou um tônico e foi crescendo, cresceeeendo, até virar um monstro bem feio de cabelo repartido no meio.”

“Pa-pa-pa-pa-pa.”, ela dá mais pulinhos, parece animada.

A mãe levanta falando no telefone, a menina me abana e eu nem posso falar do Frajola, e do médico e o monstro. Se eu tiver um filho ele vai conhecer a avó. Vai? E a tia-avó? Vai? *Aquela excursão tinha a ver ou com uma mulher à beira de um colapso nervoso ou com a possibilidade de salvar ou condenar um rapaz por causa das crenças de sua seita.* Quase perco a parada. Desço correndo. Não preciso esperar pelo dois-meia-dois, atravesso o corredor de ônibus e subo.

Nunca vim para essas bandas de ônibus. Uma ou outra vez viemos na moto do Carlos, uma das vezes à noite, para acompanhar o desfile de carnaval que acontece por aqui perto, não sei onde. A mãe gostava de carnaval. A de antes parece minha mãe e a de agora é só a Sueli. Lembro que assistíamos juntas aos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. Ela, Beija-flor, e eu, Mangueira, numa daquelas escolhas aleatórias que acabam por se tornar afetivas. Meio como time de futebol, eu acho. Era um momento do ano que eu podia ficar até tarde

assistindo televisão, estava de férias, e a gente aguentava firme até quando conseguia. Às vezes varávamos a madrugada, fazendo da sala uma avenida, era a apoteose do nosso carnaval.

O ônibus começa a percorrer o bairro, as casas são bem desbotadas, aglomeradas, misturam o cinza com o colorido das roupas estendidas. A Vila Nova é mais aberta, mais clara, eu gosto de viver lá.

Chego na rua parecendo Maria de Fátima reencontrando Raquel na *Vale Tudo*. São tantas Raquéis. A rua é bastante agradável, pego o celular para ver o endereço que tinha anotado, e estou na frente do condomínio. O coração bate tão forte, vontade de sair correndo, mas o ônibus se foi. Respiro sete-quatro-três, uma inspirada em sete tempos, uma expirada em quatro, e outra inspirada em três. Duas vezes, foi o que deu para fazer. Decido apertar o botão, e de imediato ouço a porta destravar.

Quando fui embora da casa silenciosa do interior, não levei muita coisa. Queria deixar tudo para trás. Peguei o que eu precisava para o básico. Dois quartos da vida são feitos de memórias, e para acessá-las, guardo objetos. Estão todos no criado-mudo ao lado da cama, que é onde se escondem as minhas provas do passado. Ele não tem nada de mudo, me fala diretamente, me inquire, questiona, sussurra, xinga.

Uma dessas coisas que falam é um crucifixo que a mãe usou no dia do casamento com o pai. Ele tem umas contas de madre pérola que combinavam com o vestido, é muito bonito. Quando estou ansiosa, gosto de ficar mexendo naquelas bolinhas, passando de uma a outra sem me deter em nada mais que seja no sentido do tato que elas me proporcionam. Cada uma tem seu próprio jeito de ser esférica, o que traz sempre uma novidade. Agarrada a fé no dia do casamento. Por que casou? Por que casou com ele? Para me ter. Mas e daí? Grande coisa que eu sou.

Uma concha de plástico rosa do dia do meu batizado, com a qual foi jogada água em cima da minha cabeça. Lembrança muda, nada lembro desse dia. Um chaveiro com um Pinóquio de madeira esquecido na mercearia, que o meu pai articulava em cima do balcão enquanto ficava escondido atrás dele, e com o qual ele criava histórias bobas para mim quando eu era criança. Um ioiô que me lembra os recreios do colégio. Um pó facial que a tia Neusa usava, e eu revendo, só mudou a embalagem. Eu sempre o substituo quando perde o cheiro, e aspiro procurando o conforto que sentia entre os peitos dela.

A mais importante das coisas no criado-mudo é uma foto colorida de nós quatro juntos no Parque dos Pinheiros lá em Ferreira, um parque cheio de araucárias, na beira de um lago. O lugar mais bonito que eu já fui na minha lembrança. As araucárias são as árvores mais majestosas que existem, elas se voltam para o céu, uma mão que pede clemência. Lado a lado, por uma grande extensão do parque, as araucárias deixavam cair os frutos de sua copa tão alta que estraçalhavam pelo chão. A grama ficava coberta por longos tapetes de pinhão. A foto já está desbotada, como um filtro desses alaranjados que a gente usa para dar a impressão de foto

velha. Porém, ainda é possível perceber alguns pigmentos que formavam as cores originais dos elementos, tornados mais cintilantes com a memória.

A mãe estava sentada sob uma toalha de felpas azul royal, os fartos e brilhantes cabelos negros presos num coque bem feito no topo da cabeça, uma franja cortada rente às sobrancelhas grossas. Com um vestido florido de girassóis ajustado ao corpo forte e curvilíneo, um casaco preto e peludo sobre os ombros, sem vestir os braços. Estava linda e sexy, com as pernas unidas e flexionadas para o lado direito, enquanto as mãos cruzadas pousavam sobre a perna esquerda. Mantinha um leve sorriso, e o olhar apontava para algo fora da foto. Parecia que o olhar escapara no exato instante em que o obturador da câmera se fechou. O pai agachado ao lado da mãe, um leve encontro de ombros, sua magreza e rosto marcados demonstravam mais idade do que tinha. Ele olhava orgulhoso para a lente da câmera, sorrindo de mostrar os dentes. Eu só lembro dos dentes dele por causa dessa foto. Eu estava em pé, ao lado da mãe, com cinco ou seis anos, sorriso, apontava para a câmera com as mãos unidas em concha, cheias das sementes. A tia Neusa estava mais atrás, num vestido amarelo bebê, sem nenhum tipo de enfeite, parecia que estava levantando e segurando um pinhão na mão fechada. Fazia uma careta engraçada, os olhos vesgos e a língua para fora. Quem tirou essa foto?

Era raro sairmos para qualquer canto juntos, ainda mais nós quatro. Talvez fosse um feriado. Eu gosto de voltar a esse dia ensolarado de inverno. Um dos dias em que a lembrança alenta. Parece que as vontades equilibram, e há uma frequência única. É bem provável, ou eu simplesmente gosto de imaginar, que depois, nós quatro, comemos aquele pinhão todo, feito na chapa do fogão a lenha, em frente à televisão. Éramos quatro, mas em *Éramos Seis* a frase final para reflexão era: *Éramos Seis*, e hoje somos tantos a pedir que aconteça em nossas vidas o suave milagre dos dias de outrora.

Quando chego no corredor do apartamento vinte três, percebo que uma das portas está aberta, nela uma mulher que aparenta uns cinquenta anos, no máximo, está sorrindo. Os dentes estão amarelados, mas o sorriso é o mesmo. Desgraçada, ela nem mudou muito. Eu fiquei paralisada na penumbra do corredor, não tinha como passar pela porta sem encostar nela. Ela chora como nos finais de novela. Gosta de drama, sentava na frente da televisão com um papel higiênico na mão.

“Ai meu coração, que mulher bonita tu virou!”

Mentira, ela que tá bonita, que raiva. Vem para o corredor e me abraça, e eu fico dura como se estivesse empalhada. Estou mais braba porque ela parece tão bem. Mas o que eu esperava? Que ela estivesse se arrastando como um crocodilo, cheia de verrugas? Tem um cheiro cítrico. Vai para trás de mim, me obrigando a entrar. Olho tudo ao redor, encontro uma janela e olho para fora.

“É um supermercado ali na frente?”, eu falo para ela não começar a apelar com sentimentalismos.

“É, sim, até que é bem localizado aqui, eu gosto da zona. Quer um chimarrão?”

“Quero.”

Aceito para ela fazer alguma coisa e eu dar uma espiada melhor no corpo dela. Na cozinha ela fica de costas para mim, eu escorada no marco da porta, ela preparando o mate. Conserva o hábito de encher a garrafa térmica antes, para medir exatamente a quantidade de água que vai na chaleira, assim não desperdiça nem água, nem gás, ela sempre dizia isso. Ganhou corpo, rosto cheio, boa pele. Passa mais de uma vez a mão na franja para ajeitar o cabelo preto, pintado, curto. Perdeu aquela cabeleira. Continua usando vestidos floreados. Chinelo branco para combinar com as margaridas, óbvio, ela sempre adorou branco. A batata da perna é forte mas tem varizes. Consigo ver a calcinha marcando o vestido, maior que a da Bete, mas pequena para a idade dela. A calcinha.

Eu nunca tinha pensado sobre as calcinhas da minha mãe. E agora lembro do horror que tinha em pensar o que recheava a calcinha da minha mãe quando eu era pequena. Não havia corpo nela, era apenas: a mãe. Um corpo sem sexo, um depósito de amor. Quando adolescente,

ao amor, agregou-se sutilmente uma repulsa inquieta. E na memória, depois que o corpo sumiu, era apenas a repulsa da imagem. Existe forma de se enxergar o corpo de uma mãe através da pele arraigada de ideias pré-concebidas? Vinte anos depois. O novo corpo desintegra a ideia de mãe na minha frente, a ideia estabelecida por camadas e camadas de pixels televisivos formando símbolos maternais. Parida enfim dessas entranhas, não sei mais nada sobre essa mulher, uma mulher apenas, e por isso maior que uma mãe. Um desejo de meter a mão dentro do útero dela, para tocar a carne.

Se existe um laço aqui e agora é um laço feminino universal, sem pequenez de parentesco. Essa mulher crava um ramo de hortelã na erva-mate. Tem na beirola da janela da cozinha um monte de ervas plantadas em latas coloridas, inclusive sálvia. São as mesmas latas que vêm de brinde com alguns dos meus produtos. Fica bonito, vou falar para as minhas clientes.

“Fiquei sabendo que teu pai morreu.”

“Foi por tua causa.”

“Por minha causa?”

“Ele começou a beber depois que tu foi embora.”

“Ele bebia muito antes daquele dia, e nunca iria parar, mas não vamos falar disso agora.”

“Eu não sei, nunca soube de nada, ninguém me falou nada. Eu ficava lá esquecida, me fazendo sozinha, enquanto vocês ficavam em silêncio.”

“Tem coisas na vida que a gente não precisa saber exatamente, filha. Uma grande mentira precisa sempre de outras pequenas mentiras para ficar em pé. O silêncio muitas vezes é o que melhor ensina.”

“Lá em Ferreira todo mundo achava que tu tinha uns amantes, e foi por isso que fugiu.”

“E sumiu algum homem de Ferreira depois que eu saí de lá?”

“Não sei, sumiu?”

“Tu devia ter perguntado para quem contava essas histórias”, ela me passa o mate sem conseguir me olhar nos olhos.

“Te esqueceram logo... menos o pai”, digo isso e puxo a água tão rápido que me engasgo.

“E tu, me esqueceu rápido também?”, agora sim ela olha no meu olho, afrontosa, e eu desvio, saio andando pela casa como se procurasse uma marcação no palco. “Eu comecei a trabalhar e continuei estudando, achava que tu voltaria a qualquer momento. Que grande idiota eu era”.

“E o bilhete? Tu não achou o bilhete?”

“Não tinha nenhum bilhete”, eu volto a olhar para ela, um duelo de olhares, eu espremo os olhos como se atirasse.

“Eu deixei dentro do teu travesseiro.”

“Mentira! Não tinha nenhum bilhete. Tu não tem como provar isso.”

Só falta que tinha um bilhete no travesseiro e eu não vi, não, não pode. Mas isso que penso é só instintivo, não importa.

“Teu pai pegou, claro, ele queria te envenenar contra mim. Eu não teria outra chance, filha, era isso que dizia o bilhete, e que logo voltaria.”

“Outra chance de quê? Era mentira, porque tu não voltou!”, eu digo como se precisasse dizer algo assim, um tanto ríspido, mas sobre o que sinto: não sinto.

“É verdade, não foi logo. Eu queria que fosse, eu queria voltar bem, dando a volta por cima, eu queria voltar como a Tieta. O tempo foi passando e não consegui. Mas estou aqui, e, nesses vinte anos, todos os dias eu pensei em ti. Todos. Eu vou te contar, na hora certa, se tu quiser. Eu quero saber de ti, isso que importa, deve ter entrado para a universidade que era teu desejo, e o da tua tia. Quando era criança queria ser arqueóloga, bióloga marinha, veterinária...”

“Eu nunca quis ser veterinária. Eu peguei o sobrenome do Carlos quando casei para começar uma vida nova”. Mas eu sei que nunca se começa nada, que não começa nada nem quando se nasce, que tudo já está. “Tu não faz ideia do que eu tive que passar com meu pai depois que tu foi, e agora eu fico sabendo que tu sabia que ele bebia, que mãe esplêndida que eu tinha. Parabéns. E ainda roubou nosso dinheiro”.

Largo o chimarrão sobre a mesa e bato palmas, e eu não sei o que é cena no que se passa na minha frente, na minha mente. Pego a minha bolsa que deixei no sofá e vou em direção à porta. Ela começa a chorar, a pedir perdão e gritar meio descompensada. Eu me preocupo que alguém ouça, achem que estou batendo nela. Respiro fundo e volto.

“Médica de bicho, tu dizia”, ela diz, como se tivesse alguma importância ter razão sobre isso. “Se tivesse te levado pra onde eu fui teria sido muito pior, muito pior”, ela grita. “Teu pai te amava. Eu te amava. Eu não amava ele. Fiz o que fiz, e agora tá feito, não me arrependo. E eu não peguei tanto dinheiro assim, foi só para a passagem. Teria sido horrível se tivesse vindo comigo.”

Meu pai nunca me fez mal, é verdade. Bebia e não me incomodava, e do jeito que essa mulher fala, quase me convence que seria pior mesmo ter ido com ela. Alguma coisa errada tinha acontecido, mas eu me faço de desinteressada no meu novo papel.

“Vamos falar do programa. Eu pensei bem e acho melhor não ir, não quero aparecer na televisão, ainda mais desse jeito, mentindo, isso pode prejudicar a minha carreira.” Carreira?

Que carreira que eu tenho? “Eu já estou mentindo pro meu marido, ele acha que eu estou na aula”, tiro a cuia vazia da mão dela, encho com água da térmica e devolvo. Ela me agradece, toma o mate, soluça e se acalma. Encurvada na cadeira, só agora eu noto que ela está envelhecida. A memória não é capaz de envelhecer um corpo, mantém ele sempre na mesma idade, num lugar mítico, suspenso. Um silêncio opaco seguiu por alguns minutos, ela de cabeça baixa, eu olhando cada mancha, ruga, veia, quase uma inspeção científica.

“Carlos é o teu marido? Finja que esse momento aqui nunca existiu, eu nem te contei nada. Nós nunca nos vimos. Se formos ao programa vai ter viagem, hotel e o prêmio pra ti. Tu já andou de avião?”

“Não, nunca. Eu só aceitaria por causa do prêmio, porque meu marido Carlos trabalha bastante, e nós precisamos do dinheiro.”

Ela se levanta, termina de arrumar a mesa. Eu não sei mais o que eu sinto por ela, eu não sei mais o que eu sinto. Ela serve a massa e o guaraná, se acomoda, mas não se serve. Eu começo a comer porque estou faminta, e a massa cheira muito bem.

“Estou tão feliz de te ver crescida e bem, não imaginei que isso fosse acontecer um dia, o que significa que, apesar de tudo, a vida melhorou.”

“Só não melhorou pro meu pai.”

“E pra Neusa. Apesar de que...”

Não, eu não quero saber. Sim, eu quero saber.

“O que aconteceu com ela?”

O queijo ralado raspa na minha garganta e eu tomo um gole do guaraná, arroto sem querer.

“Eu voltei a Ferreira para te encontrar, e também para ver a mana. Ela ainda estava viva. A tia Neusa morreu, Raquel, desculpe, eu não queria contar isso mas eu preciso. Faz pouco tempo.”

“Eu já sabia.”

“Como tu sabia se ninguém lá sabe de ti? A mana mesmo disse que não sabia de ti, que não tinha mais falado contigo, que não queria que tu passasse por mais uma vergonha, além das que tinha passado por minha causa, por isso não entrou em contato contigo. Ela queria que tu seguisse a vida e estudasse e nada te atrapalhasse.”

“Vergonha do quê?”

“Que tu soubesse que ela tinha uma companheira, que a Matilde era sua amante. Que elas eram um casal. Foi um escândalo em Ferreira quando assumiram. A Matilde perdeu o emprego. Elas viviam com aquela mísera pensão da tia. Se mudaram pra um bairro afastado,

perto do fim da linha da Zona Nove, uma casa muito pobrinha. Elas fizeram um jardim bem bonito na frente, mas quando iam regar passava alguém e xingava elas de “velhas depravadas”, até jogavam pedras. E quando eu estava lá jogavam ainda mais, eu era mais um motivo pro apedrejamento da gurizada. O jardim virou um mato abandonado. Mas elas foram felizes, mesmo naquelas condições, então imagina o tamanho desse amor. Nunca tive ninguém que me amasse tanto quanto a Matilde amava ela”, ela diz desviando o olhar para uns farelos de queijo sobre a mesa, junta eles com a ponta dos dedos, depois desiste, e solta de novo na toalha. “Era uma coisa bonita demais ver as duas. Até que tua tia descobriu um câncer de ovário em estado avançado. Eu cheguei quando ela já sabia, ainda levou um tempo pra ir pro outro plano, eu fiquei lá ajudando. Foi nesse meio tempo que tentei te achar. Internet, rádio, nada. O sonho dela era que nós duas voltássemos a nos encontrar antes dela morrer, nós três, juntas. Falando com minha amiga do programa de televisão ela teve essa ideia para te achar, colocar o programa atrás de ti, contar nossa história na televisão, e deu certo até, só que foi tarde pra Neusa. Sobrou só a gente.”

“Então era ela mesmo...”

“Onde era ela?”

“No Centro Espírita, ela queria falar comigo, ela queria que a gente se encontrasse. Foi ela quem pediu.”

“Ela queria muito isso, tô falando, acredita em mim agora?”

Perder uma mãe aos quinze, perder uma tia aos trinta e seis. Parece que a Neusa brilha a cada pensamento meu, cada palavra dela. Eu não sei quem Sueli foi, e não vivi quem minha tia se tornou. As duas mulheres mais importantes da minha vida dissolveram-se em duas décadas. Duas décadas como um prisma de vidro, elas espalhadas em diversas cores delas mesmas. A morte é a única coisa real.

“E o programa?”

“Essa é a questão, além de te encontrar e ficarmos as três juntas de novo, o programa era uma forma de contar essa história delas, uma história linda. A tua tia delirou com essa possibilidade, convenceu a Matilde de que elas podiam contar em rede nacional, ter o apoio do povo, e dar em cheio na cara daquela gatinha de Ferreira do Meio. Ela queria contar a grande história da vida dela, que foi esse amor. Não queria mais ter que se esconder. Sabia que não ia demorar a morrer, era uma homenagem à Matilde. Achava que isso poderia ajudar outras mulheres a não passarem pelo que elas passaram. Mulher de visão, mulher corajosa. Depois eu descobri que para te levar lá e fazer a surpresa tinha o prêmio. Eu precisava te contar sobre tudo isso antes, seria um choque descobrir tudo na hora.”

“Nossa, é muita informação para minha cabeça. Eu não tô conseguindo processar, preciso de um tempo.”

“Eu pensei em seguir com o desejo dela de homenagear a Matilde. Mas ela não sabe disso ainda.”

“Eu vou pensar nisso tudo, qualquer coisa te aviso. Obrigada pelo almoço.”

“Quero te contar sobre tudo num passeio de barco, no Cisne Branco, precisa ser lá, vamos? Tem janta, tem show, eu pago.”

Pego minha bolsa e saio, nem olho para trás, deixo a porta aberta.

“Raquel, Raquel...”, ela grita, “Ela tava feliz, ela acabou indo pra universidade.”

Universidade? Será que foi isso mesmo que eu ouvi? Deço correndo as escadas, elas parecem como um sonho recorrente que eu tenho: deço escadas circulares, infinitamente, e elas vão se dissolvendo até que eu flutue no ar.

Minha casa fica perto do Lami. Combinamos de ir no final de semana na Cigana. Agora mais do nunca eu quero saber algumas coisas sobre o meu futuro, se eu vou mesmo ser juíza um dia, se aquela cega me meteu por vinte anos numa ilusão.

O transporte é escasso nos domingos, por isso demoramos mais de uma hora para chegar. A Cigana não pode cobrar pela consulta, então trouxe um pote grande de ambrosia que o Carlos fez na noite passada. Disse que era para Bete e que íamos na missa. Uma forma de retribuir a gentileza por ela nos atender domingo de manhã, mas a Bete achou bobagem.

A casa fica numa rua sem asfalto, de uma terra seca tão batida que chega a ficar lisa. Foi fácil caminhar da parada até lá, mesmo com a sandália de plataforma da Bete. A casa é de madeira pintada de branco, mas amarelada de tempo e de terra. As aberturas das janelas são de um azul nem claro nem escuro, e há uma escada de dois degraus feita de madeira que nem se deram ao trabalho de pintar. Nossos passos espantam os gatos espalhados por ali. Diante da porta, sinto o cheiro ocre da madeira, o mesmo da casa da minha mãe no interior. Bato de leve e uma menina gorducha abre a porta com um pirulito na boca, sorri sem falar nada. Me dei conta que eu não sei o nome da tal senhora que incorpora.

“Temos uma consulta com a... sua avó”, digo.

“Ela tá lá no quarto”, diz na nossa direção. Sem tirar o olho da gente, grita “Chegaram!”

Mas a menina não diz mais nada, nem se podemos entrar na casa, menos ainda no quarto. A Bete me dá um empurrão que me leva para dentro da sala, e eu sinto no rosto um ar úmido e gelado. A menina fecha a porta e desaparece para a rua. Está um dia indeciso entre nuvens e sol. A iluminação da sala oscila.

“Acho melhor a gente esperar.”

Tem meia dúzia de gatos pela sala, alguns tão parados que parecem mortos, outros curiosos, outros desconfiados. Sentamos juntas, bem grudadas no sofá cor de vinho com manchas escuras.

“Que frio que tá aqui dentro!”, diz a Bete.

“Tu não trouxe um casaquinho? Veio só com esse top e de short?”

“Que casaquinho? Com o bafo que tá na rua! Pra mim esse frio quer dizer que os espíritos já estão por aqui.”

“Tá querendo dizer que as almas são frias e mudam a temperatura da sala?”

“Não é? Se elas forem almas frias, pode mudar sim.”

“Elas sempre são frias ou tem algumas quentes?”

“E como é que eu vou saber?”

“Então para de ficar inventando essas coisas pra me assustar, só para desviar o assunto da roupa.”

“Ué, mas faz sentido. E eu nem tô mais com frio.”

“Como se chama a senhora que incorpora?”

“Dona Neiva.”

Neiva? De novo esse nome. Parece um pesadelo. Tem tanto nome nesse mundo, precisa ser o mesmo? Surge dona Neiva no corredor, com chambre de plush rosa e alpargatas. Parece que a acordamos, mas já passa das dez.

“Entrem, meninas”, diz, fazendo um sinal com os dedos na nossa direção e virando as costas.

Ela aparenta ter uns setenta anos, talvez mais, cabelo tão fino que deixa ver a cabeça brilhante, é baixa e lenta. A Bete salta do sofá na dianteira, mas eu salto mais rápido em seguida e a detenho.

“Vamos uma de cada vez, porque fica mais fácil de ver os futuros separados”, eu digo. Não quero que ela saiba nada da minha mãe por enquanto.

Dona Neiva para e olha para trás.

“Fica mais fácil mesmo ver o futuro uma de cada vez?”, diz a Bete olhando pra ela, mas ela nem responde, acho que não ouve bem, e vai em direção ao quarto.

“Claro que fica né, Bete”, eu digo com tanta convicção que ela volta para o sofá meio contrariada. Tiro meu casaco e entrego a ela.

No quarto da vidente, uma cama encostada na parede, um guarda-roupas logo ao lado, tudo de laca, mogno, brilhante. Do lado direito da entrada da porta uma pequena mesa, com um baralho velho, umas pedras, uma vela acesa e um cobertor sobre a cadeira da Cigana; na minha cadeira, do outro lado da mesa, somente uma almofada de corino amarela, mal costurada.

“Como chama?”

“Raquel, Cigana.”

“Raquel? Raquel, sou só a Neiva, eu vou tentar conversar e ver se a Cigana está disponível, mas ela não tem vindo das últimas vezes não, cansou, acho que cansou. Né negócio, não.”

“Eu trouxe aqui uma ambrosia que meu marido fez ontem para vocês.”

Eu reparo que ela tem bastante pelo no rosto, uns escuros e grossos e outros finos e brancos, mas muitos, formam uma barbicha.

“Obrigada, ela vai gostar disso.”

Então a senhora gira a cadeira, com o encosto meio virado para mim, senta-se com as mãos no colo, e baixa a cabeça com os olhos fechados. A cabeça vai caindo mais para frente sem muito controle, e fica assim. Por dentro, o quarto é pintado de azul claro, e tem um cabideiro com vários chapéus estranhos. Depois de uns cinco minutos ela abre os olhos, e diz que a cigana não vem.

“É, minha filha, acho que ela não vem mais, cabou. Amor, trabalho ou família?”, diz com calma.

“Posso pedir sobre os três?”

“Pode. Pede o que quiser, mas ela num vem. Faz tempo que ela num vem. Vou ter que parar de atender.”

“Será que ela tá chateada?”

Não sei o que dizer e se devo levantar e ir embora.

“Chateada? Num sei. A última vez disse que via tudo embaciado já, que era coisa de tempo.”

“De tempo, de tempo? De sol e chuva?”

“Ah não, acho que de tempo de época. Cabou o futuro.”

Sorri estranho, e eu entendo que devo ir embora. A Bete fica surpresa ao me ver sair tão rápido.

“Hoje ela não vem”, digo indo para porta de saída.

“Ah, eu disse que isso às vezes acontecia”, diz Bete, mais conformada do que eu.

Saímos da casa e na rua começa uma ventania de arrepiar o couro cabeludo.

“E aí, como é que foi?”

“Ela se sentou de costas pra mim, cochilou por uns cinco minutos, acordou e me disse que a cigana não vinha, foi isso. Perdemos três horas da nossa vida para vir aqui contemplar um soninho de cinco minutos da dona Neiva, tu passar frio na sala, fora o tempo do Carlos para fazer a ambrosia.”

“Mas ela não disse nada?”

“Não, a Cigana não baixou.”

“Ah, mas a gente volta outro dia, outro dia ela baixa.”

“Não volta mais, Bete, ela disse que o futuro acabou.”

O ônibus chega bem rápido e a Bete já entra chamando o cobrador pelo nome. Ela é do tipo que atira o corpo para passar na roleta, eu empurro com a mão. Sento na janela, ainda irritada. Ela fica jogando charme para o cobrador, depois senta do meu lado.

“Devia ter trazido uma cachaça de butiá.”

Parece que o céu foi pintado com caneta marca-texto rosa forte. Vejo minha mãe na contraluz, percebo pelo corpo pois ela usa uma peruca corte Chanel e um chapéu Panamá. Está escorada com os cotovelos na grade do Píer de frente para o rio, olhando o sol baixar. Tiro uma foto da atmosfera antes que ela me veja. Eu não sei se vou vê-la outra vez. Percebo através da câmera do celular que ela me vê. Me abana pela tela. Tiro uma foto dela me abanando e sorrindo. Nem parece que passou tanto tempo.

“Nem parece que passou tanto tempo”, ela diz quando me aproximo, e logo me abraça com força. “Foi aqui que teu pai me trouxe antes de eu ir embora”.

Mais perto noto que a peruca é sintética, dessas de carnaval, loura, e o chapéu é de plástico, deve ter comprado nos camelôs do centro. Essa maneira burlesca dela se disfarçar me compadece.

“Eu nunca fiz esse passeio.”

“Esse passeio mudou tudo na minha vida, filha.”

Fico surpresa com a frase, um pouco aliviada por saber que não tinha sido causa primordial, pelo menos, da fuga dela. Ela me entrega os convites que já tinha comprado.

“Bom que tu trouxe um xale, talvez eu passe frio, esfriou com um pouco agora.”

Ela tira o xale e me entrega.

“Sou calorenta, pode ficar com ele. De presente.”

Seguro nas minhas mãos sem saber muito bem o que fazer com ele. Só agradeço.

“Vamos pegar aquela mesa perto da janela, que tu acha? Dá pra ver o rio.”

“Acho bom.”

“O show não deve começar agora, só depois que o sol cair.”

Ouçó quando o barulho do motor do barco é ligado. Um homem que parece o capitão, dá boas-vindas a todos, fala sobre a janta e o show, e convida para sairmos e contemplarmos o pôr-do-sol. Há mais umas trinta pessoas, talvez. Sentamos uma na frente da outra.

“Vamos subir, ver lá de cima?”

“Vou pegar algo pra beber. Quer alguma coisa?”

“Pode deixar que eu pego, hoje tudo é por minha conta, filha. Cerveja?”

“Pode ser.”

Ela vai em direção ao bar e volta com dois copos cheios e vamos para fora. A sensação é de estar num cenário, logo que saímos do barco nosso cabelo voa e nós rimos juntas. Eu bebo a cerveja bem rápido para relaxar, e fico esperando impaciente que ela termine para que eu possa buscar outra. Uma brisa bate no meu rosto e por um instante o motor do barco desliga, consigo ouvir o som da água batendo no casco. A cor do céu está tão intensa que as pessoas silenciam junto com o barco, como se não pudessem perder nenhum instante da visão com palavras. Aquele momento é para preservar numa foto, filmar, levar. Mas eu não faço nada disso, fico só ao lado dela olhando, sem me mexer. É como se cada segundo fosse diminuindo os anos que nos separaram. Me enrolo no xale. Um xale verde musgo com franjas e um cheiro de laranja.

“Teu pai ganhou os convites, os ingressos eram caríssimos naquela época, ainda mais porque tinha show do Julian.”

“Julian?”

“Julian Tovar, lembra dele do programa de calouros?”

“Lembro mais ou menos.”

“Te quiero mas que nunca; Y ya vez; Te fuiste de mi lado; La vida nos unió; Después nos separo; Al fin; Pero ¿por qué te conocí?”

“Si tengo que vivir sin ti...”

Ela faz uma dancinha de olhos fechados.

“Lembro sim, tu era muito fã dele.”

“Era muito fã. Era.”

“Lembro quando tu voltou, ficava cantarolando essa música. Não consigo lembrar se eu sabia que vocês tinham ido assistir esse Julian Tovar.”

“Acho que não, naquela época tu vivia fora de casa, não sabia o que passava. Teu pai bebeu tanto que caiu na mesa. A gente sentou numa mesa bem perto do palco. Mais ou menos ali. O Julian passou a noite me olhando, cantando para mim. *Pero ¿por qué te conocí? Si tengo que vivir sin ti.* Teu pai não viu nada, ficou deitado com a cabeça no meio dos braços e dormiu. Julian veio falar comigo, falamos muitas coisas, ele tava tão lindo aquele dia, filha, cabelo todo lambido pra trás, aquele monte de cabelo, aquela boca cheia de dentes. Eu era muito infeliz, e isso estava estampado no meu rosto quando eu olhava teu pai roncando sobre a mesa. Nunca tive raiva do teu pai, nunca. Eu tinha asco e pena.”

“Por que casou com ele então?”

“Porque eu tava na idade de casar e naquela época eu não tinha asco dele. Mas eu me apaixonei pelo Julian de verdade, Raquel. Foi amor de perdição.”

“O quê?”

Confesso que fico em estado de choque, eu estou pressentindo que o que ela falou é o repuxo da onda que estourará logo ali adiante: ela tinha fugido para ficar com um cantor argentino brega. Não. Calma.

“Vou pegar mais uma cerveja”, eu digo.

Vou até o banheiro enquanto o barco segue o rumo: dar uma volta pelo rio, parar e voltar. E se eu tivesse num lugar em que pudesse zarpar, acho que eu zarparia. Mas ela está me esperando, com aquela peruca, e eu não posso mais voltar atrás. A verdade é que se esfarelou a ideia da mãe compatível com qualquer figura, pouco importa se o motivo do sumiço não foi heroico, era outra mulher que eu conhecia. Nas sombras, no desamparo dela é que me reconheço. Bebo uma lata de cerveja inteira no balcão e volto com mais dois copos.

“Então tu nos deixou para ficar com o cantor?”

“Foi, filha. Nos falamos e nos correspondemos por algum tempo, e depois eu fui encontrar com ele. Eu sei que pode parecer egoísta da minha parte, mas eu estava apaixonada, e não sabia muito mais da vida do que eu via na televisão. As coisas que aconteciam na tela não aconteciam na minha vida, e eu achava que merecia. Filha, um favelado na novela parecia mais feliz que eu. Tu já era uma mocinha. E era minha última chance.”

“E roubou nosso dinheiro para isso.”

“Não foi todo, foi só para a passagem. Mas como é que eu ia chegar na Argentina? Teu pai nunca me dava nada.”

“E o que foi que aconteceu depois?”

“Eu encontrei com ele, tivemos uma noite de amor de verdade, de sexo, eu digo, coisa que eu não achava que existia. Eu casei virgem com teu pai, e ele... não sei o que acontecia com ele, mas nós dois juntos nunca chegaríamos ao que o Julian fazia. Depois ainda viajei com ele para alguns shows. Logo em seguida, as coisas começaram a complicar para mim. Ele usava drogas, e eu não sabia. Que sina, teu pai alcoólatra e ele... E ele não era tão bem de vida quanto eu imaginava. Também eu não era a única na vida dele. Nem a única sobre quem ele achava que tinha domínio. As coisas nunca são como eu imagino que elas sejam. Eu não tinha nem um pila para sair daquela situação. Ele também não me dava nada e não me deixava trabalhar. Ele me chamava de velha e eu cuidava da casa. Não tem nada de glamoroso.”

“Senhoras e senhoras, dirijam-se a mesa que o jantar será servido”, diz o comandante.

Entramos e nos ajeitamos para a janta, enquanto o músico começa os preparativos para o show.

“Não dava nem para colocar uma carta nos correios?”

“Dava, filha, mas a situação era tão ruim que eu tinha vergonha, e assim foi passando o tempo, depois de todo abuso que foi essa relação eu consegui fugir de lá com a ajuda dessa minha amiga que trabalha no programa. Levei muita porrada.”

“Eu também levei muita porrada da vida.”

“Eu levei porrada de homem mesmo. Se me arrependo? Sim e não. Eu me arrependeria se tivesse ficado também. Não dá pra passar a vida se arrependendo, tem outras coisas mais importantes pra dar conta. Tudo passa tão rápido. Mas agora posso dizer com mais certeza que não me arrependo. Tu saiu de lá e te formou advogada, só isso é motivo pra eu achar que se tivesse ficado, talvez isso não teria acontecido. Se tivesse ficado lá eu não sobreviveria, teria tentado me matar. Meu amor, não queria viver infeliz por vingança. Tu não me dava mais bola, a solidão começou a ficar demais, eu não estava aguentando, era só eu e a tevê. Sentia uma infelicidade enorme desde que tu tinha dois anos e sabia que teria que viver com aquele homem que eu tinha nojo. Sem educação, sem dinheiro, sem futuro. Acho que eu sempre soube que fugiria de alguma forma”.

Um garçom traz os pratos e os talheres para a janta, e ficamos um instante caladas até que ele colocasse tudo sobre a mesa. Depois ela continuou de onde estava.

“A oportunidade que surgiu parecia perfeita, parecia que todas as minhas orações não tinham sido em vão. Era a paixão que eu esperava. Não era, mas era. Deu a coragem que eu precisava. Minha vida era exatamente igual todos os dias, nas novelas parecia que existiam tantas coisas legais, que tudo era diferente sempre. Demorei pra perceber que as novelas, no amor, também eram todas iguais. Mas como é teu casamento com o Carlos?”

“O Carlos é um cara legal, gosta muito de mim, e eu gosto dele, não estudei muito e isso me deixa um pouco chateada porque não tenho com quem falar sobre as coisas que penso.” Depois de dizer isso me dou conta que se eu falasse talvez ele entendesse, mas eu sempre achei que ele não gostaria de ouvir o que se passa na minha cabeça. “Mas nosso casamento é bom, eu acho que amo ele. Temos uma vida bem simples, e eu tô há quase vinte anos esperando ser juíza, isso cansa. Cansa viver sempre um instantinho à frente para não perder o ônibus.”

“No que ele trabalha? Por que não tiveram filhos?”

“Ele é gerente de call center. Mas queria ser pedagogo, trabalhar com crianças.”

“Que é isso?”

“Call center? É um lugar onde ficam um monte de pessoas enfileiradas ligando pras pessoas e oferecendo serviços. Tu nunca recebeu essas chamadas?”

“Sim, já recebi, não muitas porque eu não tenho muito para comprar. E ele gosta?”

“Acho que não. Ele quer muito ser pai, mas eu mal consigo dar conta do básico e estudar, além de vender meus produtos.”

“Mas se tu passar pra juíza, ele pode largar o emprego, juíza ganha bem.”

“E vai fazer o quê?”

“Ué, cuidar do filho que ele tanto quer. Ou tu não quer ter filho?”

“Eu até quero, acho, mas nunca tinha pensado que ele poderia cuidar.” Que estúpida não pensar nisso. Ele é ótimo dono de casa. “Mas desde que tu foi embora eu comecei a desconfiar que ter filhos não era uma boa ideia, então fui deixando isso de lado.”

“Te ter, minha filha, não foi ruim, dentro daquela situação foi a melhor coisa que aconteceu, mas a pior também, porque eu sabia que não podia sair dali antes que tu tivesse grandinha e pudesse se virar sozinha.”

“Eu deveria te agradecer então?”

Ela dá uma risada e começa o show. Ficamos ali quietas, comendo e escutando o rapaz cantar umas músicas românticas.

“Um quarto da vida é tão incerto”, eu digo.

“Acho que metade, cinquenta por cento.”

“É, acho que cinquenta por cento, talvez mais, talvez a gente não saiba nada.”

“Talvez seja melhor a gente nem saber, só viver.”

“Não temos mais futuro.”

“Então vamos ter que inventar um.”

O barco atracou e descemos.

“E o programa?”

“Eles devem te ligar logo, é no próximo final de semana. Você decide o que quiser, minha parte eu já fiz, estou muito feliz de estar aqui. É claro que eu gostaria que a gente fizesse a homenagem para mana e também para Matilde, que tu precisa conhecer, ela é espetacular. E joga bisca como ninguém. Borda que é uma coisa. Tem uma coisa que eu me arrependo, é de não ter voltado antes a Ferreira. Não ter tido tempo de ficar mais com elas duas, de aprender com tanta generosidade.”

“A Matilde ainda vive lá?”

“Nada, trouxe a Matilde junto comigo, ela mora no mesmo condomínio. Faz uns bordados e uma peças de crochê. Eu ainda faço tricô. Conseguimos um espacinho numa feira de artesanato. Sapatinhos de bebê, boinas, toalhas, panos de prato. Somos artesãs. Coisa fina. É tudo muito lindo mesmo. Estamos vendendo bem nessa época perto do dia das mães.”

“Como pode a gente nunca ter se visto aqui?”

“Ah, minha filha, mas não faz tanto tempo que isso tudo aconteceu. Quer que eu te leve no túmulo da tia Neusa?”

“Ela tá enterrada aqui em Porto Alegre?”

“Tá, sim! Lembra que eu disse que ela chegou na universidade? Ah, a tia Neusa, minha mana querida, ela foi genial.”

“O que foi que ela fez?”

“Tem programa para amanhã? Vamos no cemitério?”

“Onde fica?”

“Cemitério da Santa Casa, sabe onde é?”

“Sei, claro”.

“A Matilde vai junto?”

“Não, ela nunca quis ir lá, tu vai entender por quê. E lembra? Não podemos ficar desfilando juntas por aí, dando sorte pro azar. Nem a Matilde sabe que nós duas nos encontramos. Não ainda. Ela está no quiosque, alguém tem que cuidar dos negócios. Nos vemos às dez?”

“Tá bem.”

Entro em casa bem devagar para a Bete não ouvir. Tenho medo que ela sem querer fale algo sobre o Centro Espírita ou a Cigana, dois eventos que não quero contar para o Carlos, porque ainda não quero falar sobre a minha mãe ou minha tia até que eu decida aceitar ou não aparecer no programa. Fecho a porta bem devagar. Não vejo o Carlos, mas ouço um barulho de esfregação.

“Tô aqui no banheiro”, ele grita.

Eu corro para lá para que ele não fale tão alto e que a Bete ouça, porque as paredes são de papel aqui no bloco A. Ele está esfregando o box do banheiro depois de um dia de trabalho. Me sinto culpada. Pelo celular está ouvindo a *Voz do Brasil*, anunciando alguma descoberta inimaginável sobre o novo inimaginável presidente. Mas o Carlos é do tipo que se envolve, que acredita fazer parte de alguma coisa, que fazemos parte de um território. E ele limpa a casa para que a gente se sinta bem nesse lugar que nem é nosso, nem nunca será. Mas essa cena me enche de um amor que eu nunca tinha sentido, nem por ele, nem pela vida. Um amor presente, um amor com cheiro de água sanitária, que nos purifica das notícias do rádio e mata todos os germes do futuro.

“Eu vou trocar de roupa e venho te ajudar.”

“Deixa que eu faço isso, eu gosto, me ocupa a cabeça. Vai descansar, ler um livro, estudar, comer alguma coisa, eu já estou terminando.”

“Eu venho limpar a cortina, já está começando a mofar, olha aqui.”

“Eu limpo também, deixa comigo, sou melhor nessas coisas. Antes de terminar o noticiário já vai estar tudo pronto.”

“Tá bem então, vou te deixar aí com teu noticiário, eu senti que estou sobrando.”

Quando estou saindo do banheiro a Bete bate na porta. Eu já sei que é ela porque ela também tem código. Abro a porta, mas me mantenho firme segurando a lateral, para ver se ela não entra. Ela passa por baixo do meu braço, me deixando olhar o vazio do corredor.

“O que tá acontecendo, mulher?”, ela me diz com as mãos na cintura. “Desde aquele dia do Centro Espírita tu tá estranha. Eu ia te perguntar quando fomos na Cigana, mas tu tava tão esquisita, depois irritada com o fato dela não ter baixado que resolvi dar um tempo, mas agora acabou. Falaí, que tá acontecendo?”

“Shhhh, fala baixo, o Carlos tá em casa.”

“E que que tem? O que tu tá escondendo da gente?”, ela fala sussurrando, curvada para frente, mas ainda com as mãos na cintura. “Lá no Centro Espírita era a tua mãe, né?”

“Não Bete, era a minha tia.”

A Bete abre a boca como se inspirasse todo ar da sala, depois coloca a mão sobre ela.

“Aquele tia que tu sempre falava que queria voltar para encontrar?”

“Ela mesma. E eu nunca mais vou encontrar com ela, e falar sobre a universidade, e sobre como minhas manchas pigmentaram sem que eu fizesse nada, e que talvez fosse a fé dela que foi colocando pigmento a pigmento de melanina de volta no meu corpo. E não vou dizer a ela o quando foi importante para mim, e quanto eu sou o que sou por causa dela, e que eu amava ela mais que tudo na vida.”

“Ah, minha amiga, que tristeza isso”, diz e me abraça com aquele corpo todo que é tão confortável, “Tu pode dizer para ela sim, vamos lá no Centro de novo.”

“Tu tá louca, Bete, eu nunca mais vou naquele lugar.”

“Dizer o quê? Raquel, tu foi no Centro Espírita e numa Cigana e não me contou nada, por quê?”, diz o Carlos na entrada da sala com o balde numa mão e vassoura na outra. “Oi, Bete.”

“Oi, Carlos. Ela foi sim, mas foi por minha causa, eu obriguei ela a ir comigo porque estou com uns problemas amorosos e precisava de uns conselhos.”

“Mas alguma coisa aconteceu com ela, está parecendo, Bete. A Raquel está me escondendo algo há dias, ela acha que eu não sei, mas eu sinto, eu tenho essas coisas, como chama?”

“Intuição, Carlos, intuição”, eu digo. “Tem mesmo, aconteceu sim. Mas eu prefiro falar sobre isso quando estivermos sozinhos, ok?”

“Eu vou largar essas coisas na área e vou tomar um banho, que tal a gente conversar depois disso?”

“Ah, podexá, Carlos, eu já tô indo embora, só vim saber como a Raquel tá.”

“Obrigado, Bete, pela preocupação, e por me ajudar a cuidar dela.”

Ela diz que vai estar em casa, que qualquer coisa eu posso mandar uma mensagem, que mensagens servem para isso.

Quando o Carlos sai do banho e senta do meu lado no sofá da sala eu já estou pronta para a conversa que virá.

“Então, começa pelo Centro Espírita ou pela Cigana?”

“No Centro não teve nada demais, um espírito que estava dificultando as coisas nos meus estudos, mas os médiuns me deram uns passes e afastaram ele. Abriam meus caminhos para passar no concurso.”

“Ah, mais isso é ótimo, não?”

“Sim, ótimo, eu fiquei um pouco assustada porque não sabia que tinha um deles atravancando a minha vida. Tava aqui pela casa, eu não queria te assustar.”

“Aqui em casa? Credo. E essa história de Cigana?”

“A Cigana, na verdade é a Dona Neiva, ela incorpora uma Cigana muito antiga que prevê o futuro há séculos, milênios.”

“E o que ela disse?”

“Ela disse que talvez eu ganhe um dinheiro inesperado em breve. Ela disse também que eu vou passar no concurso, e que vamos ter um filho.”

“Sério?”. O semblante dele mudou. Ele levantou do sofá como se precisasse alargar o que estava sentindo, depois sentou de novo e me abraçou. “E tu acreditou?”

“Mas ela me disse outra coisa.”

“Ai, ai, ai, o quê?”

“Que como eu trabalharia boa parte do dia, a criança deveria ficar contigo, que era mais seguro.”

“Como assim?”

“Segurança, foi o que ela disse. Sei lá, vai ver ela viu algo perigoso numa creche. Ela quis dizer que a ordem das coisas é: passo no concurso, fico grávida e depois da licença maternidade, tu te demite e fica em casa, cuidando do nosso filho ou filha, e da nossa casa. Acha uma boa previsão? Ou isso te ofende? Foi por isso que eu não quis contar antes.”

“Imagina, isso não me ofende em nada. Eu adoraria cuidar de ti, da casa, e da nossa filha, se para ti não tem problema, se acha que não vamos precisar do meu salário, que eu não serei um marido de merda porque não sustento a família, claro que eu fico, eu vou ser o melhor dono da casa do mundo. Mentira que ela falou tudo isso assim, com todos esses detalhes?”

“Ahã, juro.”

“Nossa, mas isso é bom demais para ser verdade. E esse dinheiro? Vai surgir do nada?”

“Pois é, não sei, mas quem sabe eu ganho algum daqueles prêmios que as revendedoras ganham, nunca se sabe.”

“Verdade. E o sexo?”

“Ela não falou nada disso, que besta perguntar isso, mas tem alguma coisa de errada com o nosso sexo?”

“Não Raquel, o sexo do nosso bebê?”

“Ah, Carlos, não, daí já seria demais, né?”

“É, seria.”

O dia está ensolarado, um céu azul escuro, só com algumas pinceladas esparsas de nuvens. Não se percebe nenhuma nuvem mais densa adiante. Tia Neusa está brilhando. O cemitério da Santa Casa fica na mesma zona de todos os cemitérios da cidade. Comprei uma gérbera amarela para colocar sobre o túmulo dela. Minha mãe já está na porta esperando a minha chegada, só com o chapéu de plástico Panamá desta vez, e com um óculos de sol espelhado que faz com que eu olhe para mim distorcida, toda vez que olho para ela. Minha cara inteira no óculos dela.

“Que linda essa flor, ela vai gostar tanto.”

Passamos por um pórtico de entrada deslumbrante, o cemitério é todo ladeado por pinheiros muito altos, é como estar dentro de um bosque, onde as alamedas são cercadas de estátuas majestosas de santos, homens e mulheres lindos e jovens, muitos, muitos querubins. Eu moraria num lugar bonito desses. A altura dos monumentos faz sombra pelos caminhos. Os pássaros cantam desavergonhadamente. Tem até templos que imitam as construções gregas.

“Eu nunca vim nesse cemitério, como é bonito”, eu digo. “Olha ali escrito: os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos. Olha lá, Atena, a deusa da Justiça. Quem pagou pelas despesas do enterro?”

“Ninguém. Quer dizer...”

“Olha o Teixeira... Oh, meu Rio Grande/De encantos mil/Disposto a tudo pelo Brasil/Querência amada dos parreirais/Da uva vem o vinho...”

“...Do povo vem o carinho; Bondade nunca é demais.”

“É muito bonito aqui. Eu nem sei para onde olhar.”

“Olha esse aqui, seu Iberê falando por mim: tudo que fiz na vida fiz com paixão; não sou homem de tocar com as pontas dos dedos.”, diz ela, acompanhando a frase com o dedo indicador.

“Iberê foi um pintor famoso. Tem um museu com o nome dele pros lados do estádio Beira Rio. Um branco, com uma arquitetura moderna, cheia de curvas.”

“A gente não passou por ele aquele dia com o barco?”

“Isso, aquele mesmo.”

“Achei esquisito, muito simplório. Mas esse túmulo dele é esquisito também, eu só gostei da frase. Eu gostaria de um túmulo tipo aquele ali, cheio de anjinhos ao redor e com uma estátua da Nossa Senhora bem no alto, em mármore branco. A frase podia ser...”, pensou por alguns instantes. “Vivi, valeu!”.

“Eu não vou pagar por isso, pode ter certeza. Acho melhor ganhar na loteria, porque isso deve custar uma fortuna. Onde está o túmulo da tia?”

“Não está nessa parte, aqui é só para as pessoas que apareciam, só para quem tinha muito dinheiro.”

A gente vai passando pelas ruelas e a paisagem vai mudando. Depois, passamos por outro pórtico, que abriga umas gavetas. Há uma bem à direita, na passagem, que eu noto, é de um bebê. Na foto do caixão, nenhum nome identifica a criança deitada, nem data. O bebê. Não sei se chegaram a dar nome a ele ou a ela algum dia. Uma existência frugal, como a de todos naquelas outras gavetas, como de todo mundo. A partir dali, daquele pórtico, a importância das pessoas diminui. Entramos em um mar de túmulos todos exatamente iguais, todos brancos, como uma cama de solteiro. Uma lápide com encosto, e uma pequena cruz sobre ele. Tudo de cimento pintado de branco. A única diferença eram as fotos e datas, mas fotos e datas são muito parecidas também. Pessoas são números.

Os caminhos não eram mais sombreados pelas estátuas imensas da primeira parte gloriosa, paradisíaca. O branco hospitalar refletia tudo mais ao redor. Um lugar de passagem, um purgatório.

“Qual é o túmulo dela?”

“Filha, ainda não é aqui, é mais adiante,”

“Ué, mais ali adiante acaba o cemitério.”

“Não acaba, não.”

Seguimos por um caminho longo de paralelepípedos. Do lado esquerdo, sobe uma parede, também branca, mas depois eu percebo que não é uma parede que sobe, mas nós que descemos, e lá no final do cimento, onde não há mais nada, nem uma escada para descer, nem caminhos, alamedas, bosques, um degrau imenso nos impede de continuar. Com os pés bem no final no concreto, vejo lá embaixo um campo irregular de grama e centenas de cruces de alumínio numeradas. Algumas vermelhas de ferrugem. Nenhum nome, nenhuma foto.

“É aqui, uma dessas cruces é a da tua tia, mas eu não sei exatamente qual é.”

“Tá brincando?”

“Não, filha. Vamos sentar.”

Sentamos naquele degrau, bem na borda que separa o mar de lápides brancas e o declive mal gramado da parte baixa. Pernas soltas.

“Lembra que eu disse que a Matilde tinha começado a faculdade de educação física? Ela contava para a mana sobre o laboratório de anatomia e os corpos que eles dissecavam lá desde o primeiro semestre. Tua tia ficou fascinada por aquilo. Um dia ela voltou para casa e tinha passado no cartório dos Ferreira em Ferreira, registrado que quando morresse queria que seu corpo fosse doado à universidade para estudo.”

“Foi assim que ela chegou à universidade? Só o corpo?”

“Sim, só a carne. Uma van em Ferreira trouxe ela para a Santa Casa quando já estava bem mal. A Matilde fez cumprir o desejo de que fosse entregue para estudos, e ela acabou na Universidade Federal, exatamente onde queria. Pra isso, teve que abrir mão do enterro, já que os cadáveres de laboratório são enterrados todos juntos, como indigentes. Tua tia achou ainda melhor assim, sem gastos. Parece triste, mas ela tava feliz com essa ideia. Era a única coisa que a deixava empolgada no final. Queria que tu ficasse sabendo disso, desse último ato de bravura. Acho que o paraíso dela começou aqui, num desses números.”

“No fim, gente como a gente não é muito mais que um número.”

“Raquel, tu vai ser juíza, tu vai ter nome e sobrenome, minha filha. Tu vai conseguir furar essa barreira. Eu sempre acreditei nisso.”

“Será que os doentes da Santa Casa gostariam de uma ledora que lhes contasse histórias?”

“Que tipo de história?”

“Histórias interessantes.”

“Como a nossa?”

“Ninguém vai querer ouvir uma história como a nossa.”

“Por que não? O programa de televisão quer.”

“Porque é um programa de televisão, e eles vão colocar um monte de efeitos para parecer mais dramático, para transformar nossa vida boba em alguma coisa que vende requieirão. A vida da gente mesmo é só um cruzamento de um ponto a outro, costurada com linhas de ônibus. E um dia acontece de ser o último ponto dessa trama. Aqui, olha, nesse gramado, onde em algum lugar está a tia Neusa, tem um monte de fim de linha. Por mais que a gente se aproxime do centro, nós estamos sempre afastados, orbitando longe de onde as coisas acontecem.”

“Eu acho interessante.”

“O quê? Acha a tua vida interessante?”

“Não sei, acho que pode contar histórias, mesmo que não seja a nossa se ela não te parece bem, qualquer história. Mas eu acho que a nossa é uma boa história, se é boa para a tevê é porque é boa para qualquer um, né?”

“Eu não acho.”

Ela começa a cantarolar.

“O que é isso?”

“A música da *Bandeira Dois*, a Marília Pera que cantava: ‘Roda gira a sorte, a morte, a vida cada vez mais forte...’”

Toca meu telefone, número desconhecido, prefixo de fora.

“Acho que é o programa”, eu digo.

“Já decidiu o que vai fazer?”

Antes de atender arremesso a gérbera amarela o mais longe que consigo. Ainda no ar, um frame final congela a flor:

## Curiosidades televisivas

***Irmãos Coragem*** (1970). Escrita por Janete Clair, dirigida por Daniel Filho.

Janete diz que se inspirou em *Os Irmãos Karamazov*, de Fiodor Dostoiévski para dar vida aos irmãos João (Tarcísio Meira), Jerônimo (Cláudio Cavalcanti) e Duda (Cláudio Marzo) Coragem. Baseou-se ainda no livro *As Três Faces de Eva*, de Corbett H. Thigpen e Hervey M. Checkley para compor a tripla personalidade de Lara (Glória Menezes). E recorreu a peça *Mãe Coragem*, de Bertold Brecht, para construir o papel de Mãe Coragem (Zilka Sallaberry). A novela teve mais audiência que o final da Copa de 1970 entre Brasil e Itália, que ocorreu em um domingo, no dia seguinte a novela superou a audiência. Pg 07.

***Vale Tudo*** (1988). Escrita por Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères, dirigida por Ricardo Waddington e Paulo Ubiratan.

A trama girava em torno de corrupção e falta de ética, denunciando a inversão de valores no Brasil no final dos anos 1980. Os autores centraram a discussão sobre honestidade e desonestidade no antagonismo entre mãe e filha: a íntegra Raquel Accioli (Regina Duarte) é o oposto da filha Maria de Fátima (Gloria Pires). O tema do homossexualismo feminino, protagonizado por Cristina Prochaska e Lala Deheinzelin, sofreu intervenção da Censura Federal: vários diálogos entre Laís e Cecília tiveram de ser reescritos. Personagens que entraram para a história da televisão foram a corrupta Odete Roitman e sua filha Heleninha, que sofria de alcoolismo. Pg. 07 e 58.

***História de Amor*** (1995). Escrita por Manoel Carlos, dirigida por Ricardo Waddington.

O conflito principal é o relacionamento de mãe (Helena) e filha (Joyce). A filha (Carla Marins) só descobre no final que a mãe é na verdade, a tia, que morreu. A mãe abnegada (Regina Duarte) assume o papel de mãe verdadeira. Pg. 62.

***Por Amor*** (1997). Escrita por Manoel Carlos, dirigida por Paulo Ubiratan. Outra novela sobre a relação mãe e filha. Ambas grávidas, o bebê da filha nasce morto, e a mãe faz a troca, na maternidade, com o filho dela, que nasceu saudável. Pg. 09.

***Telecurso Segundo Grau*** (1978). A Rede Globo, empresa mais poderosa e representativa da indústria cultural brasileira criou o Telecurso Segundo Grau oferecendo ao Estado os “préstimos” para sanar os déficits da educação brasileira. Eram aulas que aconteciam por quinze minutos, diariamente em dois ou mais horários, em todas as emissoras afiliadas, atingindo todos os estados brasileiros. A proposta visava controlar e centralizar o processo de aprendizagem, uniformizando a educação, sob a égide da “neutralidade” que uma emissora carregava à época. Pag. 10

***Sol de Verão*** (1983). Escrita por Manoel Carlos, dirigida por Carlos Malta.

A novela tem a personagem de Irene Ravache que deu nome a Raquel, em função da morte do ator Jardel Filho. Segundo o autor o mote da trama, sobre uma mulher que decide abrir mão de um casamento aparentemente feliz, onde tem tudo, para buscar sua verdadeira felicidade, teve uma repercussão negativa na época. Muitos telespectadores mandavam cartas à Globo definindo a atitude de Rachel como um péssimo exemplo para a sociedade. Pg. 25.

***Pantanal*** (1990). Escrita por Benedito Ruy Barbosa, dirigida por Jayme Monjardim. Exibida pela TV Manchete, Juma Marruá, moça criada como selvagem pela mãe até sua morte, assassinada por encomenda numa trama de vingança entre posseiros de terras e vítimas de grilagem. A novela se utilizava de efeitos de realismo mágico para contar os folclores da região pantaneira. Juma se transformava em onça-pintada. Pg. 26.

***A Viagem*** (1994) Escrita por Ivani Ribeiro, dirigida por Wolf Maia. *Remake* da novela homônima exibida pela TV Tupi, em 1975. Recordista de audiência no horário das 19 horas, a telenovela tratava da vida após a morte segundo a doutrina kardecista. Mesa-brancas, espíritos encarnados e desencarnados, e até cenários de inferno e céu foram utilizados. Pg. 35.

***Que Rei Sou Eu?*** (1989). Escrita por Cassiano Gabus Mendes, dirigida por Jorge Fernando. Ambientada em 1786, num fictício país europeu, aludia à Revolução Francesa para fazer uma paródia do Brasil, além de refletir o momento histórico vivido pelo país, que se preparava para a primeira eleição direta para presidente da República após quase 30 anos. Apesar de ambientada no século XVIII, a novela fazia referências à contemporaneidade. Em alusão ao Plano Cruzado, pacote econômico lançado pelo governo em 1986 e que envolveu congelamento de preços e mudança da moeda nacional, o autor incluiu na trama uma reforma monetária, trocando o nome da moeda de Avilan de caduco para duca, e tirando três zeros do seu valor. No papel do bobo da corte Corcoran, o ator Stênio Garcia, então aos 57 anos, deu o seu primeiro salto mortal. Pg. 46.

***Tieta*** (1990). Escrita por Aguinaldo Silva, dirigida por Paulo Ubiratan. Aguinaldo Silva ressaltou que, em *Tieta*, pretendeu fazer uma metáfora sobre a volta da liberdade de expressão na novela brasileira. No capítulo em que *Tieta* (Claudia Ohana) é expulsa de casa pelo pai, Zé Esteves (Sebastião Vasconcelos), ele arranca aquele dia do calendário e diz: "Faz de conta que esse dia nunca aconteceu". O dia marcado na folhinha é 13 de dezembro de 1968, data em que foi promulgado o AI-5. Pg. 63.

## ENSAIO TRAMADO

## **Introdução**

Este ensaio foi tramado para mostrar que a verdade mesmo está lá na ficção, ou talvez para mascarar o quanto há de verdade lá, com as verdades que invento aqui. Afinal, segundo Ernesto Sábato (1982, apud SALLES, 1998, p. 99), “é só com máscaras, no carnaval ou na literatura, que os homens se atrevem a dizer suas (tremendas) verdades íntimas”. Mas não é desse tipo de trama que eu trato aqui. Essa trama é a de lá.

Para explicar melhor de que forma esse ensaio foi tecido peço ajuda à minha mãe, como não poderia deixar de ser, já que por trás de tudo isso está a tentativa de entender, um pouquinho que seja, esse tipo de relação entre mãe e filha, tão caro e único, de repulsa e aproximação. Quando eu pergunto a ela, uma tricoteira talentosa e perfeccionista, o que faz quando erra um ponto bem no início da malha e só percebe depois, ela invariavelmente me diz: eu desmancho tudo e começo tudo de novo, senão meu olho me leva sempre de volta para o erro.

Faço o mesmo aqui: tento organizar o caos criativo que foi a escritura desta novela como se fosse minha mãe tricotando e desmanchando o texto, na busca pelo ponto certo. Não acho que ele foi tecido com o mesmo rigor dos blusões dela. Ao contrário, a maioria das formas de sistematização falharam. Percebi, a partir da necessidade de descrever o processo, que o “pensamento não avança em sentido único; em vez disso, os vários momentos se entrelaçam como um tapete” (ADORNO, 2012, p. 30), assim como se entrelaçam o ensaio e a novela que lhe deu origem. Tentei reunir, sob essa forma estética, um mundo disperso, domando o ruidoso estilhaçamento que existia em minha cabeça, olhando a trama pelo avesso, organizando – como se isso fosse possível – um roteiro cronológico de pensamentos-acontecimentos.

Antes de tecer essa malha, eu quero dizer que nunca havia escrito mais do que sete páginas seguidas de ficção. Todas as minhas pretensões de escrever algo mais longo, como esta novela ou um romance, iniciaram com a surpresa da aprovação no mestrado. Contudo, assumi sua feitura com paixão, na tentativa de que ela própria me “iluminasse os mistérios do propósito” (JAMES, 2011, p. 39) pelo qual a escolhi, sobretudo, na sua temática.

O ensaio que segue teve o propósito de buscar a intenção por trás da história, além de tirar o máximo de proveito desta experiência única: refletir o texto à luz do meu processo criativo. Nesse caminho, encontrei teóricos, professores, escritores, colegas, que me despertaram o desejo de seguir em frente, com o objetivo de me tornar, um dia, uma escritora

capaz de dar encantamento a coisas rotineiras, da mesma forma que fizeram os meus autores favoritos. Como nas palavras de Samuel Coleridge (1817, apud PAMUK, 2011, p.127), autores que suscitaram “um sentimento análogo ao sobrenatural, despertando da letargia do hábito a atenção da mente e direcionando-a para as belezas e maravilhas do mundo que está diante de nós”. Através da metáfora generosamente cedida pela minha mãe, começo a tricotar este ensaio trazendo à tona o calor e as cores que vestem *Entre outras mil*.

## **Primeira parte: a escolha dos materiais**

### 1.1 Um modelo que aqueça

A criação começa com infinitas possibilidades, mas há necessidade de se agarrar em algum ponto, em alguma intenção, que motive a ação. Assim, “a existência de um propósito, mesmo que de caráter geral e vago, é o primeiro orientador dessa busca ilimitada” (SALLES, 1998, p. 63) que, no caso desta novela, se baseou na minha condição de mulher brasileira. No que tange o desenvolvimento de um feminino-feminino, uma mulher escrevendo sobre mulheres, ainda que eu tenha fortemente arraigado em mim o feminino-masculino, como de *Madame Bovary* e *Anna Karenina*, cujos autores são homens. A história nasceu do propósito de explorar a relação entre mulheres, mais especificamente, entre mãe e filha, filha e mãe, uma mulher escrevendo sobre o universo feminino.

Pensar meu feminino passou por pensar o Brasil feminino, e o que ele tem que nos distingue. Ocorre que o feminino foi-se entranhando de forma natural, orgânica, sendo incorporado institivamente, ampliando as relações para além do vínculo de mãe e filha, criando novas personagens, novos nexos. Desta forma, o Brasil acabou tornando-se o principal objeto de pesquisa. Por caminhos que pareciam opacos, eu tentaria entender o que aconteceu no país de 1983 a 2019. Ainda que a narrativa se passe em apenas alguns dias do ano de 2019, a personagem narradora nasceu em 1983 e se constituiu como sujeito mulher a partir de uma tônica familiar brasileira bastante peculiar: o apogeu da telenovela como formadora da moral.

Com essa premissa na cabeça, e levando em conta o desejo de que fosse algo próximo da minha realidade<sup>1</sup>, surgiu, a partir de uma conversa com uma colega de trabalho, amiga da

---

<sup>1</sup> O professor Luiz Antonio de Assis Brasil, na disciplina *Oficina de Criação*, primeiro semestre de 2017, incentivou os alunos, sobretudo os iniciantes, a escreverem sobre coisas que conhecessem bem. Enfatizou diversas vezes que deveríamos nos perguntar “Por que essa história é para mim?”. Nessa época, eu achava que estava

vida e com vivências parecidas, a história de Raquel e Sueli. Falávamos de *Madame Bovary*, as impressões de cada uma, quando chegamos a um consenso (mesmo que simplista): muitas meninas da nossa geração foram criadas por “madames-bovary”, mulheres interioranas espectadoras assíduas de telenovelas, mas que, ao contrário do que aconteceu com Emma, o desenvolvimento do bovarismo<sup>2</sup> foi substituído pela resignação.

Ficamos elucubrando questões como: Quem seriam hoje essas mulheres se tivessem largado aquelas vidas? Como cresceram suas filhas? Tornaram-se “madames-bovary”? Que tipo de coisas aprenderam sobre a vida real através das telenovelas? Desejaram tornar-se outras? Quão emancipadora pode ser a telenovela para as mulheres? Que vínculos as telenovelas ajudaram a construir entre as mães e as filhas de uma geração? Qual o impacto desse tipo de criação? Questões complexas com as quais, continuamente, tento dialogar através da novela.

Inicialmente, fui pesquisar na minha biblioteca de casa sobre a relação mãe e filha, como forma de vislumbrar uma ideia que trouxesse luz ao relacionamento. Passando os olhos nas prateleiras, o total de livros que encontrei tratando especialmente dessa relação foi igual a zero. Existia a possibilidade de ser um problema da minha biblioteca, mas depois de uma pesquisa mais abrangente em outras bibliotecas, essa questão se mostrou geral, resultado natural de um sistema patriarcal em larga medida de tempo e espaço. Mais adiante desenvolverei melhor as pesquisas iniciais que fiz com relação ao tema, ainda que agora pareça pouco relevante, não pela desimportância da questão, já que a justa falta torna a necessidade imperiosa, mas porque estava definido que seria uma história de mulheres, a despeito da possível falta de referências. O desafio seria entender especialmente essas mulheres brasileiras, num determinado recorte de classe e de tempo. Eu teria que trabalhar a relação entre elas a partir de uma experiência pessoal, e não por referências literárias. Isso eu só entendi depois, e toda pesquisa teve imbricação no resultado final.

---

tratando de um tema que conhecia, mas depois acabei percebendo que a história era minha pois eu conhecia o cenário, porém, a consciência sobre a relação entre os femininos envolvidos ainda estava obtusa.

<sup>2</sup> O termo “bovarismo” foi cunhado pelo filósofo e psicólogo Jules de Gaultier em 1892. Leva o nome em função da personagem de Gustave Flaubert, Emma Bovary, uma mulher ambiciosa e sonhadora que alimentou sua imaginação com heroínas de literatura romanesca, e ambicionou tornar-se outra que não aquela com uma vida pequeno-burguesa, interiorana e limitada. Impulsionada pelo desejo de ser autora do seu próprio destino, Emma investe toda sua vida imaginando-se diferente do que era, buscando a emancipação, característica da condição moderna, mas que não era comum à época, sobretudo para uma mulher. Segundo Gaultier (1892, KEHL, 2018, p. 27), bovarismo é “o poder conferido ao homem de conceber-se diferente do que é”. Ele classifica em três tipos de bovarismo: moral, ilusão de livre-arbítrio; passional, o homem que se torna presa de uma paixão; científico, o homem que se acredita o gênio do conhecimento.



Figura 01: Biblioteca pessoal com zero livros que tratam do tema “relação mãe-filha”

## 1.2. Moldes, romances e agulhas

Antes de começar a falar do enredo<sup>3</sup>, descrevo-o para melhor compreensão do que segue, caso este ensaio seja lido separadamente. *Entre outras mil* (o título inicial era *As donas da trama*) conta a história de Raquel, casada com Carlos, e filha de Sueli. Raquel é uma interiorana remediada que luta na capital para conseguir passar no concurso de juíza, um horizonte de expectativa quase irreal, embora ela tenha conseguido completar a duras penas o curso particular de Direito, num período em que a classe C brasileira conseguiu, em massa, ascender à universidade. Ela leva uma vida corrida e apática ao lado do marido, no momento em que a mãe, que sumiu do interior sem deixar rastro quando ela era adolescente, reaparece depois de vinte anos. A mãe fica sabendo sobre o paradeiro da filha através de um programa de televisão que quer levá-las para contar a história da separação entre as duas, ao vivo, num Especial de Dia das Mães. A trama conta também com outra personagem importante, revelada apenas pela memória das protagonistas, Neusa, tia de Raquel e irmã de Sueli. Fio condutor dos afetos entre as personagens principais, Neusa traz à história uma mística própria do interior e constante no universo feminino. Raquel vive o drama do reencontro com a dor do passado, além de uma transformação no próprio casamento em função deste truculento reaparecimento, enquanto rememora passagens da infância na pequena e fictícia cidade de Ferreira do Meio. Por fim, ela também precisa decidir se irá participar do programa de televisão com a mãe e ter sua vida exposta em rede nacional.

A escolha pela trama teve raízes afetivas, porque só dessa forma pude enfrentar profundamente a história. Não quis contar a minha vida, mas talvez uma vida que poderia bem

---

<sup>3</sup> Trato aqui de diferenciar *história* de *enredo* ou *trama* conforme propõe E.M. Forster (2005) em *Aspectos do Romance*. *História* sendo a narrativa de eventos conforme a sequência de tempo; *enredo* ou *trama* envolveria o modo como os eventos da história estão dispostos na narrativa.

ter sido a minha. Misturei um pouco da minha experiência com histórias de amigas, colegas, vizinhas, que viviam nesse mesmo cenário.

A primeira ideia, realizada para apresentação do projeto na disciplina do professor Assis Brasil, foi montar um quadro gráfico da história (figuras 02 e 03), que contivesse a sequência cronológica num esquema visual simples, e que me permitisse ver a cronologia exata com alguns acontecimentos importantes definidos na linha do tempo. O primeiro deles continha a cronologia referente aos eventos ocorridos antes do início da narrativa, um guia de cenas que serviria para alavancar as memórias de infância que se intercalariam com os capítulos ocorridos na atualidade. No primeiro quadro, datado de junho de 2017, há elementos que foram retirados posteriormente porque transformaram-se no decorrer da escrita. O nome do pai de Raquel, por exemplo, acabou sendo eliminado assim que ele se tornou uma espécie de sombra no passado. Outro personagem criado inicialmente, o amante virtual de Raquel, Valdir, foi perdendo sentido dentro de um contexto onde o relevante se tornara os afetos oriundos das relações parentais e afetivas entre as mulheres. Como contraponto, a retirada desse personagem de ordem realista fez crescer a personagem de Neusa, elemento mágico, característica muitas vezes atribuída ao feminino.

O segundo quadro também sofreu alterações desde a época da feitura em 2017. Criado com o intuito de ser um guia direto para as cenas que seriam escritas, algumas das soluções narrativas criadas, como a impossibilidade de conseguir o diploma por falta de pagamento das últimas mensalidades, pensado como motivo urgente para Raquel falar com a mãe na tentativa de conseguir o dinheiro, mostrou-se um recurso ineficaz. As cenas escritas acabavam desviando o foco da relação entre as duas e criando explicações demasiadas e desinteressantes, capítulos retirados posteriormente sem nenhum prejuízo à trama.

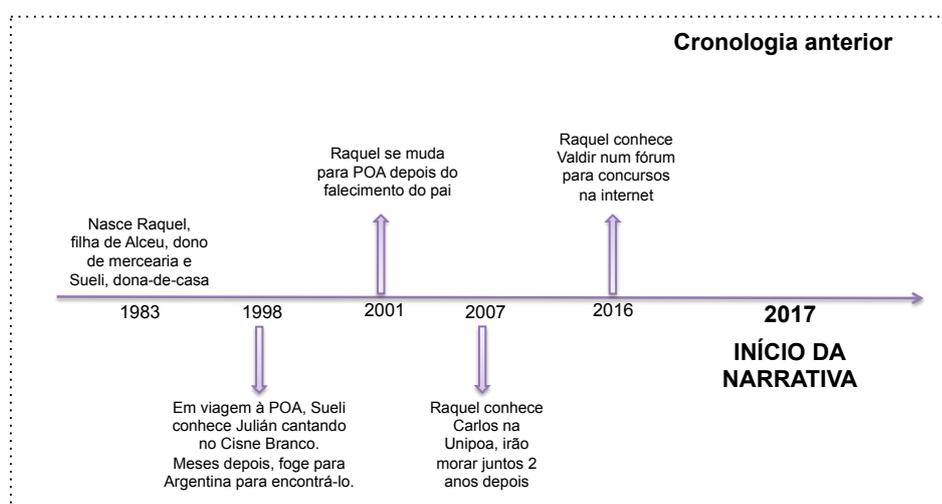


Figura 02. Cronologia para efeitos de flashback (02/06/17)

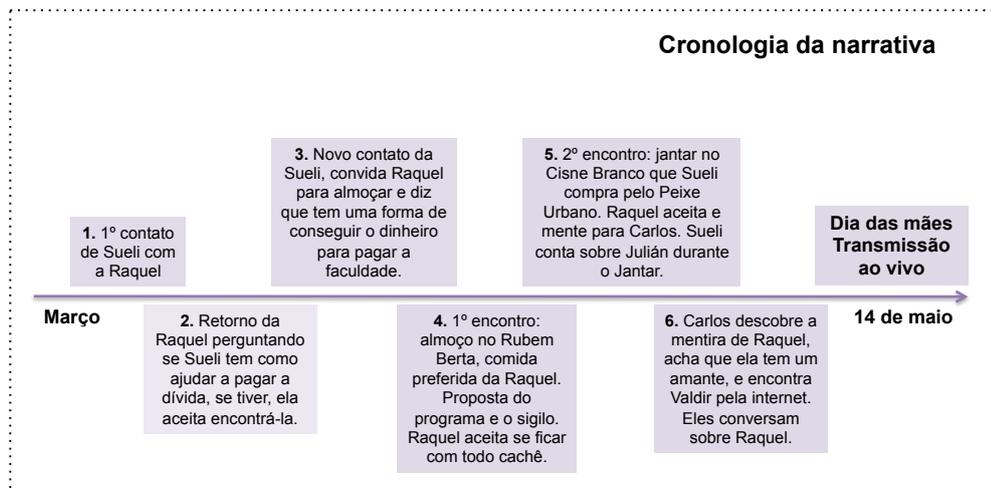


Figura 03: Cronologia a partir do início da narrativa (02/06/2017)

Ao longo do processo criativo, eu troquei duas vezes de narrador, tempo verbal e tom. E foi algo mais instintivo do que analítico. Da primeira versão em terceira pessoa, com discurso indireto livre, no passado e com tom predominantemente melancólico, foram dez meses amadurecendo, lendo outras coisas, não necessariamente escrevendo, pois perdi bastante tempo esperando uma epifania para continuar a história, e cursando os créditos obrigatórios do curso de mestrado. A decisão inicial fora influenciada pela experiência que eu tinha em contos, na maioria, em terceira pessoa, e eu acreditava que seria uma produção mais fluída pois eu dominava melhor. Lembro que na apresentação da proposta em aula, eu justifiquei que não seria capaz de encontrar a voz da Raquel, achava mais seguro escrever em terceira e eu queria entrar no pensamento da mãe Sueli. Naquele dia, o professor Assis falou algo que retumbou na minha cabeça: “o problema da maioria das questões literárias não é teórico, é, sobretudo, emocional”, compreendi que ele me percebia como uma escritora insegura. Concordei e segui em terceira. Não estava disposta a arriscar. Já a decisão sobre o tempo verbal no passado não foi consciente, era preciso escrever e usei o pretérito perfeito como teste. Da mesma forma, o tom tinha a ver com meu estado de espírito à época.

Depois de desistir de buscar a iluminação, eu voltei ao texto por questão de prazo e segui com as mesmas escolhas. Escrevi mais cerca de vinte páginas e estava descontente quando meu orientador, o professor Bernardo Bueno, pontuou sobre meu texto: a narradora parece sentir pena da protagonista. Entendi que precisava mudar urgentemente. Eu estava lendo *Moby Dick*

e, quando cheguei na descrição de Melville para Starbuck<sup>4</sup>, fiquei perplexa com a quantidade de camadas que exista numa simples descrição. Lia e relia. A quantidade de conhecimento que ele tinha a respeito do seu personagem, a capacidade de concisão, de nos apresentar com profundidade a alma de Starbuck, me perturbou. Estava sensível, me senti no tombadilho do Pequod e vislumbrei claramente: eu não conhecia minhas personagens.

A primeira ideia foi trocar de narrador, colocar-me na pele de Raquel, dar meu coração, e descobrir seu caráter da mesma forma “como o caráter de uma pessoa é forjado na vida: pelas situações e pelos acontecimentos que ela vivencia” (PAMUK, 2011. p. 53). Com a coragem que apreendi de Starbuck, eu estava disposta a encarar o desafio de lapidar o texto em busca das palavras da Raquel. Eu também achava que isso seria um problema mais emocional do que teórico, como o professor já havia apontado. A primeira pessoa traz a vantagem da vivência da interioridade, uma voz familiar. Logo nas primeiras páginas, eu senti necessidade de testar outro tempo verbal, escolhi o presente. Isso me aproximaria dela e aproximaria o leitor também, pois descobriríamos os acontecimentos juntos, possibilitando uma experiência viva e ativa. Mais tarde essa decisão nem tão comum, do tempo verbal no presente, acabou se justificando quase como uma revelação: o tempo presente se aproxima ao de um roteiro, como se as cenas fossem construídas no instante, como acontece nas telenovelas, nas quais a personagem descobre o que está passando exatamente no momento em que vive a cena. Raquel só sabe o que acontece no momento que vive e narra ao mesmo tempo. Essa dinâmica, que se assemelha à da telenovela, fora perseguida desde a concepção, como ideia de ritmo.

Reescrevi todas as páginas, e na releitura percebi que não só a história tinha mudado, mas o tom ficou mais leve, um tom fluído de trabalhar. A televisão, em especial a telenovela, era parte importante na vida dessas mães e filhas do interior e, no meu caso, como uma delas, está intimamente ligada ao desejo de contar histórias. No início, recalquei de certa forma essa

---

<sup>4</sup> “Um homem tranquilo e firme, cuja vida, na maior parte, era uma gritante pantomima de ação, e não um manso capítulo de sons. Contudo, a despeito de toda sua resistente sobriedade e fortaleza, havia nele certas qualidades que por vezes o afetavam e nalguns casos pareciam contrabalançar todo o resto. Invulgarmente escrupuloso para um marinheiro, e dotado de índole reverente, a deserta solitude de sua vida nas águas, inclinava-o profundamente, portanto, para a superstição; mas para aquela espécie de superstição que nalgumas pessoas parece brotar antes da inteligência que da ignorância. Prodígios exteriores e pressentimentos íntimos eram com ele. E, se às vezes essas coisas vergavam o ferro soldado da sua alma, muito mais distantes lembranças domésticas de sua jovem esposa do Cabo, e do filho, tendiam a afastá-lo de sua severidade natural e a abri-lo ainda mais àquelas influências latentes que, nalguns homens de coração sincero, restringem a torrente da temerária ousadia, tantas vezes demonstrada por outros nas mais arriscadas vicissitudes da pesca. “Não levarei em meu bote”, dizia Starbuck, “quem não tiver medo de baleia”. Com isso ele parecia dar a entender não apenas que a coragem nasce da justa avaliação do perigo que se enfrenta, mas também que um homem inteiramente desprovido de medo é um companheiro muito mais perigoso do que um covarde” (MELVILLE, 1972. p.149).

referência, mas na reescrita percebi que havia um certo tipo de empolgação, de emoção, no que eu estava escrevendo, uma coisa novelesca. E aceitei.

No entanto, duas dificuldades se apresentaram nessa transposição. A mudança direta da terceira pessoa para a primeira deixou incongruências que eu demorei a perceber. Quando descrevia uma cena em terceira pessoa eu queria descrever detalhadamente o local. Por exemplo, na primeira versão, uma frase no quinto capítulo dizia: *Raquel esperou na mesa de plástico vermelha, e procurava não se apoiar porque costumava estar grudenta*. Ao fazer a conversão para a primeira eu adaptei da seguinte forma: *Espero na mesa de plástico vermelha, procurando não me apoiar porque costuma estar grudenta*. Mas Raquel não tem consciência do material, tampouco da cor vermelha, porque ambas características estão internalizadas, e incluí-las no seu monólogo interior soaria falso. A tentativa de estidade<sup>5</sup> provocada pela descrição do material em terceira pessoa teria que ser retrabalhada para ser expressa de outra maneira. A frase acabou ficando assim: *Espero sentada, acomodo a bolsa no colo para poder largar os braços e não ter que me apoiar na toalha grudenta*.

Outra questão sobre a mudança de narrador diz respeito a semântica e a sintaxe empregadas para cada uma das pessoas. Dado que a narradora em terceira pessoa era alguém do mundo letrado, enquanto Raquel é uma remediada, mesmo sendo universitária, as escolhas deveriam pertencer ao universo dela. Aquele primeiro receio, minha insegurança em encontrar a voz da personagem, foi superado pela clareza de que a mudança traria profundidade à história. Portanto, eu tive que simplificar não apenas palavras, mas também a estrutura de frases, e algumas obras referenciadas, a fim de que ficassem compatíveis com as percepções de Raquel. Um exemplo desse último tipo de adaptação foi a troca de uma referência ao Kafka, quando Raquel imaginava a voz do pai dele em *Carta ao pai* para descrever a voz que encerrava o programa *Porta da Esperança*. Essa lembrança foi substituída pela voz que transformava uma “forma decadente” em Mum-Rá, do *Thundercats*. Referência que passou de literária à televisiva, bastante mais alinhada com a personagem. Escrever mais simples não significa que seja mais fácil para quem cria, apesar disso, com palavras e frases simplificadas as cenas aceleraram, trazendo com isso um pouco mais de leveza à novela.

Eu tinha uma pretensão: achar a gravidade sem peso de que fala Ítalo Calvino no ensaio *Leveza*, onde “a melancolia é a tristeza que se tornou leve, e o humor é o cômico que perdeu

---

<sup>5</sup> James Wood, em *Como funciona a ficção*, trata de definir estidade como qualquer “detalhe que atrai para si a abstração e parece matá-la com um sobro de tangibilidade”. Entre os vários exemplos que cita, um deles trata-se de uma passagem em que Madame Bovary acaricia os sapatos de cetim que usou no grande baile, “cuja sola amarela-se com a cera deslizante do assoalho” (2011, p. 65-66).

peso corpóreo” (1990, p. 32), esse equilíbrio complexo. Eu queria que fosse para rir, não gargalhar, eu queria que fosse melancólica, não melodramática. Acredito que o esse equilíbrio emocional, ou harmonia estética, ainda não tenha sido alcançado.

Encontrei a narradora em primeira pessoa, o tempo presente, e um tom mais leve, mas não sabia como funcionava uma relação entre mãe e filha na ficção. Nunca tinha feito uma reflexão aprofundada sobre o assunto da falta de referências nas obras que eu havia lido durante a vida. Eu precisava (ou achava que precisava) entender como se sentiam uma em relação à outra, talvez fosse uma forma de enfrentar meus próprios demônios através da pena. Como eu já mencionei, parti para busca de obras que tratam a temática, além de pesquisar também como se dá o processo de construção do arquétipo, em termos psicológicos.

### 1.3. O afeto: as mãos que tricotam

Eu tinha ideias gerais sobre a relação de mãe e filha, mas não conseguia sentir o abandono de mãe, como ele repercutia na filha, como ele corrompe essa relação. Ainda que sejam sentimentos únicos, e o formato final seria fruto de sensibilidade e intuição, eu sentia falta de referências. Sabia que conceber essas personagens fortes seria o maior desafio, pois elas atuariam na história que eu tinha criado, e sem isso eu não iria em frente. Elas tinham que ganhar vida e livre-arbítrio, com suas dicotomias: moral, ética, religiosa, psicológica.

A pesquisa por narrativas sobre mães e filhas adultas mostrou o quanto ainda existem poucos livros que desenvolvem a relação, sobretudo do ponto de vista da filha. Em grande parte das obras, existe a relação de pai e filho, de pais e filhos, até de mãe e filho, mãe e filha criança ou adolescente, mas de mãe e filha adultas as referências ainda são poucas.

Façamos!

Como diz a escritora espanhola Antonina Rodrigo: “Mira, Montserrat, si no hablamos nosotras de nosotras, quién lo va hacer?” (2003, p.10).

As histórias que considerei mais relevantes e que me traziam reflexões a respeito do tema (sob o ponto de vista específico da filha adulta) foram os romances: *Um amor incômodo*, de Elena Ferrante e *Uma Duas*, de Eliane Brum, e os romances autobiográficos *Morte Serena*, de Simone de Beauvoir e *Mamãe & Eu & Mamãe*, de Maya Angelou. Para fortalecer a amostra achei interessante incluir o filme *Sonata de Outono*, de Ingmar Bergman, a referência mais forte sobre o tema, cuja lembrança me perturba desde que assisti ainda quando era adolescente.

Após ler as obras e rever o filme, eu tive a sensação de que me faltava uma chave de compreensão para a minha história, fiz anotações gerais: em relação à mãe nos sentimos sempre

culpadas por omissão; é uma relação de repulsa e aproximação; o corpo da mãe nunca é visto como um corpo de mulher; o amor é maior tanto quanto a raiva; ambivalência de sentimentos... Era uma amostra pequena, mas ao mesmo tempo parecia rica em dilemas, porque dava visões redentoras e assustadoras. Elas tinham histórias distintas e fascinantes: uma mãe suicida cuja filha remonta os passos da mãe para tentar descobrir os motivos; outra que a filha acompanha a mãe sabendo que são seus últimos meses, embora a mãe não saiba que está morrendo; uma menina deixada aos seis anos com a avó, cuja mãe retorna anos depois para buscar, e como ela lida com esse abandono na fase adulta; uma filha chamada pelos vizinhos que encontra a mãe viva, mas se deteriorando fisicamente. O filme trata de uma mãe pianista de carreira internacional que não se importa com a filha, e esta tenta, de todas as formas, obter o carinho da mãe. Relações complicadas, com base num tipo especial de afeto entre mulheres, e essencialmente trágicas.

Conversando com uma amiga psicanalista sobre o tema, cheguei ao único referencial psicanalítico publicado em português sobre a relação mãe e filha adultas, um estudo que “toma em conta uma dimensão da experiência – humana e psicanalítica – que se caracteriza, antes de tudo, por sua mais completa ausência em nossas bibliotecas” (ZALCBERG, 2003, p. 07). Esse livro foi uma chave para a identificação de elementos dessa relação arquetípica. Os conflitos oriundos dessa relação peculiar ultrapassam o estereótipo ou, como diz a autora, “a relação não é entre uma pessoa que é mãe e outra que é filha, mas entre duas posições do sujeito mulher, tanto no lugar da filha, em face de sua mãe, quanto no lugar da mãe que poderá vir a ser, o que inclui necessária e estruturalmente as vicissitudes de sua experiência de filha” (2003, p. 34).

Os livros e o filme não tiveram grande impacto na construção da relação mãe e filha na novela, a não ser a questão presente tanto em Ferrante quanto em Beauvoir sobre a dificuldade em lidar – olhar e tocar – o corpo da mãe. Entretanto, o insight maior foi provocado por essa necessidade de ver a mãe como um sujeito mulher, que acendeu uma luz importante e me acompanhou até o final na elaboração da trama, trazendo respostas sobre como Raquel via a sua mãe, e como isso foi construído tendo em vista o arquétipo internalizado, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990, pelas telenovelas. A mulher que ocupava o papel de mãe era essencialmente “mãe” e não carregava, portanto, todas as subjetividades do sujeito mulher.

As dificuldades em estabelecer uma conexão entre mãe e filha foram constantes. Foi necessário o amadurecimento de outros personagens femininos para dar dinamismo à trama, sob pena de eu não conseguir contar a história. Responder à questão levantada no início sobre Madame Bovary, como tentativa de desenvolver a relação, direcionou-me ao conjunto de ensaios *Bovarismo Brasileiro*, da psicanalista Maria Rita Kehl. Kehl relembra que o termo

bovarismo foi calcado na personagem de Flaubert onde “à força de ter alimentado sua imaginação adolescente com literatura romanesca, ambicionou ‘tornar-se outra’ em relação ao destino que lhe era predestinado” (2018, p. 87), representando o projeto moderno de tornar-se autora do seu destino. Sueli saiu de Ferreira do Meio por julgar-se diferente do que era. A equação que culminaria na elaboração da narradora sobre o encontro com a mãe seria definida por duas questões: como foi sucedida essa tentativa de “conceber-se outra” de Sueli, e a imagem que Raquel fazia até aquele momento da figura da mãe, uma internalização, reflexo dos anos em que passou com ela assimilando os ideais maternos refletidos pelas telenovelas.

Na tentativa de identificar qualquer característica de Sueli que me ajudasse a dar contornos à personagem (ela ficou sempre à sombra na minha imaginação) criei posteriormente a sua vida pregressa, anterior ao nascimento da filha-narradora.

Ela vinha de uma família pobre, do campo, como tantas do interior, mas tinha (ela e a irmã Neusa) uma espécie de convívio familiar comunitário, em razão das dificuldades financeiras, algo como ter que ajudar os pais doentes, ter nisso a participação dos vizinhos, viver mais em contato com as pessoas. Quando casou em 1979, viu-se sozinha numa pequena casa com um homem que não amava. Os pais haviam morrido, e a irmã já estava casada. Pouco antes dessa época, os brasileiros modernos iniciavam uma fé na felicidade via consumo. O marido de Sueli, imbuído desse espírito, investiu tudo na mercearia, e contraiu dívidas, o que deixava o orçamento do lar mais apertado ainda. Contudo, no ano seguinte, a mercearia começou a dar algum lucro e conseguiram comprar uma televisão em preto e branco. Naquela época, a Rede Globo já havia se firmado em qualidade com o surgimento da televisão em cores em 1973, e a opulência transmitida pelas ondas contribuía para apagar do imaginário popular as lembranças da miséria em que o país estava, em larga escala, submerso. Uma dona-de-casa desinformada, conformada e solitária, ao ligar o botão da televisão entrava em sintonia com todas as outras, suas iguais, pelo resto do território nacional. A emissora anunciava que “o futuro já começou, hoje a festa é sua, hoje a festa é nossa, é de quem quiser, de quem vier...”<sup>6</sup>. As telenovelas já existiam há anos, e a vida dela passou a ser acompanhá-las e aguardar o tal futuro anunciado. Esperou até o fatídico dia em que saiu de Ferreira em 1999, vinte anos depois de ligar o botão. Quando Raquel nasceu, Sueli já vivia a vida das telenovelas. Na ausência do pai, a mãe como companhia dividia com ela todas as histórias fascinantes contadas pelo tubo mágico.

---

<sup>6</sup> Trecho da música que a Rede Globo usa até hoje. Seu elenco costuma cantar essa música em coro no encerramento do ano.

De *Vale Tudo* (1988) a *Pecado Capital* (1998) foram quase trinta telenovelas que as personagens assistiram juntas. Há muitas referências a elas durante toda a trama. De citações referenciadas direta de personagens até frases de encerramento para reflexão, bastante comuns neste período, e fundamentais para construir a cena do final da novela. Há sentenças que estão diretamente colocadas na boca das personagens, como no capítulo 19, quando Sueli diz à Raquel: *uma grande mentira precisa sempre de pequenas mentiras para ficar em pé*. Essa frase é a mesma que a personagem Helena (Regina Duarte) fala para Joyce (Carla Marins) em *História de Amor*, uma das cenas clássicas de encerramento, cujo tema central do enredo é o relacionamento entre mãe e filha.

Sem querer me aprofundar no tema sob o ponto de vista psicanalítico, bastou ler alguns enredos<sup>7</sup> e procurar por alguns estudos de simbolismos de mídia para identificação com o público, e cheguei no arquétipo da Grande Mãe. Nas novelas as mães são bondosas, carinhosas, acolhedoras. Sua missão é prover e cuidar. E assim, “como uma esponja, a televisão aspira e absorve tendências e necessidades emergentes, canalizando-as para sua programação” (KEHL, 2018, p.63). A versão que Raquel recebia era de uma mãe que deveria suportar todos os problemas do mundo com um sorriso no rosto, com doçura e bom humor, um ideal que acabava se confundindo com o que toda mulher forte representada no universo ficcional da telenovela, e que, à época, se misturava com questões íntimas e políticas, públicas e privadas. Essa ideia é a ponta do iceberg sobre relações entre mães e filhas de uma geração, cuja mediação foi feita pelo silêncio e pela televisão. Mas é importante ressaltar que se faltavam referências na literatura e no cinema sobre as relações entre mães e filhas, as mulheres brasileiras tiveram, e muito, essa relação explorada pelas telenovelas.

#### 1.4. A poltrona da sala: cenário social

A proposta era narrar a novela no tempo atual, e mostrar como o passado impacta o agora. Não podemos ser inatuais, por mais força que façamos, como disse Manuel Bandeira (1966, p.120, apud SALLES, 1998, p. 37), “somos duplamente prisioneiros: de nós mesmos e do tempo em que vivemos”. Mas que leitura eu poderia fazer sobre o tempo em que vivemos?

Anton Tchekhov escreveu, em uma de suas cartas, que ele não tinha uma concepção política, religiosa e filosófica. Mudava-as todo mês e por isso era obrigado a se limitar apenas à descrição de como suas “personagens amam, casam-se, procriam, morrem e de como elas

---

<sup>7</sup> Informações detalhadas sobre as telenovelas estão no site Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas.htm>.

falam” (1995, p. 102). Eu me sinto dessa forma hoje, confusa em relação ao que estamos vivendo.

Durante a escritura da novela, eu li bastante (na segunda parte deste ensaio, onde trato do Centro Secreto, eu falo sobre a lista de leituras – pretensiosa pela extensão e abrangência de conhecimento necessária para compreensão – que acreditei equivocadamente que conseguiria realizar) mas decidi contar aqui somente sobre duas visões filosóficas contemporâneas que usei como referência, ainda que corra o risco de parecer superficial. O que busquei foi uma compreensão sobre a realidade que eu achasse plausível e que pudesse calçar a história, entender os sujeitos sociais das minhas personagens dentro do tempo atual de forma simples.

A primeira tentativa de explicar a sensação de estranhamento do mundo atual que me chamou atenção veio por meio das breves leituras de *Sociedade do Cansaço* e *Sociedade da Transparência*. O filósofo coreano Byung-Chul Han, nestes dois ensaios, se utiliza de conceitos de outros filósofos para escalar seu pensamento e, ainda que não os referencie algumas vezes, ou que os rechace ao invés de agradecer pelas trocas polifônicas, dá pistas para enxergar melhor o tempo presente, de forma direta. Usei os termos e significados que o filósofo utiliza para embasar um cenário inicial onde as personagens fossem representadas dentro de um sistema social maior.

Han acredita que numa sociedade da transparência, onde todas as ações do indivíduo são monitoradas e subordinam-se a um processo de cálculo, governo e controle, “a coerção por transparência nivela o próprio ser humano a um elemento funcional do sistema, e nisso reside uma violência” (2017, p. 12-13). Assim, Raquel e Carlos são elementos funcionais de um sistema coercitivo, e o alimentam com seus trabalhos de vendedora de produtos de beleza e como gerente de pessoal em um call center. O casal recebe pagamentos comissionados, vinculados à quantidade de vendas realizadas, trabalhos representativos de um sistema capitalista de consumo, onde o valor a tudo nivela e planifica. Raquel também veste a máscara da maquiagem, representando a sociedade expositiva, na qual cada sujeito é seu próprio objeto-propaganda.

A relação também é mostrada inicialmente como uma relação de transparência. O casal, como recurso da atualidade, troca mensagens e fotos ao longo do dia, detalhando e provando o que estão fazendo. Nota-se um exagero de carência sobre saber do outro ou falar de si mesmo, que é inerente a vida moderna das redes sociais. A vida comum carece de novidades, a troca de informações, de certa forma, valoriza os momentos, mesmo que ordinários. “A sociedade da transparência não tolera lapsos de informação, nem lapsos visuais” (HAN, 2017, p. 17), há um amor domesticado e positivado pela fórmula do consumo e do conformismo. Para o filósofo,

“uma relação transparente é uma *relação morta*, à qual falta toda e qualquer *atração*, toda e qualquer *vivacidade*; totalmente transparente é apenas o morto” (2017, p. 16, grifo do autor). A tirania da visibilidade gera, ainda que inconscientemente, uma espécie de controle, na qual a lacuna coloca o indivíduo da relação sob suspeita. Como, em função da história, houve necessidade de Raquel esconder de Carlos o aparecimento da mãe, a transparência da relação será afetada, causando, num primeiro momento, uma desconfiança de Carlos com relação à Raquel.

Ao contrário de uma sociedade disciplinar<sup>8</sup>, a sociedade do desempenho, a que se refere Han, é uma sociedade na qual todos são empresários de si mesmos, portanto dependem somente de si, e ganham pela execução bem-sucedida do que realizam. A sociedade do desempenho acredita na positividade de que o indivíduo pode tudo, pode inclusive ser ele mesmo, o que incita a uma iniciativa pessoal, do projeto, da motivação, onde “o que nos torna depressivos seria o imperativo de obedecer apenas a nós mesmos. Para Alain Enrenberg (2008, apud HAN, 2015, 26-27) a depressão é a expressão patológica do fracasso do homem pós-moderno em ser ele mesmo”. Exigimos muito de nós mesmos, mas também vigiamos aos outros. Raquel e Carlos estão esgotados, depressivos ou apáticos. No início da narrativa percebe-se tal esgotamento pela tentativa de desempenharem o melhor que podem e pela cobrança que imprimem a si mesmos.

Este relacionamento será afetado pelo aparecimento da mãe de Raquel, que representa a fissura que Raquel evita, o contato com a negatividade, com a dor. “A subtração do amor é a experiência mais próxima ao mito da expulsão do paraíso terrestre, é o fim violento de ter um corpo celeste” (FERRANTE, 2017, p. 17). O abandono é a descoberta de que somos seres dispensáveis. É Raquel quem vai aceitar (ou não) abrir essa brecha de dor na vida positivada que vive, afinal, “o amor é domesticado e positivado para a fórmula de consumo e conformidade, no qual todo ferimento deve ser evitado. Mas sofrimento e paixão são figuras da negatividade” (HAN, 2017, p. 20).

Por outro lado, Sueli representa o personagem misterioso como contraponto à sociedade da transparência. Raquel não vai conseguir nominar o que ela sente pela mãe. Como diz Roland Barthes: “a incapacidade para nominar alguma coisa é sinal seguro de inquietação interior”

---

<sup>8</sup> A sociedade disciplinar diz respeito a sociedade do panóptico, termo cunhado pelo filósofo e jurista Jeremy Bentham em 1785 para designar uma penitenciária ideal, na qual um único vigilante, de um único lugar central, poderia observar todos os prisioneiros, sem que estes pudessem saber se estão ou não sendo observados. O panóptico de Bentham é um fenômeno da sociedade disciplinar, é uma instalação que visa o melhoramento pela vigilância. Podiam estar submetidas ao controle do panóptico: presídios, fábricas, hospícios, hospitais e escolas.

(1984, p.89). Essa inquietação dará sentido à vida da Raquel, e será a causa da transformação na vida da personagem. Para completar esse cenário, a tia Neusa e a vizinha, Bete, trarão elementos de ordem mística e religiosa (misteriosas, portanto, opacas), o constitutivo da fé típica do brasileiro, sobretudo do remediado, que tem como horizonte de vida o sistema capitalista, e como horizonte de redenção, a religião.

Outra questão social diz respeito ao fato da novela se passar entre periferias, fazendo a analogia com a costura através das linhas de ônibus que Raquel utiliza durante toda a história. As casas de Raquel e Sueli estão distantes mais de trinta quilômetros, em bairros geograficamente opostos (Zona Sul e Zona Norte), e momentos de reflexão da protagonista acontecem nas paradas ou dentro do transporte coletivo. Desta forma, as linhas desenrolam os novelos que alinhavam os pontos entre os deslocamentos, e tem como pano de fundo a cidade de Porto Alegre. Essa questão está posta na fala final da personagem, que consegue se perceber como elemento de um sistema, mais com característica de massa do que de indivíduo. Durante toda a trama, Raquel tem uma obsessão por números (de ônibus, frações sobre do que é feita a vida, percentagens sobre a importância das coisas), sua matemática pessoal é reforçada constantemente, e, aos poucos, ganha consistência de metáfora para sua própria condição de classe, uma classe lembrada através dos números nas estatísticas. Novamente o entendimento pelo pertencimento à massa e não como indivíduo.

As ideias do segundo filósofo que trabalhei para novela, Vladimir Safatle, entraram no final da construção para costurar o enredo. Agora me é perceptível que a desconstrução dos alicerces que foram pensados para as cenas, baseados nas ideias do filósofo e professor de filosofia da USP, se misturam à segunda parte do ensaio, e dizem respeito a questões mais profundas sobre os motivos pelos quais a escrevi. Para que eu consiga fazer essa desconstrução, depois de desenvolvido o texto ficcional, retorno ao trabalho já descrito, para enxergar melhor as camadas que fui construindo (ainda que heteróclitas) e dar sentido, sobretudo a este ensaio, tentando observar uma lógica. Portanto, de que forma as ideias de Safatle foram introjetadas à trama tentarei mostrar na segunda parte. Antes disso, quero recapitular etapas.

Comecei com um propósito geral, a partir dele veio a decisão sobre o conflito principal. Num segundo momento, construí um enredo, uma história simples e linear, com acontecimentos pontuados e reveses definidos. Com essa base, passei às experimentações teóricas sobre escrita criativa de forma objetiva (e retorno a elas depois de forma subjetiva): narrador, tempo verbal, tom. Num quarto momento, busquei por uma consciência maior sobre as relações afetivas entre as personagens. Só no último instante é que começaram as perguntas que considere mais difíceis: como as ações das personagens refletem um estado de espírito coerente com nosso

tempo? Qual é o papel da arte contemporânea no cenário atual? O que eu, como autora, posso captar sobre o país e sobre o nosso tempo? Todas essas camadas têm relevância específica e contam a minha evolução nesses dois anos em que estive cursando o mestrado na PUCRS, um crescimento, sem dúvida, na forma de escrever, mas também, uma transformação na maneira de compreender o país e o mundo: uma revolução interior.

### 1.5. Arremate: O Título

O título inicial, *As donas da trama*, continha as ideias sobre a questão feminina (As donas) e ao mesmo tempo brasileira (as tramas de telenovelas). Esse título caracterizava uma história incipiente que acabaria sendo trabalhada com mais complexidade. Não houve mudanças no título até a primeira versão estar finalizada.

Na troca do título para *Entre outras mil* pude observar um ganho de densidade por três motivos: a frase foi retirada do Hino Nacional Brasileiro, brasilidade que perpassa todo texto; *Outras* dá a ideia do feminino que permeia a história, bem como, abrange o conceito de bovarismo, de “tornar-se outra”, de se ver como outra e não como a si mesma, e está na gênese; *Mil* multiplica essas mulheres em muitas, como de fato o são, ao mesmo tempo que é também um algarismo, corroborando a obsessão da personagem Raquel com os números, e que acabou sendo uma metáfora da condição de muitas mulheres.

## **Segunda parte: em busca da subjetividade**

### 2.1. História oculta, Cadafalso e Centro Secreto

Nesta parte, eu quero esmiuçar uma questão que acabou se sobrepondo a todas as demais, antes mesmo que eu me desse conta. No início, pensei em não a tratar aqui, dada a impalpabilidade da matéria, mas fui desafiada a falar sobre o assunto e é isso que faço. Eu tenho o hábito de tentar encontrar uma síntese, a verdadeira questão por trás de uma obra, tanto nos livros quanto nos filmes. Lembro-me que eu tinha treze anos quando assisti ao filme *Ligações Perigosas* e fiz uma anotação no meu diário: é um filme sobre vaidade. Essa tentativa de sintetizar sempre foi algo instintivo em mim. Talvez seja exatamente isso que, todos nós, leitores, fazemos quando lemos uma obra.

Durante um bom tempo, a razão pela qual eu lia um determinado livro tinha mais a ver com o tema da obra do que com a história em si. De certa forma, a história pouco importava. Nessa época, eu era fã de livros de aventuras que tratavam de coragem e solidão: alpinistas, navegadores, peregrinos. Autores que tratavam disso eram meus companheiros, de Jack London a Amyr Klink. Ou eu condensava o tema de que tratava a obra ou eu escolhia em função disto. Eu achava que as histórias partiam da necessidade imperiosa do autor de tratar de um determinado assunto, e nunca só de narrar uma trama.

Quando eu decidi me inscrever no mestrado em Escrita Criativa já havia feito algumas oficinas e observado um detalhe no meu processo criativo que tinha a ver com essa trajetória anterior. Se eu tivesse uma semana como prazo para escrever um conto, eu somente sentava para escrevê-lo no sexto dia, e passava os anteriores tentando definir com a maior precisão possível sobre o que queria tratar. Algumas vezes, a falta de precisão sobre o assunto gerava contos desastrosos; outras vezes, o assunto inicial era totalmente metamorfoseado por algo represado, ou recalçado, dentro de mim. Mas o processo era sempre o mesmo: trabalhava o tema de casa em minha cabeça, com as leituras daquela semana; refletia o que eu pensava sobre o assunto; buscava mais informações; e tentava constituir uma ideia mais clara e profunda. Só então, escrevia.

Numa dessas oficinas eu aprendi a respeito da tese<sup>9</sup> do Ricardo Piglia sobre haver duas histórias presentes no conto: uma que é narrada na superfície e outra oculta, e esta última era a chave da arte de escrever. A partir da relação entre estas duas histórias, a máquina narrativa no conto entraria em funcionamento. Eu trouxe à tona, com esse conhecimento extra, a minha característica de buscar a síntese do que é tratado numa obra, e intuí que talvez tivesse a ver com essa história oculta. Mais tarde, no grupo de estudos<sup>10</sup> ao qual pertenço, sobre escrita e teoria literária, estudávamos Borges quando o coordenador falou que uma de suas características é que sua história oculta é sempre a mesma: a matemática do universo. Conto essas histórias pois creio que contenham a semente do meu interesse pela busca da ideia principal. Por exemplo, no caso do conto *Colinas como Elefantes Brancos*, de Ernest Hemingway, a história oculta é o aborto, ainda que em nenhum momento do conto ele fale

---

<sup>9</sup> “Primeira tese: um conto sempre conta duas histórias (...) Cada uma das duas histórias é contada de modo distinto. (...) O conto é um relato que encerra um relato secreto. Não se trata de um sentido oculto que dependa de interpretação: o enigma não é outra coisa senão uma história contada de um modo enigmático. A estratégia do relato é posta a serviço dessa narrativa cifrada. Como contar uma história enquanto se conta outra? Essa pergunta sintetiza os problemas técnicos do conto. Segunda tese: a história secreta é a chave da forma do conto e suas variantes” (PIGLIA, 2004. p. 89-91).

<sup>10</sup> Desde 2016 eu participo do GPELE, Grupo Permanente de Estudos sobre Literatura e Escrita, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite, professor do Instituto de Letras e coordenador da Especialização em Literatura Brasileira na UFRGS.

diretamente sobre o assunto. Mas a tese de Piglia deixa claro que essa história oculta está restrita à escritura do gênero conto, e que não se aplicaria ao romance, dada a sua complexidade.

Quando entrei para o mestrado, eu tinha apenas escrito contos, e sempre me debruçado sobre eles tendo a história oculta como a parte mais importante, a razão pela qual todas as outras coisas existiam: enredo, personagem, narrador, foco narrativo, estilo, tom. Tudo estaria a serviço da história oculta, na minha forma incipiente de pensar. Ocorre que, quando entrei no curso, decidi que iria escrever uma novela (no início era um romance). Cheguei, no primeiro semestre, a fazer uma pesquisa sobre o conceito de novela<sup>11</sup> e as suas diferenças em relação ao romance, para que tivesse mais clara essa questão. Essa pesquisa, partiu de um trabalho solicitado pela professora Maria Eunice Moreira para a disciplina *Teorias da História da Literatura*, e acabou sendo apresentado no *Seminário Internacional de História da Literatura*, com a proposta de fazer um levantamento para uma historiografia das novelas literárias brasileiras. Na ocasião, fiz uma sugestão de nove novelas<sup>12</sup> que considerei relevantes para mostrar o desenvolvimento do gênero e como ele acompanhou a história política e social brasileira.

Neste instante, algo me ocorreu e não obtive resposta até então: na novela, essa subjetividade de intenção está ligada mais à história oculta do conto ou ao centro secreto<sup>13</sup> do romance? Não existe nada que indique a equivalência de uma coisa com a outra, mas talvez em algum ponto haja intersecção. Talvez a imprecisão com que se trabalhe o gênero novela no Brasil permita esse questionamento. A escassez de aparatos críticos registrados, sobretudo no campo literário brasileiro, frustra uma discussão mais precisa sobre o gênero, embora a novela literária seja citada na maioria dos livros de histórias da literatura brasileira desde o século XIX, como em Silvio Romero, em *História da Literatura Brasileira*.

Como eu tinha trabalhado apenas com as questões da história oculta, as reflexões que fiz a partir disso desembocaram, de alguma forma, quando encontrei Camus falando sobre

---

<sup>11</sup> Henry James definiu a novela como uma ‘pintura’ consistindo-se de ‘efeitos ricamente sumarizados e encurtados’; um ‘tipo fino de composição’ que permite ‘sombras e diferenças, variedades e estilos, o valor de uma ideia desenvolvida com alegria acima de tudo’; seu principal mérito e marca é o esforço de fazer uma coisa complicada com uma forte brevidade e lucidez - para chegar, em nome da multiplicidade, à uma certa ciência do controle. Assim, James admirava a forma pela oportunidade que oferece em desenvolver um grande tema (a coisa complicada), observando a mais restrita economia. (LEIBOWITZ, 1974, p. 130)

<sup>12</sup> Neste artigo, minha proposta era escrever uma historiografia da literatura baseada no gênero novela em seis capítulos: 1) **O cientificismo**, com *O Alienista*, de Machado de Assis; 2) **A novela dramática e os problemas sociais brasileiros**, com *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector, e *Manhã Transfigurada*, Luiz Antonio de Assis Brasil; 3) **A novela satírica**, com *O Exército de um Homem Só*, de Moacyr Scliar, e *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro; 4) **A novela na Ditadura Militar**, com *Um Copo de Cólera*, de Raduan Nassar; 5) **O apogeu da poética**, com *Corpo de Baile*, de João Guimarães Rosa; 6) **A novela desesperada da contemporaneidade**, com *O Triângulo das Águas*, de Caio Fernando Abreu.

<sup>13</sup> Essa nomenclatura será explicada com detalhes mais adiante.

cadafalso. Talvez eu pudesse pegar o caminho da história oculta para desenvolver dentro do gênero novela, ou como ela se aplicaria à novela. Mas acabei me direcionando para a subjetividade da ideia fundamental existente nas obras de autores do gênero romance.

Voltando para a preparação da prova do mestrado, quando eu precisei ler *A inteligência e o cadafalso* do Camus, o ensaio que dá título ao livro me deixou desconsertada. Estaria ali algo sobre aquilo que eu queria tanto descobrir para os meus escritos? Eu achava que sim. Na verdade o que eu achava era que Camus trazia à tona a importância daquilo que eu também achava importante, e ele chamava de cadafalso<sup>14</sup>. Foi assim que eu interpretei à época: o mestrado me ajudaria com a inteligência. Eu aprenderia a parte possível de se ensinar a um escritor: engrenagens, forma, composição, estrutura, em suma, os processos técnicos relativos ao texto. Essa parte da inteligência seria a forma com que eu domaria o assunto, ou, nas palavras de Camus, “a grandeza dessa arte altiva está em fazer sentir que seus limites foram estabelecidos com intenção. Tão logo eles desaparecem a obra inteira ressona” (1998. p. 22). O assunto ressonaria, a essência vital sublimaria. Para tanto, era preciso compreender e dominar a técnica, pois “a harmonia dessa arte deve tudo à inteligência e a seu esforço de dominação” (CAMUS, 1998. p. 17). A técnica aprendida seria como um barco que levaria a minha intenção fixa como autora à outra margem, e essa intenção poderia seguir ressonando sozinha, e misturando-se ao repertório reflexivo de cada leitor.

Eu acreditava estar no caminho certo, na conquista da inteligência como aluna do mestrado. Mas e o cadafalso? Como se forma ou se encontra nosso, ou nossos, cadafalsos? Eu teria que encontrar sozinha “uma ideia profunda cuja repetição dá sentido à obra” (CAMUS, 1998. p. 21)?

Voltamos então à questão da novela que eu teria que apresentar formatada já no primeiro semestre, e eu não fazia a melhor ideia sobre o que falaria. Eu teria uns dois ou três meses para apresentar uma história, e a criação do enredo nada teve a ver com ter estabelecido uma ideia profunda e obstinada. Criei uma história simples com os elementos que eu conhecia, dentro daquele aspecto relação mãe e filha com identidade brasileira. Estabeleci personagem, cronologia, capítulos e trama. Parecia que era preciso, simplesmente, escrever.

Não foi bem assim.

---

<sup>14</sup> No texto, Camus ressignifica o termo *cadafalso* de uma história popular sobre Luís XVI, quando, a caminho da guilhotina, quis que um dos guardas enviasse uma mensagem à Rainha, tal serviçal deu a seguinte resposta ao Rei: “Não estou aqui para prestar-lhe serviço; estou aqui para conduzi-lo ao cadafalso”. Partindo desta frase, Camus sugere que os autores clássicos franceses são como este serviçal: têm em comum, diferente dos escritores de outros países, o propósito de fazer o seu trabalho e conduzir os leitores: “sua única preocupação parece ser a de levar suas personagens, imperturbavelmente, ao encontro do que as aguarda” (1998. p. 15).

Eu comecei a escrever, e o recheio da história não crescia. Onde estava escondido o cadafalso? Estava naquela história? Estava na minha história de vida? Nos motivos pelos quais eu escrevo? Nos motivos pelos quais eu estava escrevendo aquela história especificamente? Estava na consciência do meu lugar no mundo? No meu papel de filha? No meu papel de mulher? Na minha aventura neste mundo como ser humano?

O texto de Camus me deu uma ideia (e até aquele momento era a única coisa que eu tinha neste sentido) de que o cadafalso era único para cada autor, não para cada obra. Ou seja, eu imaginava que eu precisava de um conhecimento muito mais profundo do que eu tinha sobre a vida, a natureza humana e a própria literatura. Era preciso encontrar o motivo, o tema subjetivo, o substrato que sustentava e motivava a trama, a ideia fundamental que eu repetiria em todos os meus livros (?!). Era preciso que eu cavoucasse para descobrir para onde conduziria minhas personagens. Eu achava que precisava saber exatamente onde eu queria chegar, antes de voltar a escrever, e essa busca me bloqueou durante um bom tempo.

Quando pensei a história de Raquel e Sueli, eu não tinha qualquer intenção clara, a não ser a de contar uma história que tivesse os elementos de uma história de mulheres criadas no interior do Brasil, onde o entretenimento e a comunicação eram mediados pela televisão. Eu não sabia onde eu queria chegar, eu não sabia levar minhas personagens “ao encontro do que as aguardava”. Afinal, o que as aguardava?

Eu fiquei realmente confusa sobre o que era meu cadafalso e fui pesquisar mais. Será que meu assunto estava “incrustado nas serpenteantes cordilheiras da mente”, como sugere Patti Smith?” (2018, p. 43). Onde estaria a pista sobre a “coisa mais profunda – em outras palavras, sobre o que o Tolstói chama de o sentido da vida?” (PAMUK, 2011, p. 26). Todos falavam, mas ninguém dava dicas objetivas de como chegar lá. Dias Gomes (1982, p.142, apud SALLES, 1998, p. 33) explicou que “o que vem primeiro não é a ideia, nem a história ou os personagens, é a angústia”. No meu caso não foi assim, a minha angústia chegou neste momento que descrevo, quando comecei a andar em círculos.

A confusão em que me meti foi tão grande, como pode ser percebida nas figuras 04 e 05, tentando eu mesma sistematizar um meio de chegar lá (esse “lá” era nebuloso, não passava de uma intuição, mas era tão forte que eu não tirava da cabeça, falava repetidamente sobre isso sem ninguém entender exatamente o que eu queria dizer). Na primeira figura, eu estava uma mistura de adolescente enlouquecida em busca do sentido da vida com o personagem patético do autodidata<sup>15</sup> em *A Náusea*. Eu achei que deveria conhecer sobre filosofia, sociologia,

---

<sup>15</sup> O autodidata é um personagem de *A Náusea*, do Sartre, que se considera culto por ter lido quase todos os livros da biblioteca em ordem alfabética e se acha conhecedor de todos os saberes, mas não passa de um idiota.



A figura número 05 mostra que, concomitantemente ao *Desafio Master*, eu comecei a investigar a origem das ideias de outros autores. Meu objetivo era tentar encontrar alguma relação entre essas ideias iniciais e o cadafalso, ou seja, eu estava realmente empenhada em encontrar algo que eu não sabia o que era. Chegou a me ocorrer que, se eu não encontrasse nada, faria um ensaio sobre uma compilação de possíveis lugares onde encontrar ideias. Depois percebi que muitas das ideias de grandes obras saíram de notícias de jornal, e acabou a minha pesquisa.

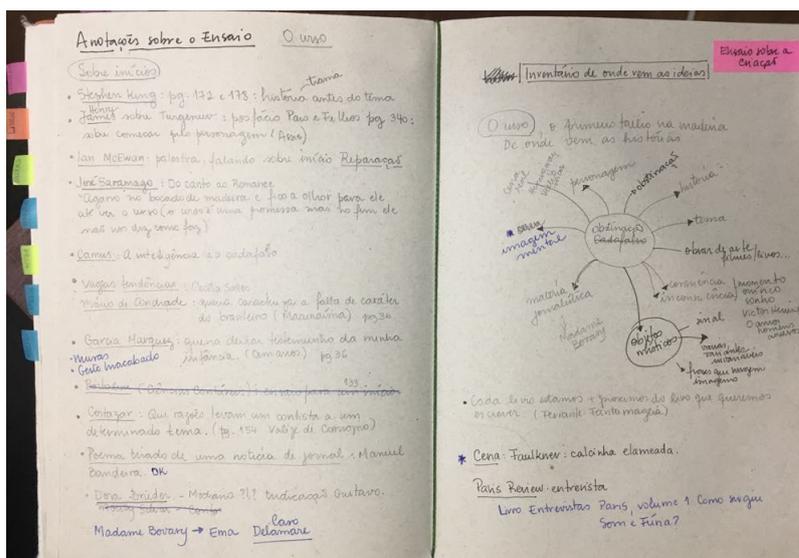


Figura 05: Em busca do cadafalso perdido

Ao mesmo tempo que essas questões sobre a ideia mais profunda iam tomando cada vez mais importância no processo de escrita, eu ia buscando nos processos criativos de outros autores pistas sobre o cadafalso, exemplos que eu poderia utilizar para, quiçá, elucidar minhas próprias ideias acerca do mundo. Para Camus, existe em Marquês de Sade, Stendhal e Marcel Proust o ensinamento de um estilo de vida em seus romances, particular a cada um. Segundo Camus, eles diziam apenas uma coisa em todos os livros e nada além dela, e eram “feitos de uma independência calculada e de uma recusa clarividente” (1998, p. 23). Camus aponta exemplos de cadafalsos possíveis para esses autores: o pecado tornado legítimo em Sade; as litâneas de energia em Stendhal; a ascese heroica de Proust para remodelar a aflição humana numa experiência privilegiada.

Stephen King analisa ele mesmo a sua própria temática (cadafalso?). Ele não aglutina da mesma forma concisa que Camus faz com seus pares. Ele elenca alguns assuntos que chamou de interesses mais profundos: “o por quê de ser tão difícil fechar a caixa de Pandora da Tecnologia; por quê de, se existe Deus, tantas coisas terríveis acontecerem; a terrível atração

que a violência por vezes exerce sobre as pessoas boas; o poder de cura da imaginação” (2000, p. 177).

Ao mesmo tempo, King achava que começar uma história com as questões e preocupações temáticas seria uma receita para fazer uma ficção ruim: “a boa ficção sempre começa com a história e progride até chegar ao tema, ela quase nunca começa com o tema e progride até a história” (p. 178). Confesso que somente nesse momento comecei a relaxar com relação a essa coisa que eu não nominava e nem sabia se estava no caminho de encontrar. Logo em seguida, Stephen trouxe uma alternativa: colocar uma história no papel e depois pensar sobre ela, “uma vez que a história esteja no papel, porém, é preciso pensar no que ela significa e enriquecer as versões posteriores com suas conclusões” (p. 178).

King representou um respiro para mim com o seu *Sobre a Escrita*, dando a dica de que escrevia primeiro todo o livro e somente depois dava um passo atrás para “contemplar a floresta”, e tentava encontrar essa “alguma coisa” só a partir da segunda versão. Os prazos estavam acabando, e eu já tinha perdido tempo demais, meses, nisso tudo. Voltei a escrever a história sem pensar mais sobre o assunto.

Muito tempo depois desse dia, em que desisti de tentar encontrar algo que nem conseguia nominar, eu terminei de ler *O romancista ingênuo e o sentimental*, do Orhan Pamuk, e encontrar o que eu buscava. Lá estava ele, no último capítulo do livro, e levava seu próprio nome: Centro. “Qual o centro? Qual o verdadeiro assunto?” (2011, p. 114) se perguntava Borges ao ler *Moby Dick*. Era um capítulo esmiuçando a questão. Pamuk também trazia a metáfora da floresta utilizada por King, onde “escrever um romance pode ser como atravessar uma floresta, dedicando apaixonada atenção a cada árvore, registrando e descrevendo cada detalhe” (p. 110). No entanto, ele advertia que, mesmo que nos distanciássemos e enxergássemos a floresta, sempre haveria algo de misterioso encerrado na paisagem, “algo mais profundamente significativo que a soma de todas as árvores (...), uma persistente inquietação” (p. 110).

Numa coisa eu parecia estar certa: o centro (que não é o tema, nem o assunto, talvez seja o cadafalso de Camus, mas Centro, nominado por Borges, Henry James e Pamuk) era exatamente o que eu desejava vislumbrar, entender, que eu pressentia ser indispensável, é o elemento mais importante do livro, “é a luz cuja fonte permanece ambígua, mas que mesmo assim ilumina a floresta inteira (...) Só enquanto sentimos a sua presença podemos prosseguir” (PAMUK, 2011, p. 113).

Nesta fase, eu ainda estava longe de entender do que se tratava. Pamuk diz que alguns romancistas, cientes de que o centro do romance vem pouco a pouco com sua tessitura,

começam seus trabalhos sem planejamento; já outros, decidem o centro bem no início do trabalho e não fazem concessões, como Tolstói em *Guerra e Paz*. Mas o método de Tolstói “é muito mais difícil do que escrever sem planejamento ou sem considerar um centro, sobretudo nas partes iniciais” (p. 115). Eu fui do primeiro time, e segui em frente sem planejamento, no escuro, mas com esperança de perceber a luz.

## 2.2. Centro, tempo e sujeito

A partir do ensaio de Orhan Pamuk sobre o centro, comecei a buscar os centros de outros livros, e isso também me ajudou a tentar perceber melhor o meu texto. A busca pelo centro é constante e muda conforme o tempo, como ele se dilata e comprime. Pode mudar com o espaço, pode mudar para o leitor. É um ponto de fuga, ou um ponto de convergência, tão pouco estático e determinado como o de qualquer sujeito.

O primeiro centro que pensei foi bastante simplista. Estava baseado em uma parte da autobiografia do escritor grego Nikos Kazantzakis, num trecho em que ele fala sobre sua própria percepção da realidade. Dizia ele que a recriava “mais luminosa, melhor, mais adequada aos seus propósitos” (1975, p. 36). Passei a pensar sobre essa recriação da realidade pela minha personagem Raquel como uma confluência para o centro, sobretudo a partir de uma ideia quase infantil de Nikos: “A mente grita, explica, demonstra, protesta, mas dentro de mim uma voz se levanta e grita: ‘Quieta, razão. Ouçamos o coração.’ Que coração? A loucura, a essência da vida. E o coração começa a cantarolar” (1975, p. 36).

Seria como se o centro pudesse ser orquestrado a partir do fato de Raquel mover-se no tempo atual na realidade – através de Bete e Carlos (centro macro); e no tempo mágico – através de Neusa e de Sueli (centro micro, a fabulação). O centro do romance seria a forma de Nikos encarar a realidade, evocando o coração a cantar. Isso justificaria o fato de que escolhi um momento na história brasileira bastante confuso, mas que enfrentá-lo também pressupunha distorcer a realidade com imaginação, mesmo que os meios parecessem impossíveis. Isso também estaria refletido no fato da protagonista ser vendedora de produtos de beleza.

Em algum momento do processo criativo eu comecei a me perguntar quem eram Bete e Carlos, Neusa e Sueli na vida de Raquel, que papéis essas pessoas representavam e como poderiam ser vistas como partes de uma engrenagem maior, que equilibravam a personagem principal entre o mundo real e remediado e o mundo imaginário e iluminado. É a Raquel a protagonista, ela tem a capacidade (porque vivia a fantasia da telenovela com a mãe, da mística com a tia Neusa, e o faz também através dos livros) de maquiar, iluminar, bronzear a realidade

para torná-la mais palatável, pois assim o trivial poderia se tornar belo pela simplicidade ou pelo ponto de vista. Nesse caso, caberia a Raquel o apuro entre o kitsch novelesco e mágico do sincretismo religioso, em uma forma mais límpida e bonita de imaginar a realidade.

Em um dos vários momentos entre essa primeira tentativa de pensar sobre o meu centro e outras, voltei a Borges e ao *Moby Dick* (outras possibilidades decidi retirar deste ensaio para que não ficasse demasiado longo e por serem centros que tão logo pensados, dissolveram-se). Voltando a Pamuk falando sobre Borges e *Moby Dick*<sup>16</sup>, sobretudo quando o argentino fala que o livro de Melville assume a dimensão do cosmos, isso me levou ao próprio Borges. E como o processo criativo é anacrônico, eu voltei também à história oculta, em que ele escrevia sobre a matemática do universo. Tanto Borges como Melville fazem parte do meu processo de formação como leitora e pelo simples motivo de Pamuk ter falado de ambos, em um texto sobre o centro, fui pesquisar em Borges o que poderia ajudar meu inconsciente a trazer à tona a questão do centro. O que parece mais o centro do universo do que o próprio Aleph? Não poderia falar em processo criativo sem perceber sua intangibilidade. Ocorreu-me buscar o conto *O Aleph* e tentar encontrar nele um portal para meu centro (nada de estranho se pensarmos que a própria novela tem a metafísica incrustada). No conto, tão logo o personagem é convidado a conhecer o Aleph ele recebe instruções como “já sabes, o decúbito dorsal é indispensável”, ou outras coisas falíveis dentro do processo da criação: “a escuridão, a imobilidade, certa acomodação ocular. Deita-te no piso de tijolos e fixas olhar no 19º degrau da escada. Em poucos minutos verás o Aleph. O microcosmo de alquimistas e cabalistas” (2007, p. 751).

Para ver o Aleph, além de leituras, vivências, experiências, filmes, conversas, eu precisei olhar para muitos “19º degraus”. Nesse ínterim, acabei sendo afetada pelas palestras do professor Vladimir Safatle e seu livro *O Circuito dos Afetos*. As ideias do filósofo acabaram interferindo na reta final pela identificação que estava buscando durante os dois anos, não apenas de ordem da compreensão sobre os acontecimentos políticos e econômicos, mas, sobretudo, por tratar do assunto por vieses nunca antes pensados por mim, mas que pareciam me ajudar a conduzir as minhas personagens ao que as aguardava. Eu parecia ter encontrado a luz que estava buscando. Talvez a tarefa mais difícil de todo o processo seja a desconstrução que me propus a fazer neste ensaio sobre essas questões subjetivas.

---

<sup>16</sup> “Qual o verdadeiro centro?”, dizia Borges sobre *Moby Dick*, ‘no início, o leitor pode achar que o assunto é a vida difícil dos pescadores, mas então, começamos a perceber que o assunto é a loucura do capitão, empenhado em perseguir e aniquilar a baleia branca’. E, de fato, os capítulos intermediários de *Moby Dick* parecem um romance psicológico, analisando o caráter único de um homem poderoso tomado de ira obsessiva. Por fim, Borges nos lembra que o verdadeiro assunto e o centro são algo totalmente diferente: ‘página por página, a história cresce até assumir as dimensões do cosmo’ (PAMUK, 2011. p.111).

Antes de elencar algumas das ideias que me levaram às ações finais das personagens, gostaria de deixar registrada uma intervenção importante. Um amigo fez uma leitura crítica da novela que me ajudou a entender o que eu poderia buscar especificamente. Ele disse que havia uma transformação no que a protagonista sentia do capítulo 19 (primeiro encontro com a mãe) e no capítulo 21 (segundo encontro com a mãe). Existe uma elaboração, disse ele, “que não foi contada ao leitor”. No entanto, ele alertou ser uma decisão minha, e que dependendo de como eu visse a história poderia expor ou não o que se passava com a personagem. Decidi que queria expor. Escolhi que o livro fosse uma forma de entrar em contato com um leitor conhecedor de telenovelas, cuja narradora se expressa habilmente com palavras simples. Eu gostaria de facilitar também a compreensão sobre as transformações internas da personagem.

Duas questões centrais debatidas por Safatle, e apropriadas para desenvolver uma conclusão para a trama, dizem respeito: ao fim da ideia de propriedade, a dissolução do indivíduo para compreensão das subjetividades de um corpo político (Raquel deixando de perceber a mãe como “minha mãe”, e passando a percebê-la como uma mulher); a suspensão da esperança e do medo como possibilidades de futuro (tornar o futuro indefinido como forma de construí-lo sobre outras bases, “cabou o futuro”, diz a Cigana, e nessa mesma lógica os dois pontos finais, que pressuporiam depois uma frase de reflexão, como nos finais de telenovela, mas que segue em branco a fim de propor uma construção coletiva).

Ambas ideias se baseiam numa sociedade que possui o medo como afeto primordial, assunto que vem sendo tratado desde, pelo menos, Hobbes, cuja citação canônica diz que “de todas as paixões, a que menos faz o homem tender a violar as leis é o medo” (apud SAFATLE, 2016, p. 16). Segundo Safatle “só nos liberaremos de tais modos de determinação de sujeitos à condição de mostrar a viabilidade de pensar a sociedade a partir de um circuito de afetos que não tenha o medo como fundamento” (p. 18). A tese é de que o medo é indissociável da condição de indivíduo que possui interesses e fronteiras a serem defendidas. Nesse sentido, o indivíduo se relaciona com o outro, sobretudo, por contratos estabelecidos, onde definem limites e obrigações diante de um terceiro. O filósofo imagina uma sociedade sem a ideia de propriedade, sem a ideia de que as pessoas sejam exclusivamente “minhas” (mãe, pai, marido...), isso remonta a novela no sentido da transformação de Raquel com relação a mãe, que até o capítulo 19 ainda estava sendo vista com o olhar do arquétipo da Grande Mãe. A partir do capítulo 21, Raquel passa a tratar a mãe como um sujeito mulher (quebra do contrato) sem o peso da responsabilidade maternal ideal, portanto passa a ter uma abertura para pensar junto com ela, como mulher, outros aspectos da vida, que não apenas os que se desdobrem na condição de abandono. Ou ainda, na situação de desamparo causada pelo abandono, enquanto

“estar desamparado é deixar-se abrir a um afeto que me despossei dos predicados que me identificam” (p. 21), sem cobrança, apenas a contingência de uma situação mais ampla, cuja necessidade de vislumbre de um mundo com novas formas de pensamento e ação sejam o ponto de partida.

A segunda questão levantada por Safatle diz respeito a projeção de futuro tendo como base o medo, e em contraposição a ele, a esperança. O primeiro tende a “construir a imagem da sociedade como corpo tendencialmente paranoico, preso a lógica securitária” (p. 20), o que precisaria de um estado permanente de insegurança e violência entre indivíduos. Por outro lado, a esperança seria um antídoto para se contrapor a esse corpo paranoico. Nesse sentido, eles se retroalimentam, ou como diz Lacan “viver sem esperança é viver sem medo” (apud SAFATLE, 2016, p. 20). Ambos têm como raiz temporal a expectativa, tratando-se de buscar sinais futuros positivos ou negativos. A ideia aqui é de suspender a expectativa, a suspensão de uma resposta imediata, ou “o que entendemos como contingência não a um acontecimento contra o qual a unidade do corpo político se defende, mas, a princípio, através do qual ele, paradoxalmente, se constrói” (p. 22). Por isso, as palavras da mística sobre o futuro – o fim – tanto da esperança como do medo projetados, a tentativa da Raquel de lidar com a contingência, e da novela terminar com os dois pontos, abrem a possibilidade de uma reflexão que ainda está por vir, e que necessita, para tanto, da experiência do leitor. Ao término do ensaio essas são as ideias que parecem iluminar o centro.

Minhas tentativas de encontrar o centro são formas legítimas de me perguntar sobre os porquês de escrever essa história, sobre meu pertencimento a uma época, mas na verdade, “o que nunca termina de ser respondido é o essencial” (TAVARES, 2013. p. 27). Outros centros surgirão, outros centros poderão ser criados ou revelados. Mas se “um texto é o processo pelo qual um tempo escreve sobre si mesmo através de certos autores” (SAFATLE, 2017, 1:26:18), então o centro não pode ser definido exclusivamente pelo autor, este é mero condutor. Ele tateia no escuro de sua busca pessoal, sabendo que essa busca é somente a primeira etapa no processo de reconhecimento que se dará na fruição da experiência de leitura e, portanto, de novos e infinitos centros em devir.

## Referências

- ADORNO, Theodor W., *Notas sobre Literatura I*, Tradução Jorge de Almeida, Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.
- ANGELIDES, Sofia. A.P.Tchekhov: *Cartas para uma Poética*. São Paulo: EDUSP, 1995
- ANGELOU, Maya. *Mamãe & Eu & Mamãe*. Tradução Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BRUM, Eliane. *Uma Duas*. Rio de Janeiro: Leya, 2011.
- BEAUVOIR, Simone. *Morte Serena*. S/T. Lisboa: Minotauro, 1966.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas I*. Buenos Aires: Planeta, 2007.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMUS, Albert. *A Inteligência e o Cadafalso e outros ensaios*. Tradução Manuel da Costa Pinto e Cristina Murachco. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- FERRANTE, Elena. *Fantumaglia*. Tradução Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Um amor incômodo*. Tradução Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Tradução: Araújo Nabuco. São Paulo: Martins Editora: s/d.
- FOSTER, E.M. *Aspectos do Romance*. Tradução Sergio Alcides São Paulo : Globo, 2005
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Sociedade da transparência*. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- HEMINGWAY, Ernest. *Contos – Volume 2*. Trad. J.J. Veiga. Rio de Janeiro: Bertrand, 2015.
- JAMES, Henry. *A Arte da Ficção*. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2011.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB, 2013.
- KEHL, Maria Rita. *Bovarismo Brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2014.

- KAZANTZAKIS, Nikos. *Testamento para El Greco*. Tradução Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.
- KING, Stephen. *Sobre a escrita*. Tradução Michel Teixeira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- MELVILLE, Hermann. *Moby Dick*. Tradução Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- PAMUK, Orhan. *O romancista ingênuo e o sentimental*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PIGLIA, Ricardo. *Formas Breves*. Trad. José Carlos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- RODRIGO, Antonina. *Mujeres para la Historia: La España Silenciada del Siglo XX*. Barcelona: Carena, 2003, p.10.
- ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Autêntica, 2016.
- SAFATLE, Vladimir. Palestra Litercultura primeiro capítulo, ano 5. 2017. (1:26:18). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h5elywoJZWc>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- SALLES, Cecília Almeida. *Gesto Inacabado*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998,
- SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Tradução: Rita Braga Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SMITH, Patti. *Devoção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SONATA DE OUTONO, Direção: Ingmar Bergman. França, Suécia e Alemanha: Personafilm, 1986. 99 minutos.
- TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do Corpo e da Imaginação: teoria, fragmentos e imagens*. Alfragide: Caminho, 2013.
- TOLSTOI, Liev. *Anna Kariênina*. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- XAVIER, Nilson. *Almanaque da Telenovela Brasileira*. São Paulo: Panda Books, 2007.
- ZALCBERG, Malvine. *A Relação Mãe e Filha*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003

Informações sobre as telenovelas estão no site Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas.htm>. Acesso em 16 nov. 2018.